



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Laura Martins dos Reis

**ENTRE O SILÊNCIO E A OBRA: A TRAJETÓRIA POLÍTICA E LITERÁRIA DE LIA
CORRÊA DUTRA NO PERÍODO DE 1930 A 1957**

GOIÂNIA
2026



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE HISTÓRIA

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES

E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

] Dissertação] Tese] Outro*: _____

*No caso de mestrado/doutorado profissional, indique o formato do Trabalho de Conclusão de Curso, permitido no documento de área, correspondente ao programa de pós-graduação, orientado pela legislação vigente da CAPES.

Exemplos: Estudo de caso ou Revisão sistemática ou outros formatos.

2. Nome completo do autor

Laura Martins dos Reis

3. Título do trabalho

Entre o silêncio e a obra: a trajetória política e literária de Lia Corrêa Dutra no período de 1930 a 1957

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento] SIM] NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

- a) consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);
 - b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.
- O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Laura Martins Dos Reis, Discente**, em 08/12/2025, às 14:33, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Joao Alberto Da Costa Pinto, Professor do Magistério Superior**, em 08/12/2025, às 14:33, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5843310** e o código CRC **0410F4F6**.

LAURA MARTINS DOS REIS

**ENTRE O SILÊNCIO E A OBRA: A TRAJETÓRIA POLÍTICA E LITERÁRIA DE LIA
CORRÊA DUTRA NO PERÍODO DE 1930 A 1957**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, da Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás (UFG) como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em História.

Área de Concentração: Culturas, Fronteiras e Identidades.

Orientador: Prof. Dr. João Alberto da Costa Pinto

GOIÂNIA

2026

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Dos Reis , Laura Martins
ENTRE O SILÊNCIO E A OBRA: A TRAJETÓRIA POLÍTICA E
LITERÁRIA DE LIA CORRÊA DUTRA NO PERÍODO DE 1930 A 1957 [e-book] /
Laura Martins Dos Reis. - 2025.
140 f.: 2025

Orientador: Prof. Dr. João Alberto da Costa Pinto
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de
História (FH), Programa de Pós-Graduação em História, Goiânia, 2025.

1. Lia Corrêa Dutra. 2. Intelectuais Brasileiras. 3. Partido Comunista
Brasileiro (PCB). 4. Trajetória Política. 5. História Política do Brasil.

I. Pinto , João Alberto da Costa , orient. II. Título.

CDU 94



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE HISTÓRIA

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Ata nº **010/2026** da sessão de Defesa da **Dissertação** de **LAURA MARTINS DOS REIS**, que confere o título de **MESTRA em História**, na área de concentração em **Culturas, Fronteiras e Identidades**.

Ao/s **quatro dias do mês de dezembro do ano de dois mil e vinte e cinco**, a partir da(s) **14h00min**, via **Videoconferência**, realizou-se a sessão pública de **Defesa de Dissertação** intitulada **“Entre o silêncio e a obra: a trajetória política e literária de Lia Corrêa Dutra no período de 1930 a 1950”**. Os trabalhos foram instalados pelo(a) Orientador(a), Professor(a) Doutor(a) **João Alberto da Costa Pinto (PPGH-UFG)**, com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Professor(a) Doutor(a) **Antón Corbacho Quintela (FL-UFG)**, membro titular externo; Professor(a) Doutor(a) **George Leonardo Seabra Coelho (UFT)**, membro titular externo. Durante a arguição os membros da banca **fizeram** sugestão de alteração do título do trabalho. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta, a fim de concluir o Julgamento da **Dissertação**, tendo sido(a) o(a) candidato(a) **aprovado(a)** pelos seus membros. Proclamados os resultados pelo(a) Professor(a) Doutor(a) **João Alberto da Costa Pinto**, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Membros da Banca Examinadora, ao(s) **quatro dias do mês de dezembro do ano de dois mil e vinte e cinco**.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA

Entre o silêncio e a obra: a trajetória política e literária de Lia Corrêa Dutra no período de 1930 a 1957



Documento assinado eletronicamente por **Cristiano Pereira Alencar Arrais, Coordenador de Pós-Graduação**, em 03/03/2026, às 15:50, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Joao Alberto Da Costa Pinto, Professor do Magistério Superior**, em 03/03/2026, às 16:39, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Antonio Corbacho Quintela, Professor do Magistério Superior**, em 04/03/2026, às 05:29, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **6022085** e o código CRC **4DCAF486**.

Referência: Processo nº 23070.057364/2025-08

SEI nº 6022085

A minha mãe Denise Dias Martins,
A minha avó Geralda Borges Martins (*in
memoriam*),
Ao meu orientador Dr. João Alberto da Costa
Pinto.
Pelo apoio irrestrito, força e compreensão.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer a minha mãe, Denise Dias Martins, uma mulher batalhadora, que trabalhou muito para que eu tivesse a oportunidade de estar em uma Universidade. Trabalhou para que eu precisasse apenas estudar e seguir meus sonhos e nunca questionou minhas decisões. Seu empenho fez com que eu seja tudo que sou hoje.

Minha avó, Geralda Borges Martins (*in memoriam*), que partiu a mais de cinco anos e não pôde ver os meus sonhos se realizarem, mas deixou o seu legado na minha trajetória e sua força que foi o combustível para que eu conseguisse seguir em frente.

Meu companheiro Mychel Krystian Paim de Castro, parceiro em todos os momentos. Sempre me incentivou e acreditou na minha capacidade e contribuiu para que minha trajetória ocorresse.

Gostaria de expressar minha profunda gratidão ao meu orientador, Dr. João Alberto da Costa Pinto. Seu aguçado senso de justiça, sua capacidade analítica ímpar e seu singular bom humor foram fundamentais para o deslanche da minha carreira. As portas que ele generosamente abriu foram decisivas para a minha trajetória e consolidação profissional.

A CAPES, que via processo 88887.807710/2023-00, patrocinou minha pesquisa por dois anos. Essa bolsa foi essencial para o andamento do trabalho.

A Faculdade de História que desde 2017 é minha segunda casa. Local de tantas lembranças e aprendizados. Agradeço a todos os professores e funcionários que atravessaram meu caminho durante tantos anos.

Ao Programa de Pós-Graduação em História da UFG, um espaço de excelência e de troca de conhecimento inigualáveis.

A todos os meus amigos, que por vezes me acalentaram e fizeram com que essa jornada se tornasse mais leve.

A máquina do mundo

*As mais soberbas pontes e edifícios,
o que nas oficinas se elabora,
o que pensado foi e logo atinge*

*distância superior ao pensamento,
os recursos da terra dominados
e as paixões e os impulsos e os tormentos*

*e tudo o que define o ser terrestre
ou se prolonga até nos animais
e chega às plantas para se embeber*

*no sono rancoroso dos minérios,
dá volta ao mundo e torna a se engolfar
na estranha ordem geométrica de tudo,*

*e o absurdo original e seus enigmas,
suas verdades altas mais que tantos
monumentos erguidos à verdade;*

*é a memória dos deuses, e o solene
sentimento da morte, que floresce
no caule da existência mais gloriosa,*

*tudo se apresentou nesse relance
e me chamou para seu reino augusto,
afinal submetido à vista humana.*

(Carlos Drummond de Andrade, 1951)

RESUMO

Esta dissertação investiga a trajetória intelectual e política de Lia Corrêa Dutra, uma figura singular e pouco explorada no cenário carioca da primeira metade do século XX. O estudo tem como objetivo principal mapear e analisar as transformações ideológicas em sua biografia, traçando a transição de sua formação como jovem católica de origem burguesa para sua atuação como militante de destaque no Partido Comunista Brasileiro (PCB), e, posteriormente, o seu afastamento da militância e o retorno às origens católicas. Para reconstruir essa trajetória multiforme, a pesquisa adota uma metodologia baseada na análise de fontes primárias, com ênfase na consulta sistemática de periódicos disponíveis na Hemeroteca Digital Brasileira e na crítica interna de livros publicados pela própria autora. Através desse corpus documental, busca-se não apenas preencher uma lacuna na historiografia, mas também compreender os complexos processos de conversão ideológica, os espaços de atuação para mulheres na esquerda e os conflitos inerentes à vida intelectual em um contexto de intensa polarização política.

Palavras-chave: Lia Corrêa Dutra; Intelectuais Brasileiras; Partido Comunista Brasileiro (PCB); Trajetória Política; Conversão Ideológica; História Política do Brasil; Hemeroteca Digital Brasileira

ABSTRACT

This dissertation investigates the intellectual and political trajectory of Lia Corrêa Dutra, a singular and largely overlooked figure in Rio de Janeiro's cultural and political scene during the first half of the twentieth century. The primary objective of this study is to map and analyze the profound ideological shifts in her biography, tracing her path from a formative upbringing as a Catholic youth from a bourgeois family to her prominent role as a militant within the Brazilian Communist Party (PCB), and, subsequently, her departure from the party and return to her Catholic roots. To reconstruct this multifaceted trajectory, the research employs a methodology centered on the analysis of primary sources, with a systematic review of periodicals available in the Brazilian Digital Newspaper Library and a critical internal analysis of books published by the author herself. By examining this documentary corpus, this work seeks not only to fill a gap in the historiography but also to comprehend the complex processes of ideological conversion, the spaces for women's activism within the left, and the inherent conflicts in the intellectual life of a period marked by intense political polarization.

Keywords: Lia Corrêa Dutra; Brazilian Intellectual Women; Brazilian Communist Party (PCB); Political Trajectory; Ideological Conversion; Brazilian Political History; Brazilian Digital Newspaper Library

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1. LIA CORRÊA DUTRA E O BRASIL NA DÉCADA DE 1930	16
1.1 As origens e a juventude de Lia Corrêa Dutra.	16
1.2 As publicações no <i>Correio da Manhã</i> ao longo do ano de 1933.....	29
1.3 Lia Corrêa Dutra na revista portuguesa Seara Nova em 1938.....	50
2. LIA CORRÊA DUTRA NA DÉCADA DE 1940: PRÊMIO HUMBERTO DE CAMPOS; CONGRESSO BRASILEIRO DE ESCRITORES	57
2.1 A obra <i>Navio sem porto</i> e o prêmio Humberto de Campos.....	57
2.2 A contribuição de Lia Corrêa Dutra no Congresso Brasileiro de Escritores em 1945.....	87
3. MUDANÇA DE RUMOS: MOVIMENTAÇÃO POLÍTICA	98
3.1 A direção do semanário “O momento Feminino”.....	98
3.2 A sua participação nos quadros do PCB Carioca	110
<u> </u> 3.2.1 O Partido na Primeira República: Origens e Atuação até o breve período de legalidade na década de 1940	110
<u> </u> 3.2.2 Lia Corrêa Dutra no PCB: Entre a defesa da FEB e o prestismo.....	123
CONCLUSÕES	135
REFERÊNCIAS	140

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa começou em 2022, quando, sob a orientação do professor João Alberto, estava desenvolvendo meu Trabalho de Conclusão de Curso na área de História, focando na importância do autor José Lins do Rêgo na imprensa literária portuguesa. Durante esse processo, me deparei com o trabalho de uma intelectual que até então eu não conhecia, chamada Lia Corrêa Dutra Corrêa Dutra. Em 1938, ela publicou três cadernos sobre José Lins na revista Seara Nova. Ao investigar mais sobre ela, percebi que havia pouquíssimas informações disponíveis, o que dava a entender que sua contribuição para a literatura brasileira tinha sido amplamente esquecida, mesmo tendo publicado algumas obras. Além disso, encontrei uma quantidade significativa de material bibliográfico sobre Lia Corrêa Dutra na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Com isso em mente, o principal objetivo deste trabalho é resgatar e valorizar sua trajetória. Através da análise e interpretação de seus textos, que apresentam características muito peculiares, busco destacar um trabalho que ainda é pouco explorado, especialmente os contos da coletânea "Navio Sem Porto", que ganhou o prêmio Humberto de Campos, mas cuja edição está esgotada, dificultando o acesso. Aqui, utilizo a única tiragem disponível.

No primeiro capítulo busco desenhar o início da trajetória da autora. Seus antecedentes familiares, suas origens e suas primeiras publicações e também analisar suas contribuições para o Jornal Correio da Manhã e a sua contribuição para a revista portuguesa Seara Nova. Englobando todo o período da década de 1930.

O segundo engloba todo o período da década de 1940, que é quando a autora começa a se engajar mais politicamente. No início da década, ela publica a coletânea de contos Navio Sem Porto e recebe o prêmio Humberto de Campos pela editora José Olympio, participa do Congresso Brasileiro de Escritores em 1945, se candidata a vereadora pelo PCB é eleita como suplente e depois deposta devido a ilegalidade do PCB em 1945. Nessa década ela também dirige a revista Movimento Feminino e publica

um livro infantil chamado *A história de um pracinha* em que ela defende a FEB e reverencia Luís Carlos Prestes.

O segundo capítulo concentra-se na década de 1940, período de ápice de sua produção e engajamento. Nele, examino a obra *Navio sem Porto* (1947) em profundidade, o que permite avaliar seu amadurecimento estilístico e suas opções temáticas. A seguir, investigo sua atuação política e institucional, com destaque para sua participação no Primeiro Congresso Brasileiro de Escritores (1945) — onde defendeu uma tese sobre o papel do intelectual na guerra — e sua eleição como segunda secretária da Associação Brasileira de Escritores, tornando-se a primeira mulher na diretoria da entidade.

O terceiro capítulo aprofunda a problemática central do esquecimento. Nele, analiso o auge de seu ativismo: a filiação ao Partido Comunista Brasileiro (PCB), sua candidatura a vereadora em 1946 e, sobretudo, sua atuação como uma das diretoras do semanário *O Momento Feminino*, veículo ligado ao PCB. É neste capítulo que se buscam as razões para o seu posterior apagamento, interrogando seu súbito afastamento da vida pública, seu silêncio durante o período da Ditadura Militar e as possíveis conexões entre sua militância e o seu apagamento posterior.

1. LIA CORRÊA DUTRA E O BRASIL NA DÉCADA DE 1930

1.1 As origens e a juventude de Lia Corrêa Dutra.

Traçar uma biografia de um personagem nem sempre é uma tarefa fácil. Principalmente daqueles que já estão mortos há décadas. Mas daqueles que deixaram algum tipo de contribuição cultural como músicas, poesias, textos em prosa, pinturas, enfim, tudo daquilo que agrega ao desenvolvimento de uma sociedade; esses já possuem uma biografia fragmentada em que é necessário alguém que se disponha a juntar tudo em um trabalho histórico. Esse processo não é trivial e exige uma capacidade investigativa que é crucial para a construção do que foi a vida daquela pessoa. Descobrir de onde ela veio; quem eram seus progenitores; onde ela viveu etc.

E para esse trabalho, que procura também traçar uma biografia, foram obtidas várias contribuições da escritora, poetisa, militante e professora Lia Corrêa Dutra para a literatura, além de conseqüentemente, sua presença nos jornais atualmente disponíveis na Hemeroteca Digital da Fundação da Biblioteca Nacional. A partir dessas fontes foi possível delinear alguns momentos de sua vida.

Ela nasceu no dia 30 de dezembro de 1908 no Rio de Janeiro e era filha de Zilda Côrte-Real Corrêa Dutra e do delegado Dr. Ataliba Corrêa Dutra. Seu nome sempre aparece nas colunas sociais dos jornais cariocas, principalmente na década de 1920. Era sempre descrita na coluna “Binóculo” do jornal Gazeta de Notícias, que fazia uma espécie de detalhamento das festas e reuniões que aconteciam. Como por exemplo no seguinte trecho é descrito uma festa de fim de ano: “As onze horas, momento que estava aprazado o início da reunião, já grande o número de ilustres famílias presentes. Em breve na mesa, sequer, havia vaga.”¹ O nome de Lia Corrêa Dutra estava sempre presente nesse tipo de publicação. Então ela tinha uma vida social muito agitada em sua juventude e claro estava inserida dentro de um grupo na sociedade carioca.

¹ Binóculo. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, 26 dez. 1920. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_05&pesq=%22Lia%20Corr%C3%A4Aa%20Dutra%22&pasta=ano%20192&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=2933 acesso em: 18 set. de 2024

Lia Corrêa Dutra foi criada em uma típica família burguesa², e o fato dela estar presente em muitos eventos no círculo carioca, não é por acaso, seu pai Ataliba tinha uma relevância como bacharel em direito no Rio de Janeiro. Já em 1910 ele foi nomeado escrivão da 3^o Pretoria do Distrito Federal³ pelo Ministro da Justiça da época. É interessante também uma pequena matéria no jornal *A noite* de abril de 1913 relatando que Ataliba estaria envolvido com automóveis e gostava de guiar os carros que tinha infringindo a legislação:

“O Dr. Corrêa Dutra, escrivão da terceira pretoria cível, tem andado envolvido nesse negócio de automóveis, pois é proprietário e gosta de guiar os seus carros transgredindo todos os artigos do regulamento. Um comissário de polícia achou que deveria puni-lo, ameaçando-o de prisão. O Dr. Ataliba Corrêa Dutra procurou hoje o Dr. Ferreira de Almeida e queixou-se de que estava sendo vítima de uma violência. Não há nada como um dia depois do outro. O Dr. Corrêa Dutra quando era delegado de polícia não cansava de fazer violências.”

Isso demonstra que a família de Lia Corrêa Dutra tinha uma ótima condição financeira, que permitia até mesmo a aquisição de automóveis em um período em que não era nada acessível. Em uma entrevista dada à coluna auto retrato da revista *Leitura* em 1944, Lia mesmo afirmou que era uma criança burguesa e que até tinha vantagem sobre as crianças burguesas do período em que era entrevistada, por não ter vivido em apartamento: “Levei uma vantagem sobre as crianças burguesas de hoje: nunca morei em apartamento. Fui criada em casas com jardim, quintal, galinheiro [...]”⁴

Ela participava também de eventos beneficentes como esse descrito na *Coluna Elegante da Revista da Semana* em 1924:

“Transcorreu encantadora a semana de chá organizada pela Pequena Cruzada, instituição de socorros às criancinhas pobres. As tardes passadas naquele recanto da rua S. Antonio foram realmente lindas e deliciosas. Reunia-se

² Aqui, apesar da perspectiva da própria autora, usaremos a definição clássica de burguesia do Dicionário de Política de Norberto Bobbio (1998, p.119): “O termo Burguesia não tem sentido unívoco, podendo-se dar do conceito pelo menos duas definições (se não mais) alternativas. Num primeiro sentido, que perdeu muito de sua validade quando referido à atual sociedade, entende-se por Burguesia a camada social intermediária, entre a aristocracia e a nobreza, detentoras hereditárias do poder e da riqueza econômica, e o proletariado, composto de assalariados ou mais genericamente de trabalhadores manuais (as galernas “classes subalternas”).”

³ “As pretorias foram criadas pelo decreto n. 1030, de 14/11/1890, com as atribuições anteriormente exercidas pelo juiz de paz, podendo julgar causas cíveis e criminais, divididas em 21 circunscrições judiciárias (freguesias).”

⁴Lia Corrêa Dutra. “Auto Retrato”. *Leitura*, Rio de Janeiro, jun. 1944 Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=115509&pesq=%22Lia%20Corr%C3%AAa%20Dutra%22&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=3037> acesso em: 18 de set. de 2024

diariamente ali o que nossa sociedade tem de mais representativo e elegante. As mesas, que eram em cada dia ornamentadas com maior gosto estiveram ao encargo das distintas senhorinhas: Odette Gasparoni, Beatriz Magalhães [...] Lia Corrêa Dutra Corrêa Dutra [...]”⁵

Lia Corrêa Dutra apresenta sua primeira contribuição literária em 1925, com um pequeno conto publicado no quinzenário *Única*. Embora breve, o conto já revela algumas das características da escrita da autora, seu apreço pelo tema cristão e pela infância. As crianças que aparecem nesse texto se tornam personagens recorrentes em suas obras, além de um dos seus públicos-alvo.

No conto ela descreve a família do pequeno Jesus com José e a Virgem Maria. Sua casa era “[...] toda branca, pequenina, cercada de minúsculo jardimzinho florido.” E em uma tarde quente de verão Maria fiava enquanto esperava a chegada do marido. Ela sempre estava olhando o pequeno menino Jesus que era “[...] louro, lindo, meigo e pequenino [...] e tinha olhos azuis. É interessante notar a descrição do menino Jesus loiro dos olhos azuis, quando nos dias de hoje essa descrição já não se faz concreta.

Enfim, continuando com o conto, José chega cansado com suas ferramentas na pequena casa e enquanto descansava o menino Jesus pegou uma das ferramentas para brincar: “Seus dedinhos impacientes descobriram com felicidade infantil, uma faca e um pedaço de madeira” E com a faca a pequena criança fuçava alegremente na madeira. Mas:

[...] em breve, os olhos meigos de Jesus encheram-se de divindade, seu adorável rosto rosado tomou um ar solene de imponência e majestade, sua fronte pendeu sobre o ombro roliço, seus dedos seguravam com mais força o cabo da faca, sua boca vermelha tornou-se séria; e pensativo, sonhador o Menino Deus pois-se a recortar a madeira.⁶

Quando Maria e José questionaram o pequeno o que ele fazia, Jesus os mostrou uma tosca e mal feita cruz. E assim termina o pequeno conto, o primeiro de dezenas que futuramente seriam publicados nos jornais cariocas. Além das poesias que também foram publicadas em livros e jornais, em quantidades parecidas, entretanto o foco deste

⁵ M. de D. “Noticiário Elegante”. **Revista da Semana**, Rio de Janeiro, 20 out. de 1924. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=025909_02&pesq=%22Lia%20Corr%C3%AAa%20Dutra%22&pasta=ano%20192&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=8045 acesso em: 19 de set. de 2024

⁶Dutra, Lia Corrêa. “A Cruz”. **Única**, Rio de Janeiro, ago. 1925. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=155888&Pesq=%22Lia%20Corr%C3%aa%20Dutra%22&pagfis=72> acesso em: 19 de set. de 2024

trabalho são as obras em prosa. E analisando de modo crítico cada uma das publicações em prosa percebemos uma evolução clara na escrita da escritora, seus temas, a profundidade das tramas e personagens.

Na década de 1920 Lia Corrêa Dutra colabora com a revista *Única* de 1925 até 1927, essa é a primeira colaboração direta da autora para alguma revista ou jornal. Ela colaborou com dois contos e seu nome consta nas fichas editoriais da edição seis até a dezesseis, junto com Albertina Bertha⁷, que foi uma grande escritora de romances de introspecção.

A revista *Única* definia-se como uma revista feminina de literatura, arte, elegância e sociologia. Sua diretora e proprietária era Francisca de Vasconcellos Basto Cordeiro e a primeira edição foi publicada em 1925. A publicação era mensal, todavia, aparentemente nem todas as edições estão disponíveis no acervo online da biblioteca nacional onde se encontram apenas as edições dos anos de 1925, 1926, 1927, 1930, 1949, 1950, 1951, 1952 e 1953. E nesses anos a quantidade de edições são limitadas, então não é possível confirmar a real frequência de publicação da revista.

Na primeira edição Francisca define que o programa da revista estava voltado para preencher uma lacuna no meio feminino culto e progressista. Abrangendo todas as mulheres, mães, donas de casa de qualquer idade e mentalidade, que estivesse interessada em assuntos de literatura, sociologia evolucionista, higiene, questões do “pensamento moderno” e do feminismo cristão. Então, a revista era: “Exclusivamente feminina em sua diretriz e colaboração, não patrocina fins sectários de espécie alguma. Em seu ecletismo, visando canalizar as ideias novas, acolhe todas as opiniões e ideais, desde que não ofendam o moral, nem perturbem a harmonia social.”⁸

Também nesta edição inicial se encontra um poema da poetisa Gilka Machado. Gilka é considerada uma das pioneiras do modernismo no Brasil além de ser uma das primeiras mulheres a abordar abertamente temas relacionados à sensualidade. O poema

⁷ Para mais informações sobre a trajetória de Albertina Bertha verificar: MARTINS, Anna Faedrich. O romance de introspecção no Brasil : o lugar de Albertina Bertha. 2010. 110 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/1936> Acesso em: 15 de out. de 2024

⁸Cordeiro, Francisca de Vasconcelos Bastos. *Única*, Rio de Janeiro, jul. 1925. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=155888&pesq=%22Lia%20Corr%C3%AAa%20Dutra%22&pasta=ano%20192&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=11> Acesso em: 15 de out de 2024

intitulado “Ser Mulher” publicado na revista é parte do livro publicado por ela em 1915 denominado *Cristais Partidos*⁹. É um poema muito lírico, que reflete sobre questões como as ambições femininas que ficam latentes com o passar do tempo.

Esta primeira edição da revista deixa claro quais são os objetivos e o público alvo para qual ela se direciona. Além do poema de Gilka encontram-se algumas crônicas, coluna social, dicas de moda e muita publicidade de produtos destinados ao público feminino.

A segunda edição, diferentemente da primeira, é muito mais extensa, com dezoito páginas a mais, é nela que Lia Corrêa Dutra publica seu primeiro texto em prosa, como descrito anteriormente. A primeira crônica que aparece nesta edição é da autora Cecília Moncorvo, cujo pseudônimo era Chrysanthème¹⁰. Cecília, foi uma conhecida escritora e jornalista carioca que publicou diversas crônicas e mais de vinte livros.

Esta crônica em particular, tinha a intenção de enaltecer a revista e ressaltar mais uma vez os valores defendidos nas publicações. E em um momento ela afirma categoricamente que a: “Única também jamais fará a propaganda desse feminismo anti-estético e amoral, que joga a mulher, como uma “boxeuse” deselegante e brutal, no meio da arena afim de conquistar os seus direitos.”¹¹

Fica clara a demonstração de que apesar de existir uma intenção progressista, havia um receio em parecer tão liberal e defender uma ideia de luta pelo direito da mulher desconectada dos papéis de gênero e performance de feminilidade. Nesta edição também é interessante observar que no índice de colaborações encontramos o nome de três das filhas de Coelho Neto¹², Dina Coelho Neto, Violeta Coelho Neto e Zita Coelho Neto. O intelectual maranhense foi o grande idealizador da Academia Brasileira de Letras

⁹Machado, Gilka. “Ser Mulher”. *Única*, Rio de Janeiro, jul. 1925 Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=155888&pesq=%22Lia%20Corr%C3%AAa%20Dutra%22&pasta=ano%20192&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=16> acesso em: 02 de jan de 2025.

¹⁰ Para conhecer mais sobre a trajetória de Cecília Moncorvo, verificar a tese publicada por Maria de Lourdes de Melo Pinto em 2006 na UFRJ. “Memória de autoria feminina nas primeiras décadas do século XX: a emergência da obra periodística de Chrysanthème (Tese. Doutorado em Letras – Faculdade de Letras). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro

¹¹ Chrysanthème. “Chronica”. *Única*, Rio de Janeiro, ago. 1925 Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReaderMobile.aspx?bib=155888&pesq=%22Lia%20Corr%C3%AAa%20Dutra%22&pasta=ano%20192&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=42> Acesso em: 02 de jan. 2025.

¹² Uma breve, todavia, fonte confiável biografia do autor é encontrada no site da ABL: <https://www.academia.org.br/academicos/coelho-neto/biografia> Acesso em: 25 de outubro de 2024.

junto com Lúcio Mendonça e um dos principais nomes do parnasianismo. O que deixa claro o círculo da burguesia intelectual carioca que as mulheres que colaboraram com a revista faziam parte.

A terceira edição, seguia o mesmo padrão das anteriores, com muita publicidade, dicas de beleza, crônicas e poesias. Lia Corrêa Dutra Corrêa Dutra aparece novamente no índice de colaboradoras, entretanto não tem nenhum texto publicado. Retornando com um texto na edição seguinte.

Na quarta edição Lia Corrêa Dutra surge com o pequeno conto intitulado “Berço Vazio”, nele a autora conta a história de uma mulher chamada Alice que havia acabado de perder seu filho recém-nascido chamado Renatinho. Alice encontrava-se em uma tristeza profunda e a situação piorava cada vez que ela olhava aquele berço montado:

Ah! Aquele berço vazio! Aquele berço que não deixava esquecer, que não permitia o consolo, que protestava mudamente contra todas as alegrias, que reclamava sempre, na desordem ligeira das roupagens, no concavo, que o pequenino corpo deixava no travesseiro de penas. Aquele berço, sempre ali, na graça ideal de suas rendas e de suas fitas, sempre lembrando, sempre posto como uma queixa e como uma saudade entre ela e o marido!¹³

Em determinado momento a mulher resolve ler o jornal que estava aberto em cima de uma mesa, então vê no noticiário, coincidentemente, uma matéria sobre um recém-nascido que havia ficado órfão e iria ser encaminhado a um orfanato. Ela lamentou ainda mais, como Deus poderia ser tão injusto em deixar um recém-nascido sem pais e deixar ela sem seu filho, com um berço triste e vazio dentro de sua casa.

O pequeno conto é finalizado com Alice saindo e na hora jantar quando o marido chega, ele encontra a mulher mais feliz e escuta um choro de bebê vindo do quarto. Fica clara a intenção da autora de causar alguma comoção, como se um milagre houvesse ocorrido. O texto, assim como os outros conteúdos da revista, com uma linguagem simples, visava enternecer as mulheres que consumiam aquele conteúdo.

Ela é citada como colaboradora nas próximas onze edições até 1927, todavia, não publica nenhum texto. E de 1930 em diante ela não publica mais nenhum texto na revista ou é citada enquanto colaboradora.

¹³ Dutra, Lia Corrêa. “Berço Vazio”. **Única**, Rio de Janeiro, out. 1925. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=155888&pesq=%22Lia%20Corr%C3%AAa%20Dutra%22&pasta=ano%20192&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=170> Acesso em: 15 de out de 2024

Mas é em 1930 que ela publica sua primeira obra, uma coletânea de poesia intitulada *Sombra e Luz*. O máximo que encontramos dos poemas dessa coletânea são excertos nos jornais e não fica claro qual editora a publicou nem a data exata da publicação. Mas a partir das críticas e resenhas escritas sobre a obra conseguimos perceber um pouco das características da escrita da então jovem Lia, sobretudo no que tange a poesia.

Apesar de não ser possível afirmar a data exata da publicação do livro, na edição 170 do jornal carioca *Diário da Manhã*, publicado no dia onze de novembro de 1930, em uma pequena reportagem, onde o autor assina apenas com O.P, afirma que nas próximas semana, a jovem poetisa Lia Corrêa Dutra, iria publicar seu primeiro livro que seria intitulado *Luz e Sombra*. Percebe-se também que quando a obra foi publicada a autora tinha por volta de vinte anos como afirma o repórter: “Teve ensejo a poetisa de cultivar o espírito nas leituras mais sérias, para surgir aos vinte anos com uma cultura invejável.”¹⁴ Podemos ver também um retrato da autora jovem, o primeiro a ser publicado em um jornal:



Figura 1 – Retrato de Lia na edição 170 do jornal *Diário de Notícias* em 1930

¹⁴ O. P. “Uma vigorosa expressão de arte: Lia Corrêa Dutra e seu primeiro livro de versos”. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 20 de nov. 1930. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093718_01&pesq=%22Lia%20Corr%C3%AAa%20Dutra%22&hf=memoria.bn.br&pagfis=2638 acesso em: 06 de jan. de 2024

O.P afirma também que os versos escritos por Lia Corrêa Dutra revelavam um perfeito equilíbrio de ideias, sabidamente reconhecido pela Academia Brasileira de Letras: “Os srs. Afranio Peixoto, Alberto de Oliveira, Fernando Magalhães, Coelho Netto e Olegario Mariano foram acordes em afirmar que nela sobravam todas as grandes qualidades de uma perfeita versejadora .”¹⁵

O autor também afirma que os versos de Lia Corrêa Dutra tinham a técnica perfeita, o ritmo preciso e a forma impecável. Que a jovem era dotada de uma imaginação surpreendente e “[...] o pensamento sempre, claro, o encanto de sua filosofia consoladora e estranha que não nega as coisas más da vida e as afirma para quebrar-lhes as arestas que criaram para a existência a tortura de todos os dias.” Essa afirmação é interessante, pois, quando analisamos suas obras posteriores de fato há uma espécie de “filosofia consoladora” nos escritos da autora que permanece mesmo nos seus textos de prosa. Em síntese, nesta pequena reportagem anunciando o lançamento do livro já fica claro que a obra seria bem recebida pelo público e pela crítica, afinal a jovem autora, antes mesmo de se lançar, já recebia elogios dos representantes da Academia Brasileira de Letras.

Em 11 de dezembro de 1930, o repórter e ensaísta Múcio Leão publicou, na seção “Crônica Literária” do jornal Correio da Manhã, um texto sobre a obra de Lia. Isso permite deduzir, com razoável certeza, que o livro foi lançado entre o final de novembro e o início de dezembro daquele ano.

Múcio Leão afirma que apesar de ter ouvido os poemas declamados por Fernando de Magalhães em uma seção da Academia e se encantado, desconfiava dos versos daquela jovem prodígio que estava sendo prometida como uma nova grande poetisa brasileira. Ele reitera que:

“É sabido que certos versos, quando lidos em voz alta, sobretudo se o leitor possui as rútilas qualidades de orador do Sr. Fernando Magalhães, oferecem impressão bem diversa daquela que, lidos no silêncio de um gabinete, vão oferecer mais tarde. Eu já tenho sido vítima dessa perfídia dos sentidos; de tal jeito que, ouvindo ler a outrem uma página e indo eu próprio lê-la mais tarde, recebo impressões perfeitamente diferentes, ora para melhor e ora para pior .”¹⁶

¹⁵ Ibid.

¹⁶Leão, Mucio. “Chronica Literaria”. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 19 de dez. 1930. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_04&pesq=%22Lia%20Corr%C3%AAa%20Dutra%22&hf=memoria.bn.br&pagfis=5080 acesso em: 07 de jan. de 2025

Depois de ler e reler a obra de Lia, Múcio Leão confirma sua primeira impressão, de quando ouviu os versos. E nesse momento ele inicia de fato uma crônica sobre a obra. Múcio Leão lamenta essa atividade de escrever sobre as obras alheias, pois segundo ele, o amor próprio dos escritores é um sentimento muito profundo e quando se escreve uma crítica com alguma restrição sobre obras alheias, cria-se um ambiente suscetível a rusgas e inimizades. Entretanto, a obra de Lia Corrêa Dutra Dutra pode ser enaltecida sem nenhum remorso.

Primeiro, ele pontua que no meio de todas as correntes literárias do período, a obra da autora tem uma liberdade absoluta, que não é rígida como os parnasianos, mas também não é dominada por uma irreverência do grupo modernista. É apenas uma poesia livre. Ele afirma que: “[...] essa liberdade a mantém além de preconceitos e além de sistemas, numa região inteiramente sua, onde ela é rainha.”¹⁷

Para Mucio Leão, existe na poesia da autora uma espécie de musicalidade intrínseca das mulheres, principalmente quando ela fala sobre o amor. E: “Lendo esse livro, dando a esses poemas de amor uma disposição e uma intenção especiais, acreditamos estar a acompanhar uma sonata encantadora [...]”¹⁸

Ele transcreve na crônica o poema *Ansiedade* e o soneto *Mundo Interior* em sua totalidade. O autor alega que foi “seduzido” pelos poemas e só transcrevendo alguns por completo ele poderia transmitir ao leitor a sensação que ele teve ao ler os versos.

Mucio Leão finaliza reiterando seu fascínio pela nova autora, que “vem assumir um posto na primeira linha dos nossos grandes espíritos femininos, mostrando-se digna de emular com Rosalina Coelho Lisboa, Maria Eugenia Celso e Gilka Machado.”¹⁹ Em síntese, para Mucio Leão, era uma nova promessa no que tange a poesia e sua opinião não difere dos outros críticos que também lhe avaliaram a obra.

Ainda em 1930, mais precisamente, no dia vinte e três de dezembro, poucos dias depois da publicação da crônica de Mucio Leão é publicada na Revista da Semana, na seção *Noticiário Elegante* uma breve nota²⁰, de autoria desconhecida sobre a obra. E

¹⁷ Ibid.

¹⁸ Ibid.

¹⁹ Ibid.

²⁰ “Noticiário Elegante”. **Revista da Semana**, Rio de Janeiro, 23. dez. 1930. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=025909_03&pesq=%22Lia%20Corr%C3%Aa%20Dutra%22&hf=memoria.bn.br&pagfis=2381 acesso em: 07 de jan. de 2025

como dito anteriormente, essa nota não se difere muito da que acabamos de descrever, diferencia-se apenas em sua extensão, mas o tom apologético continua o mesmo.

Em suma o autor desconhecido aponta que apesar dos versos serem fáceis e espontâneos, existe nos conceitos e reflexões uma eloquência e profundidade que espantam: “Em geral os seus versos não dão apenas a impressão da beleza e da graça; e tanto quanto se fazem admirar, obrigam a pensar.” Ele finaliza com uma afirmação forte de que Lia seria uma das maiores poetisas da nova geração.

No dia 11 de fevereiro de 1931, na edição nº 11.092 do jornal *Correio da Manhã*, Phocion Serpa²¹ publicou um texto intitulado *A poesia de Lia Corrêa Dutra*²². A resenha seguia no mesmo tom elogioso das anteriores. Ele afirma que: “Seu livro de estreia, tão merecidamente consagrado pela crítica e cujas rias soaram no ambiente da Academia Brasileira de Letras, rastreadas de aplausos, causaram-se viva impressão e indelévels momentos de prazer espiritual.”

A única exceção do elogio de Phocion em relação aos críticos anteriores é que ele diz que apesar dos versos de Lia Corrêa Dutra não soarem como uma “banalidade metrificada”, ainda não alcançaram a “plena perfeição do pensamento” e que isso ocorreria nas próximas obras após um amadurecimento da autora. Apesar dessa sutil crítica, o texto segue no mesmo tom celebratório, diferenciando-se das outras críticas apenas nas formas dos elogios. Ao finalizar, ele afirma que Lia não se intimidava perante as receitas poéticas prontas e dos malabarismos rítmicos. E o livro: “Sombra e Luz vale por uma afirmação, merece os louvores da crítica que o saudou e coloca sua jovem autora no número daqueles de quem as letras nacionais terão o dever e a alegria de esperar mais e exigir melhor ainda...”

Outro intelectual que comentou sobre o livro de versos da autora foi Alceu Amoroso Lima. Em agosto de 1931, sob o pseudônimo Tristão de Athayde, o renomado pensador católico publicou na seção *Vida Literária* do jornal *O Jornal* a crítica menos

²¹ Phocion Serpa foi um médico sanitariano que assumiu diversos cargos públicos de chefia nas áreas relacionadas à saúde pública, principalmente após a revolução de 1930. Era também escritor, poeta e ensaísta. Tendo publicado uma biografia de Oswaldo Cruz.

²² Serpa, Phocion. “A poesia de Lia Corrêa Dutra”. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 15. fev. 1931. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_04&pesq=%22Lia%20Corr%C3%A4a%20Dutra%22&hf=memoria.bn.br&pagfis=5909 acesso em: 07 de jan. de 2025

elogiosa entre todas as analisadas. Ele afirma que não houve uma preparação pública para a estreia da autora, a “colocando entre as melhores cultoras da nossa poesia feminina de hoje essa jovem sem escola poética definida, nem tendência determinada, que começou por onde outras desejaríamos terminar.”²³

E que existiam perigos latentes no entusiasmo da jovem estreadora. O primeiro desses perigos era a eloquência, pois segundo ele, havia uma visível inclinação na ênfase de certos poemas do livro, principalmente naqueles que exprimem a personalidade da autora. Segundo Tristão de Athayde:

Não é uma alma interiorizada, que escreva para confessar o que não ama dizer. É, pelo contrário, ou mostra ser ao menos, uma alma voltada para fora, exuberante e comunicativa, apesar daquele delicioso “Meu sonho”, em que traça uma imagem tão bela e tão pura, de um ideal interior e sadio.²⁴

O outro perigo era o que ele chama de panteísmo. Que ocorria devido a exaltação da natureza que a autora faz em alguns poemas, o que fazia a autora se perder no inanimado. E Tristão cita vários trechos dos poemas de Lia Corrêa Dutra para apontar esses perigos. Além desses, existiam mais três, que eram o aniquilamento, o convencionalismo e a vulgaridade palavrosa.

O aniquilamento em conjunto com a tendência a dúvida eram, segundo ele, dois perigos que ficaram expressos no soneto *Dúvida* e que além do mais o próprio título do livro demonstra essas inclinações contraditórias “[...] de uma alma que apenas começa a viver...”²⁵

Ele segue citando o soneto *Dúvida* para demonstrar que nele fica claro o outro perigo citado, o convencionalismo: “Esse soneto, de que transcrevi apenas a primeira quadra, é bem exemplo disso. E em todo livro anda rondando esse demônio do êxito fácil...”²⁶

A vulgaridade palavrosa, segundo o crítico, ocorre no livro de versos pelo fato da autora não ter coragem de afrontar a popularidade. Existia um medo de não ser compreendida, principalmente pelo fato dela ser uma estreadora e que acima de tudo

²³ Athayde, Tristão. “Vida Literária: Poesia Feminina II”. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 19. ago. 1931. Disponível em:

https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=110523_03&pesq=%22Lia%20Corr%C3%Aa%20Dutra%22&hf=memoria.bn.br&pagfis=9503 acesso em 10 de jan. de 2025

²⁴ Ibid.

²⁵ Ibid.

²⁶ Ibid.

desejava estreiar agradando. E acima de tudo ele via em Lia Corrêa Dutra “[...] uma certa inclinação para escrever pensando que vai ser lida e mesmo declamada. E isso poderá vir a ser um desastre.”²⁷

No entanto, apesar de todos esses perigos, segundo o autor o êxito da obra foi merecido. E ele faz uma afirmação importante, colocando a autora dentro de um contexto das tendências literárias, daquele momento, diferente da análise feita por Múcio Leão, analisada anteriormente. Vejamos o que Tristão afirma sobre a autora estar inserida na vanguarda: “Não vem marcar um momento poético, sem dúvida. Mas se inscreve logo entre a turma da vanguarda e tem realmente uma selva poética espontânea, que poderá fazer-lhe vencer todos os tropeços.”²⁸

Ele finaliza citando mais dois poemas e afirmando que apesar dos tropeços a autora sabia fugir dos perigos e que ainda poderia dar tesouros pois ela tinha um talento expressivo:

Trata-se, como se vê, de uma alma naturalmente penetrada de poesia, que sabendo fugir dos perigos que a tentam, especialmente, o convencionalismo poético e a eloquência enfática, pode dar-nos ainda tesouros de beleza ardente, pois tem simplicidade poética verdadeira e um talento expressivo pouco comum.²⁹

É interessante perceber que apesar de todos os elogios o livro de poesia de fato não teve tanta relevância em relação às publicações daquele ano. Em 1930 Rachel de Queiroz se lança com o seu romance *Os Quinze* e Carlos Drummond de Andrade estreia com *Alguma Poesia*, nos anos posteriores surgem autores como José Lins do Rego publicando a primeira vez em 1932, Jorge Amado em 1933, enfim, uma infinidade de escritores surgem no mesmo período e permanecem com uma relevância muito maior em relação a Lia Corrêa Dutra naquele mesmo período. Tanto que não existe nenhum exemplar dessa obra nos dias atuais.

Outro fato interessante de se pontuar é que tanto Coelho Neto — um dos fundadores da ABL —, quanto Fernando Magalhães — que foi presidente da ABL por vários mandatos — no lançamento do livro de versos fizeram elogios à obra, eram amigos do Sr. Ataliba Corrêa Dutra, pai de Lia. Em uma entrevista para a revista *Leitura* em 1943, quando falava sobre seu primeiro livro de contos, recém publicado, Lia Corrêa

²⁷ Ibid.

²⁸ Ibid.

²⁹ Ibid.

Dutra afirma que seu primeiro texto foi publicado graças a Coelho Neto, quando ela tinha apenas quatorze anos:

Devia ter meus quatorze anos quando saí do ineditismo, graças a Coelho Neto, velho amigo da família a quem mostrei um conto, “Senhorita” e ainda outro conto, “O garoto” para uma revista (*Vida Doméstica*, se não me engano). Foram ambos publicados, em dois números sucessivos, e eu, pela primeira vez, vi produções minhas em letras de forma, e, o que mais é, uma delas acompanhada de retrato — coisa que me deu alguns dias de prestígio no colégio.³⁰

E em outra entrevista para a mesma revista em 1944, ela afirma que, depois da revolução de 1930 a vida da família mudou drasticamente, pois seu pai foi destituído do cargo de delegado e ela recebeu ajuda de Fernando Magalhães, inclusive para publicar o livro:

Veio a revolução de trinta: minha vida deu uma enorme cambalhota, para depois se aprumar bem firme no seu lugar verdadeiro. Meu pai exercia por concurso um cargo “vitalício” e “inamovível” a 25 anos: perdeu-o em poucos dias. As coisas mudaram totalmente para nós. Venderam-se os cavalos, o automóvel, a mobília. Foi então que me apareceu um grande amigo, hoje morto: Fernando Magalhães. Na realidade já era velho amigo: conhecia-me desde pequenina, quando eu ia à sua casa brincar com seus filhos, mas, nesse momento de crise em que os amigos eram raros é que ele se revelou, com toda sua generosidade, com o calor imenso de seu coração. Devo-lhe meu primeiro emprego, a publicação de meu primeiro livro, o estímulo para continuar escrevendo...³¹

O mais curioso é que a própria autora não aprecia o livro de versos *Sombra e Luz*. Em uma entrevista concedida à revista *Momento Feminino*, da qual fazia parte da equipe editorial, em 1948, na seção intitulada 'Conversando com as escritoras'³², o entrevistador perguntou qual dos livros que ela havia escrito era o seu favorito. Ela afirma que é o que ela estava escrevendo naquele momento, um romance em quatro volumes³³ em que os dois volumes já estariam concluídos e o terceiro estava iniciado. E o livro que ela menos

³⁰Dutra, Lia Corrêa. “Porque escrevi “Navio Sem Pôrto”. *Leitura*, Rio de Janeiro, ago. 1943 Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=115509&pesq=%22Lia%20Corr%C3%AAa%20Dutra%22&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=2320> acesso em: 09 de jan. de 2025

³¹Lia Corrêa Dutra. “Auto Retrato”. *Leitura*, Rio de Janeiro, jun. 1944 Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=115509&pesq=%22Lia%20Corr%C3%AAa%20Dutra%22&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=3037> acesso em: 09 de jan. de 2025

³² “Conversando com escritoras: fala Lia Corrêa Dutra”. *Momento Feminino*, Rio de Janeiro, 1 out. 1948 Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=118800&pesq=%22Lia%20Corr%C3%AAa%20Dutra%22&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=767> acesso em: 09 de jan. de 2025

³³ Não existe nenhum vestígio da publicação de algum dos volumes desse romance ou algum trecho publicado.

gostava era *Sombra e Luz*: “E o que mais detesto é meu primeiro livro de versos, “Sombra e Luz” publicado antes dos vinte anos e prêmio da Academia Brasileira de Letras.”³⁴

Esses primeiros anos da autora são essenciais para entendermos sua formação, suas influências e seu lugar na sociedade carioca da época. É fundamental compreender como ela iniciou sua trajetória com crônicas nos jornais e como o momento decisivo da Revolução de 1930 impactou e transformou drasticamente seu estilo de vida. Essas mudanças culminaram, anos mais tarde, em sua radicalização política, levando-a a apoiar fortemente a campanha de Prestes e a lançar sua candidatura a vereadora pelo PCB.

1.2 As publicações no *Correio da Manhã* ao longo do ano de 1933

Após a publicação de seu livro de versos em 1930, Lia Corrêa Dutra ampliou sua atuação no cenário literário e passou a colaborar de forma ativa com o jornal *Correio da Manhã* a partir de 1933. Nesse período, ela iniciou uma produção regular e consistente, publicando quinzenalmente uma série de contos e crônicas que refletem tanto sua habilidade literária quanto sua capacidade de abordar temas variados. Esses textos, que oferecem uma visão abrangente de sua escrita, serão objeto de análise, pois revelam traços importantes de sua evolução como autora e de sua interação com o público por meio da imprensa da época.

A estreia de Lia Corrêa Dutra no jornal *Correio da Manhã* ocorreu com o artigo intitulado *Os deuses Carnavalescos*³⁵, publicado no número 11.716 em 12 de fevereiro de 1933. Essa peça literária é uma crônica, mais especificamente uma "crônica carnavalesca". Conforme observado por Eduardo Granja Coutinho (COUTINHO, E. G., 2006) no início do século XX, os jornais cariocas possuíam seções dedicadas à cobertura exclusiva do carnaval, e é exatamente nesse contexto que o texto de Lia se encontra.

³⁴ “Conversando com escritoras: fala Lia Corrêa Dutra”. **Momento Feminino**, Rio de Janeiro, 1 de out. 1948 Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=118800&pesq=%22Lia%20Corr%C3%AAa%20Dutra%22&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=767> acesso em: 09 de jan. de 2025

³⁵ Dutra, Lia Corrêa. “Deuses Carnavalescos”. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 11 de fev. 1933 Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_04&pesq=%22Lia%20Corr%C3%Aa%20Dutra%22&hf=memoria.bn.br&pagfis=15268 Acesso em: 18 jul. 2023

A autora inicia ressaltando a animação que existe com a aproximação do carnaval na “terra”, algo que repercute “[...] nas vastidões desoladas do espaço, onde, separados do mundo pela distância, pelo tempo e pelo esquecimento dos homens, vagueam sem finalidade os heroes mortos e os deuses decadentes”³⁶. Esses deuses, que estão desmoralizados, desprestigiados e são lembrados apenas nos rigorosos sonetos dos poetas, flutuam observando os homens. E no período do carnaval eles “[...] parecem viver, por uns dias, da vida ephemera dos humanos, da vida febril e inquieta, tão curta que amontoa sensações na pressa de as conhecer todas, de não deixar fugir nenhuma”³⁷. Após esse momento, Lia Corrêa Dutra nos apresenta a divindade que vai ser o fio condutor do restante do texto, a divindade grega “Momo”. Vale ressaltar que essa referência a Momo não era algo inédito nas crônicas carnavalescas, na verdade já ocorriam citações constantes de outros autores em textos anteriores e posteriores. Mas retornando ao texto, Lia afirma que Momo não esquece dos outros deuses exilados e traz para a terra seus amigos Baco, Folia, Eros e Sileno. Cada um deles, de sua maneira, inebria os foliões do carnaval carioca.

Após esse ponto da crônica, a autora aponta algumas reflexões sobre o carnaval carioca e a situação do Brasil naquele momento. Nessa parte, Momo se encontra no momento de sua partida para o carnaval e é questionado sobre o porquê de ir ao carnaval carioca e não o de Nice na França, pois segundo as divindades que o questionam, existem dúvidas sobre a alegria e animação do povo brasileiro.

Momo continua afirmando que naquele ano o governo oficializou o carnaval, haveria mais dinheiro e as festas seriam maiores. O deus Mercúrio comenta que o país estaria endividado. Minerva afirma que o povo brasileiro estaria sofrendo e que nos últimos três anos havia passado por duas revoluções. E Momo responde com um irônico questionamento: “Em que podem as batalhas civis perturbar minha batalha de confetti?”³⁸ Segue reafirmando que o governo irá patrocinar a festa e as preocupações irão se esvaír no meio da folia. E o texto é finalizado magistralmente com Momo e seu cortejo adentrando na grande festa do Rio de Janeiro.

³⁶ Ibid.

³⁷ Ibid.

³⁸ Ibid.

O próximo texto que a autora escreve para o *Correio da Manhã* se chama *Carta de um pessimista*³⁹ e foi publicado na edição 11.895 em 19 de março de 1933. A partir daí já percebemos a periodicidade das colaborações de Lia Corrêa Dutra para o jornal que se seguiria até o início do ano seguinte.

Esse texto é particularmente interessante e a partir dele podemos compreender um pouco a forma com que a autora escrevia, pois, esses temas — textos sobre os horrores da guerra — e esse método — personificar personagens e falar a partir deles — irá se repetir em outros trabalhos. Nesse escrito, Lia, assina como Oscar que escreve para seu amigo Amaro. É um tipo de resposta às constantes discussões que os dois amigos tinham em relação ao suposto pessimismo de Oscar e aparentemente, eles tiveram um debate ainda mais largo sobre o assunto. Oscar apresenta estar incomodado com o resultado — ou melhor, o não resultado — das discussões que ele tem com Amaro: “E como quando discutimos, acontece esta coisa muito commum, mas deploravel: — cada um só ouvir os seus proprios argumentos, e procurar vencer a questão pela resistencia e alcance de suas cordeas vocaes — não chegámos a uma conclusão.”⁴⁰ Ele segue argumentando que não sabe de onde o amigo tira a conclusão de que ele seja pessimista e que as discussões sobre esse assunto não trazem nenhuma luz. Então, por meio desta carta, Oscar justifica o porquê de ele não ser de fato um pessimista, mas sim uma pessoa que vê a realidade como ela é. E quem conseguia viver despreocupadamente naquela época, indiferente às desgraças que ocorriam, estaria com a visão encoberta pela insensibilidade. O personagem destaca o argumento de seu amigo de que, devido à sua riqueza, casamento feliz e família estável, ele deveria desfrutar de uma vida tranquila, sem preocupações com as coisas que aconteciam ao seu redor. Então Oscar declara: “Sou rico; achas que devo ignorar a miseria em que se debate o mundo.”⁴¹ Ele segue se lamentando por todos aqueles que não teriam os mesmos privilégios que ele usufruía. Os que estavam desempregados e passavam fome; as

³⁹ Dutra, Lia Corrêa. “Carta de um Pessimista”. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 19 de mar. 1933 Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_04&pesq=%22Lia%20Corr%C3%Aa%20Dutra%22&hf=memoria.bn.br&pagfis=15715 Acesso em: 18 jul. 2023

⁴⁰ Ibid.

⁴¹ Ibid.

miseráveis crianças que não iam crescer sadias como seus filhos e principalmente os jovens que se sacrificavam nos fronts de guerra.

A partir desse momento a “carta” toma um rumo interessante. Oscar observa como o amigo lê tranquilamente um jornal e alega que não há nada de novo. Isso o consternou profundamente, pois ele também lê o jornal e não vê aquelas páginas da mesma forma indiferente:

As folhas abertas do meu jornal traçaram o mapa do mundo para meu espírito ávido. Não vi o belo mundo utópico que me descrever sentimentalmente, o belo mundo sereno cheio de seiva e de força, produzindo e criando uma ideia de unidade e de bem geral... Vi um mundo convulsionado, epilético, louco, inconsciente, destroçando-se, rasgando-se, espumando numa crise de raiva e sangrando por inúmeras chagas abertas.⁴²

O personagem se indigna mais ainda com a efêmera memória da sociedade, que anos antes havia execrado a guerra que aconteceu em 1918, escrevendo livros e contando histórias que impressionam a juventude. E agora, passados tão pouco tempo, já se falava novamente em guerra e aqueles que eram pacifistas desaparecem em meio a uma multidão de patriotas e militaristas. É mais interessante ainda observar a forma como Oscar percebe a crise que se inicia na Alemanha naquele momento:

[...] leio que na Alemanha, há repressões ser veríssimas contra um partido que era até ontem reconhecido e oficial. Nas prisões, paga-se o crime de ter ideias. E recomeça essa ridícula, monstruosa, absurda campanha anti-semita. Imagino os judeus perseguidos, impossibilitados de ganhar o sustento, de viver em paz...⁴³

Ao final da “carta” ele relembra, com certa ironia, do amigo chegando pálido e assustado para o encontrá-lo. Quando o questiona, Amaro responde que havia atropelado um cão vadio com seu carro e estava consternado. E Oscar afirma: “Como duvidar da sensibilidade de alguém que sofre tanto pelo atropelamento de um cachorro?”

⁴⁴Mas, para ele, o amigo só havia sofrido porque os uivos e o sangue do pobre animal o chocaram. Muito diferente das cenas que ocorriam do outro lado do mundo e eram apenas imagens estáticas em cima de letras miúdas no jornal. Então Oscar finaliza dizendo que se o amigo sofreu tanto por um acontecimento insignificante, seria muito mais pessimista que ele se “[...] reunisse, a tua super-sensibilidade, o meu senso de

⁴² Ibid.

⁴³ Ibid.

⁴⁴ Ibid.

realidade e o meu poder de imaginação”⁴⁵ E caso a humanidade toda fosse como ele, o mundo cairia em uma cólera tão profunda que a única solução seria o suicídio coletivo.

O texto seguinte foi publicado na edição 11.751 no dia 26 do mesmo mês. Intitulado *Meu omnibus matinal*, a crônica é escrita no mesmo estilo das publicações anteriores do jornal, criticando a sociedade e abordando os acontecimentos cotidianos de forma simples e acessível ao leitor. Algo que não foge muito do padrão do gênero de crônica literária nos jornais, todavia, se analisado em conjunto com a extensa obra da autora e conseqüentemente sua trajetória, nos entrega uma fonte muito rica para o estudo da história desse gênero na imprensa brasileira.

A reflexão se dá, basicamente, no fato de que, segundo a autora, seu conhecimento e compreensão do mundo são formados por suas experiências cotidianas — no momento em que espera o ônibus —, muito mais do que pelo conhecimento que ela adquire nos livros. E relata a diversidade dos “tipos humanos de classe média” em seu transporte das dez e cinquenta:

São funcionários públicos, que querem chegar justamente em cima da hora do fechamento do ponto, sem conceder um minuto sequer ao Governo que lhes paga; são advogados que folheiam autores e se embrenham na aridez de embaraços e recursos; são médicos, que já devem ter á sua espera, no consultório, um doente com hora marcada; são estudantes, que discutem em voz alta profissionalismo e football e anseiam por uma epidemia que mate metade da população, mas institua o exame por decreto; são dactylographie, que folheiam revistas cinematográficas, e lêem romances de Edgar Wallace.⁴⁶

Apenas essa descrição já daria uma análise muito interessante sobre como a autora distingue cada um dos trabalhadores, mas vamos ao restante do texto. Lia Corrêa Dutra segue minuciando os incidentes usuais daquele ônibus, como as senhoras com pouca noção de realidade que saem para fazer compras naquele horário e esquecem de levar o dinheiro trocado para o cobrador, atrasando ainda mais os impacientes trabalhadores. A inveja intragável daqueles trabalhadores anêmicos quando veem das janelas os jovens bronzeados nos clubes de regatas, enquanto eles se encaminham para um escritório mal arejado onde vão ficar seis horas sentados em uma completa paralisia.

⁴⁵ Ibid.

⁴⁶ Dutra, Lia Corrêa. “Meu Omnibus Matinal”. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 26 de mar. 1933 Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_04&pesq=%22Lia%20Corr%C3%AAa%20Dutra%22&hf=memoria.bn.br&pagfis=15806 Acesso em: 19 jul. 2023

Após essas reflexões ela desce do ônibus, que após mais uma viagem para seu local de trabalho, havia contribuído para seu aperfeiçoamento intelectual e fornecido um conhecimento ímpar de algumas facetas da vida e dos trabalhadores em geral. É um texto, bem parecido com os outros, de fácil compreensão, linguagem simples, mas que aborda no momento em que ela chega ao personagem do jovem escritor, uma análise bem profunda no que se diz respeito à crítica literária. Contribui muito no conjunto da obra da autora.

A crônica *Elefante do Circo* publicada na edição 11.943 de 9 de abril do mesmo ano é mais um dos textos com reflexões exprimidas de forma simples, mas que ao final se revelam profundas para o público que lê. É basicamente uma reflexão sobre a força que o povo tem reprimida em si — metaforizado na figura do elefante — perante aqueles que exercem um controle de seus passos.

Tudo se inicia no domingo, com o decrépito circo se anunciando nas ruas, deslumbrando os pobres garotos que rapidamente propõem a ida à matinê do circo. E o “[...] espectáculo foi o que se podia esperar de um circo de bairro, Pueril e magnífico”.⁴⁷ Os números da primeira parte se desenrolam, com trapezistas e palhaços, quando chega a parte mais esperada e famosa do “elefante ensinado”. Entram em cena dois personagens, o domador e o elefante. A autora faz a seguinte descrição do primeiro: “O domador entrou primeiro, fardado de vermelho, coberto de alamares e galões como um tenente de opereta que acaba casando com a princesa herdeira de um país desconhecido dos Balkans”.⁴⁸ E o elefante ela descreve como “[...] imponente, colossal, fazendo todo o circo estremecer aos passos de suas patas poderosas”.⁴⁹ Uma imagem que evocava no público uma sensação de imponência, retratando o grande animal com um poder físico muito superior ao do domador. E quando se observava:

Voltei à realidade, e vi que o elephante fazia a volta na pista, vagaroso e solenne. Olhei para o imenso animal, cheio de respeito pela sua força, e de gratidão pela sua paciência. Quando a formidável massa de seu corpo passou por mim, levantando do chão uma nuvem grossa de poeira e serragem, instintivamente

⁴⁷ Dutra, Lia Corrêa. “Elephante do Circo”. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 09 de abr. 1933 Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_04&pesq=%22Lia%20Corr%C3%AAa%20Dutra%22&hf=memoria.bn.br&pagfis=16013 Acesso em: 19 jul. 2023

⁴⁸ Ibid.

⁴⁹ Ibid.

recusei, consciente de seu poder e de minha insignificância. O domador fez parar. E o soberbo animal, sentando-se sobre as duas colunas maciças de suas pernas traseiras, levantou a tromba, e cumprimentou docilmente a “distinta assistência”. E desenrolou-se toda scena indigna e revoltante.⁵⁰

A cena torna-se ainda pior quando aquele domador rola debaixo da enorme pata levantada do animal, que com apenas um movimento poderia acabar com a mesquinhez daquele homem que lhe controlava. Mas o elefante não se movimenta, apenas obedece. E assim, após demonstrar a brandura do gigante sob seu controle, o miserável domador, com sua roupa igualmente ordinária, percorre a pista com um gesto de príncipe.

E a partir daí se inicia a reflexão mais profunda do conto. Onde no intervalo, a autora reflete sobre a desmoralização daquele animal de proporções colossais. Observa que no exterior do circo se inicia uma pequena confusão envolvendo algumas pessoas que ali circulavam e um soldado que também assistiu ao espetáculo ordena com autoridade que aquelas pessoas circulassem. Esse soldado era tão insignificante em sua aparência quanto o domador e também trajava com orgulho sua farda. Mas mesmo assim, ordenava com toda pompa que aquela enorme multidão circulasse. Desse modo, toda aquela imponente multidão obedeceu, calada, sem protesto e perdendo todo seu aspecto de unidade. E com essa brilhante reflexão através da metáfora do elefante a autora finaliza o texto, levantando questões sobre a força existente na unidade de grupos e da mesquinhez daqueles que estão no poder dando ordens.

A crônica intitulada *Rua de Bairro* foi publicada quinze dias depois, ainda em abril, na edição 11.775. Através dela, ao analisar sua frequência em comparação com os textos anteriores e os subsequentes, é possível perceber que essa periodicidade quinzenal se mantém até o mês de junho de 1933. É mais uma crônica, que Lia Corrêa Dutra escreve a partir de suas observações cotidianas, dessa vez o local a ser analisado é sua rua e as pessoas que nela vivem.

A lente por onde a autora tira suas considerações é a sua janela. Ela afirma que estuda “raças”, compara “nacionalidades”, ouve os diversos idiomas falados e observa todos os “tipos humanos”. E conclui que sua rua “[...] é o último pedaço que ficou da

⁵⁰ Ibid.

Torre de Babel”.⁵¹Mais adiante ela nos situa especificamente o local onde sua casa é naquela rua, afirmando que seria a mais alta e por isso ela consegue ver tudo e todos. Dessa forma, ela descreve para o leitor todos aqueles tipos. Assim como no texto anterior, ambientado no ônibus, essas descrições por si só já revelam um pouco do contexto em que Lia Corrêa Dutra escrevia, suas influências e alteridades.

O japonês, praticava jiu-jitsu e passava com sua pequena mulher amarela que lembrava uma boneca feita de marfim. O russo “vende a prestações.” O português era dono do armazém. O italiano era sapateiro. O espanhol, soldador e provavelmente anarquista. E uma das descrições que chamam um pouco a atenção é a das mulheres negras — ela define como “pretas do morro” — que desciam de manhã para o trabalho e passavam a noite “para os bailes.” Por último, a autora destaca o israelita, que vivia comprando jornais para acompanhar a perseguição que ocorria aos judeus na Alemanha.

A partir daí, ela inicia uma narração do espaço que observa da sua janela. A primeira coisa que ela vê na esquina é a fábrica, cuja sirene rasga o silêncio e coloca todos aqueles operários em marcha, “[...] desatando-se do morro como uma longa fita humana [...]”⁵². Para a autora, aquele morro aconchegante diante daquele lugar espaçado e egoísta, era a força do bairro. Ela via-o como uma fera dobrada que se apronta para atacar. Mas a vida na sossegada rua, só se inicia de verdade quando as máquinas da fábrica começam com seus barulhos. E então, se observa as crianças, que se misturam sem nenhuma percepção das diferenças entre as “raças e nacionalidades”. Se divertem inocentemente, com exceção dos mais velhos que já imitam o patriotismo dos pais “sem naturalidade”. A partir disso, a autora conclui que o sentimento de nacionalismo não é espontâneo, mas sim “o mais ensinado dos sentimentos humanos.”

Além das diferentes “raças e nacionalidades”, haviam também distintas religiões, que entre as crianças se confundiam sem o menor esforço. As brasileiras iam para a igreja católica, o casal de irmãos israelitas segue para a sinagoga, os japoneses se curvam diante de buda enquanto o espanhol anarquista profere blasfêmias. E a partir

⁵¹ Dutra, Lia Corrêa. “Rua de Bairro”. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 23 de abr. 1933 Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_04&pesq=%22Lia%20Corr%C3%AAa%20Dutra%22&hf=memoria.bn.br&pagfis=16207 Acesso em: 19 jul. 2023

⁵² Ibid.

desse momento, surge o personagem do “homem que apanha papel”, ele desempenha o papel de fio condutor para a mais uma reflexão da crônica. Penna Branca é basicamente um louco, que tem sonhos grandiosos e alucina realidades para sentir-se feliz. No entanto, o pobre maltrapilho é rechaçado pelas pessoas daquela rua e a autora, enquanto observadora, argumenta: “A estupidez e a maldade humana não podem compreender a inocência e a perfeição da alma de um apanhador de papel que passa com a insolência satisfeita de um rei...”⁵³

Vale dar uma atenção especial a uma colocação que a autora faz momentos depois, sobre a sociedade burguesa, onde percebe-se uma crítica muito contundente ao que Lia Corrêa Dutra chama de burguesia:

Tenho por uns instantes a impressão de que o mundo voltou ao que era há alguns anos atrás, que a sociedade burguesa, forte e feliz como antigamente repousa no seio das famílias unidas, no conforto dos lares fartos...Depois, lembro-me que durante todo o dia essa gente trabalhou penosamente, homens e mulheres, lutando pela vida, com uma dureza amargurada que não conhecia antigamente.⁵⁴

E ela finaliza, assim como na crônica do ônibus, no último parágrafo, refletindo sobre o aprendizado e o conhecimento de mundo que obtém observando atentamente aquela pacata rua.

O conto intitulado *Os solteiros pagam impostos...* foi publicado, com o intervalo quinzenal, já no mês de maio, na edição 11.787. Nele, Lia Corrêa Dutra discute um fator um tanto quanto curioso, que é um suposto imposto que as pessoas solteiras teriam que pagar no caso de não contrair matrimônio. Pesquisando mais a fundo, encontra-se pouca notícia sobre esse suposto imposto ou algo parecido no Brasil antes de 1941, quando é promulgado o decreto lei 3200⁵⁵ que dispõe sobre a organização e proteção da família. Na década de 1930, apenas alguns jornais noticiavam sobre um imposto parecido que estava sendo promulgado na Itália fascista. Tudo que se encontra, fora isso, são rumores, boatos que são espalhados ligeiramente em pequenos jornais. Seria algum tipo

⁵³ Ibid.

⁵⁴ Ibid.

⁵⁵ Capítulo XV, Art.26 Art. 32 define que "Os contribuintes do imposto de renda, solteiros ou viúvos sem filho, maiores de vinte e cinco anos, pagarão o adicional de quinze por cento, e os casados, também maiores de vinte e cinco anos, sem filho, pagarão o adicional de dez por cento, sobre a importância, a que estiverem obrigados, do mesmo imposto." Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-3200-19-abril-1941-413239-publicacaooriginal-1-pe.html> Acesso em: 15 jul. 2023

de notícia falsa? Ou uma antecipação do que ocorreria em 1941? Não haverá uma resposta clara, mas o certo é que Lia Corrêa Dutra como de costume, fez do assunto o tema central do conto e a partir disso fez uma crítica ao possível empobrecimento da sociedade, ocorrido pelo casamento e a consequente reprodução dessa miséria por meio dos filhos.

No início do texto, somos apresentados a José Tobias de Aguiar que nesse momento pensava em pedir a mão de sua namorada Emilinha Pereira em casamento para fugir do suposto imposto. O personagem expressa severas críticas sobre a questão pois ele era um homem que não desejava se casar de fato, vivia miseravelmente como funcionário público em uma pensão, mas imaginava como seria se ainda tivesse uma família para sustentar. E existia um dilema entre casar-se, mesmo ferindo sua própria vontade, ou pagar o imposto esdrúxulo que surgia.

Apesar do jeito que a namorada Emilinha tinha para o trato de uma casa, ele via em seus colegas de trabalho, que tinham família, uma decepção profunda no fato de suas economias serem escassas, ele afirma que: “Todos os tres tinham família não muito numerosa, mas igualmente pesada aos seus orçamentos modestos.”⁵⁶ E isso o fez repensar profundamente sobre o pedido de casamento que aprofundou mais ainda sua crítica ao imposto. Ele conclui que, não era necessário um imposto, mas sim o asseguramento do trabalho que garantisse o sustento e futuro das crianças. Além de tudo: “Era um defeito bem nacional esse de aplicar soluções simplistas aos casos mais complexos...”⁵⁷ Ao final, José Tobias reflete que o imposto não era tão grande assim — se comparado com a verba necessária para sustentar uma família — e abandona a pobre namorada.

O Concurso de beleza foi publicado na edição 11.799 ainda em maio. É um conto cuja personagem principal se chama Maria do Carmo. A premissa é bem simples, onde acompanhamos a trajetória da caixeira — basicamente uma vendedora — de uma loja

⁵⁶ Dutra, Lia Corrêa. “Os Solteiros Pagam Impostos”. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 07 de mai. 1933 Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_04&pesq=%22Lia%20Corr%C3%AAa%20Dutra%22&hf=memoria.bn.br&pagfis=16207 Acesso em: 20 jul. 2023

⁵⁷ Ibid.

de chapéus que um dia vence um concurso de beleza. A reflexão se dá na altura em que o prestígio momentâneo cessa e a pobre menina entra em profunda cólera.

Nesse texto, embora não sejam proeminentes críticas incisivas sobre determinados assuntos, há algumas reflexões pertinentes acerca de discussões sociais. Uma delas acontece quando a personagem é descrita, mais especificamente, a descrição de seus olhos: “[...] Com grandes olhos, que de manhã brilhavam maliciosamente, mas que ao cair da noite, o cansaço de estar em pé, o dia inteiro, atrás do balcão, sombreava de roxo escuro”.⁵⁸ Ela ainda complementa, destacando que aqueles olhos, a todo momento, se dirigiam para o relógio ansiando pela hora da saída.

O namorado da personagem, um outro vendedor em uma loja de sapatos, chamava-se Cesar Augusto Guerra. O jovem casal, sonha humildemente com um quarto em uma pensão ou um apartamento de dois aposentos quando se casarem. A realização do sonho, ocorreria assim que ele fosse promovido a gerente da loja de sapatos. A trama simples do casal feliz, segue até o momento em que Maria entra para o concurso de beleza e começa a galgar um bom pleito. Seus pais tomam conhecimento e desaprovam, mas ela decide continuar na competição porque seu patrão insiste, visto que a vitória da jovem traria fregueses para a loja:

Na loja, o patrão que percebera que o concurso de beleza era um bom reclame para a casa, esperava-a com a promessa da vitória. Não consentiu que ela desistisse. Mostrando-lhe a lista dos prêmios que esperavam a vencedora. Falou-lhe nas vantagens que teria a loja. Prometeu mesmo que aumentaria o ordenado no fim do mez.⁵⁹

A personagem conquista o tão ansiado primeiro prêmio, ganha presentes é reconhecida em alguns lugares, mas na medida em que sua notoriedade passa, ela entra em um profundo sofrimento. Sofre com o apagamento e a indiferença das pessoas. E quando um novo concurso é realizado, Maria já foi completamente esquecida. Assim, ela perde toda sua felicidade.

⁵⁸ Dutra, Lia Corrêa. “Concurso de Beleza”. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 21 de mai. 1933 Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_04&pesq=%22Lia%20Corr%C3%AAa%20Dutra%22&hf=memoria.bn.br&pagfis=16606 Acesso em: 20 jul. 2023

⁵⁹ Ibid.

No início do mês de junho, é publicado o conto *Um Fracasso* na edição 11.811. Neste conjunto de publicações no *Correio da Manhã*, trata-se do primeiro texto em que o termo "Revolução de 30" é mencionado de forma explícita. É apresentado ao leitor, o personagem, que assim como nos textos anteriores será o protagonista da trama e terminará em algum tipo de desgraça. Benedicto, um jovem prodígio da cidadezinha do interior, vai estudar na capital. Seus pais e todos ao seu redor, acreditavam em seu sucesso e imaginavam que ele "[...] ainda havia de mandar neste Brasil."⁶⁰ Recebendo uma boa pensão dos pais, o jovem vivia confortavelmente e seus triunfos na capital ecoavam na pequena cidade. Aquele dinheiro usado para sustentar Benedicto na capital, era tido como um dos maiores investimentos dos pais, que aguardavam ansiosamente os futuros rendimentos resultantes do jovem promissor. Ele aceitava o dinheiro suado sem nenhum remorso pois acreditava em seu próprio sucesso: "Não tinha constrangimento nem remorsos. Ele também confiava em seu próprio valor. Aquilo era um capital que os velhos empregavam, e que renderia juros fabulosos, mais tarde quando ele finalmente fosse alguém".⁶¹

A primeira tragédia que assola a vida do jovem é a morte de seu pai no terceiro ano de faculdade, após isso o valor da mesada que sua pobre mãe ainda conseguia mandar, só diminuía. Até o momento em que Benedicto dispensa a mesada e mente que tinha uma quantia em dinheiro guardado para viver algum tempo. Seu orgulho não o deixava pedir emprego a ninguém, pois acreditava que os outros sabiam seu valor e iam procurá-lo. Isso não ocorreu e cada vez o jovem ia abaixando mais o patamar que havia tomado para si.

Todavia, ainda conseguiu sair daquela situação. Após dois anos, tenta retornar para a faculdade — não consegue, achava tudo muito complexo — e então arruma um bom emprego. Ganhando razoavelmente bem e com um cargo pomposo, sua fama segue ecoando na cidade. Diante dele, criou-se, novamente, uma atmosfera de superioridade. Porém o destino iria interferir na vida do jovem mais uma vez, nesse momento, quando ocorre a "Revolução de Trinta" e ele perde o emprego, pois: "O amigo

⁶⁰ Dutra, Lia Corrêa. "Um Fracasso". *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 04 de jun. 1933 Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_04&pesq=%22Lia%20Corr%C3%AAa%20Dutra%22&hf=memoria.bn.br&pagfis=16809 Acesso em: 20 jul. 2023

⁶¹ Ibi.

do pai, que o protegera, fôra político na velha república. E enquanto partia para uma villegiatura apressada no estrangeiro, Benedicto foi demitido”.⁶² E novamente, com sua pompa e orgulho, recusa empregos que considera de “segunda ordem”. Até que sua esposa Santinha, já cansada da situação miserável que vivia com Benedicto, resolve enviar uma carta contando tudo à sogra. E a mãe, responde, agora sem aquela admiração e vibração das correspondências anteriores. Nessa carta, ela convida o filho e sua família a retornarem à pequena cidade para viverem com ela, envia também uma quantia em dinheiro suficiente para as passagens. Não haveria para ele outra opção, mesmo que fosse desmoralizante aquela era a única saída.

A crônica *A actuação da mulher moderna* da edição 11.823 é um exemplo brilhante da capacidade de Lia Corrêa Dutra em tratar assuntos de cunho social — nesse caso feminista, mesmo que a autora em nenhum momento utilize essa designação — de forma simples e prática. O texto é bem pragmático e ela já inicia criticando o atraso do Brasil com as questões relacionadas à liberdade feminina, contudo, isso parecia estar se transformando. A mulher havia conquistado o direito ao voto em 1932 com o Decreto 21.076⁶³ de Getúlio Vargas e seguiu conquistando os mais diversos espaços. Lia afirma que:

A mulher começou, aos poucos, entrando nas repartições publicas e nas casas de commercio, onde firmou o seu lugar e provou que poderia substituir muitas vezes com vantagem, seus colegas do outro sexo. E' que a mulher, até agora poupada pela luta, pela responsabilidade e pelas preocupações imediatas no sustento da existência, tem em si reservas novas, forças intactas accumuladas, que começam a faltar a velha raça cansada de trabalhador que é o homem — exausto do millenar esforço quotidiano. Mostrou que podia ser funcionária mais conscienciosa, mais eficiente e mais assídua do que o homem. O sentimento de ordem, que desde sua infância lhe foi inculcado como “predicado indispensável” a toda moça e toda dona de casa facilita-lhe a aplicação meticulosa ao serviço, a divisão mais sythematisada do trabalho.⁶⁴

A principal causa dessas mudanças ocorreram principalmente por uma crise geral na família burguesa devido ao empobrecimento. O que obrigava a mulher a trabalhar

⁶² Ibid.

⁶³ Brasil. Decreto nº 21.076, de 24 de fevereiro de 1932. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-21076-24-fevereiro-1932-507583-publicacaooriginal-1-pe.html> Acesso em: 18 jul. 2023

⁶⁴ Dutra, Lia Corrêa. “A Actuação da Mulher Moderna”. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 17 de jun. 1933 Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_04&pesq=%22Lia%20Corr%C3%AAa%20Dutra%22&hf=memoria.bn.br&pagfis=17033 Acesso em: 20 jul. 2023

para auxiliar no sustento do lar. E segundo a autora: “A própria moral burguesa transformou-se. O trabalho feminino outrora considerado quase desonrando, prova de decadência e motivo de vergonha, tornou-se, com a necessidade, dignificado e respeitável”.⁶⁵ Como resultado, as mulheres passaram a se especializar e debater questões como política internacional, filosofia e literatura, as quais eram anteriormente amplamente limitadas aos homens.

Lia Corrêa Dutra destaca nomes importantes para a política, como o de Bertha Lutz⁶⁶, que comandava a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF) e se tornaria deputada em 1936. A advogada Natercia da Silveira⁶⁷, que por um tempo lutou ao lado de Bertha, eventualmente rompeu com ela e fundou a Aliança Nacional de Mulheres (ANM). Ela também cita Georgina de Azevedo Lima e Anna Amelia Carneiro de Mendonça⁶⁸. Além das mulheres importantes para a literatura naquele momento, como Lucia Miguel Pereira⁶⁹ crítica literária e biografa de Machado de Assis. Lucia de Andrade Magalhães, que segundo a autora, publicou notas sobre a “Psicologia Pedagógica da Adolescência”. Acerca de Lucia de Andrade, não foram encontradas mais evidências sobre os seus trabalhos ou sua atuação em algum movimento social.

Como em todas as suas crônicas anteriores, Lia Corrêa Dutra finaliza com um último parágrafo muito sucinto e profundo. Para introjetar de fato as suas ideias na consciência do leitor.

Seguindo essa temática de libertação feminina — novamente sem usar o termo “feminismo” ou qualquer alcunha parecida — Lia Corrêa Dutra publicou ainda em junho na edição 11.829 o conto *Traje Unico* que tinha como pano de fundo uma discussão sobre uma roupa “unisex”, que estava exposta em uma loja e havia sido encomendada por uma moça “audaciosa.” A personagem principal da trama era Maria Paula, uma jovem burguesa, bem afeiçoada e muito faceira. Todavia, momentos antes

⁶⁵ Ibid.

⁶⁶ POTECHI, B. . As mulheres dos estatutos no Congresso Nacional Brasileiro. ESTUDOS FEMINISTAS , v. 27, p. 1-13, 2019.

⁶⁷ MARQUES, TERESA CRISTINA NOVAES . A regulação do trabalho feminino em um sistema político masculino, Brasil: 1932-1943. Estudos Historicos (Rio de Janeiro) , v. 29, p. 667-686, 2016.

⁶⁸ INFANGER, I. B. . A atuação da sufragista Anna Amélia de Queiroz: os caminhos do feminino no Brasil República. In: XXII Semana de História, 2019, Franca. O Poder na História. São Paulo: Unesp, 2019. v. 22. p. 39-57.

⁶⁹ PEREIRA, Lúcia Miguel. 1988; Machado de Assis, estudo crítico e biográfico. S.l.: Círculo Literário Brasileiro.

de inserir o leitor de fato na discussão a respeito da roupa, a autora introduz brevemente uma nova personagem, descrevendo de forma objetiva a mulher trabalhadora:

Uma mocinha magra, de vestido preto, perguntou-lhe o que desejava. Como Maria Paula, mas por motivos opostos, ela também consultava ansiosamente o relógio. Desde as 8 da manhã estava ali em pé, atrás daquele balcão. E quando a freguesia exclamou, despeitada, que mal tinha tempo de examinar as fazendas, porque faltava apenas um quarto para a seis, o olhar da mocinha magra poz um comentário de desejo impaciente nessa frase. O olhar da mocinha magra observou: ainda um quarto de hora!⁷⁰

Posteriormente, no decorrer do conto, é tratada a questão da neutralidade nas cores das roupas, estabelecendo uma associação com a roupa da atendente. Após essa rápida inserção, Maria Paula entra finalmente na loja que exhibe a roupa “neutra” e encontra Margarida, sua antiga professora de piano. As duas conversam sobre assuntos triviais enquanto Maria analisa a roupa simples e o aspecto envelhecido da professora. De repente, Margarida percebe o traje exibido na vitrine, fica atordoada e levanta o assunto com Maria. A senhora argumenta que o “enfeite” expressava toda graça e poesia da mulher. Em certo momento, Maria, já vencida pelo cansaço, acaba concordando com aquela mulher simples que defendia ardentemente um padrão de beleza que nem ela mesma alcançava. E no último parágrafo, como de praxe, o leitor é conduzido a uma reflexão conclusiva. Essa em particular é bem ríspida e um tanto irônica, pois revela que na verdade a jovem continuava discordando de tudo aquilo que sua velha professora sustentava:

E Maria Paula pensou que felizmente, ainda existiam as mulheres feias e engraçadas, para defender arduamente todo o patrimônio de beleza e de harmonia que as bonitas e admiradas procuram comprometer com uma tão absoluta e clamorosa inconsciência.⁷¹

Tratando mais uma vez da temática feminina, Lia Corrêa Dutra publicou em agosto o conto *Em volta da mesa*. O texto da edição 11.865 é mais sensível que os anteriores, mas não deixa de abordar a questão feminina de forma profunda e concisa. João Santos, pai de cinco filhos e casado com Maria, adora ler folhetins no jornal. Mesmo com certa vergonha de consumir aquele conteúdo que para ele é fútil, lia atentamente cada nova publicação. A narração daquelas histórias para sua mulher era a desculpa

⁷⁰ Dutra, Lia Corrêa. “Traje Único”. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 26 de jun. 1933 Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_04&pesq=%22Lia%20Corr%C3%AAa%20Dutra%22&hf=memoria.bn.br&pagfis=17139 Acesso em: 20 jul. 2023

⁷¹ Ibid.

que usava com o propósito de justificar o consumo daquelas ditas bobagens: “João Santos afirmava que lia “aquela tolice” para comprazer a mulher, que não tinha tempo, coitada, para leituras ou distrações”.⁷² A própria esposa, de fato não se interessava, entretanto, ouvia atentamente para despertar uma alegria pueril no marido.

Naquela noite, no momento em que contava fervorosamente parte da história para Maria, João percebe que a mulher dormia de forma serena reclinada no sofá. Ele fica um tanto indignado, porque achava que não havia motivo para tanto cansaço ao ponto de dormir preguiçosamente no sofá.

Contudo, ao observar mais atentamente Maria ele percebe as marcas da velhice em seu rosto, o cabelo que começava a esbranquiçar, as marcas e furos em suas mãos, os olhos cansados e os pés calejados do serviço doméstico. Isso o deixa reflexivo e ele olha ao seu redor e vê a casa minuciosamente arrumada, lembra do delicioso jantar que pouco antes havia comido e de suas roupas limpas e engomadas para ir ao trabalho no outro dia. Recorda que quando ele ou os filhos ficam enfermos, Maria passa a noite com os olhos abertos, atenta, cuidando de tudo e de todos. E então se questiona novamente: “O que tinha ella para estar cansada? — Uma casa, um marido, cinco filhos, a pobreza — uma dignidade para defender, uma situação para manter, um futuro para preparar...”⁷³

Esse conto trata de uma questão que segue sendo debatida nos dias atuais, que é o trabalho invisível das mulheres que se dedicam ao lar. A forma como a autora aborda essa discussão é impressionante. De um jeito muito sutil e delicado, Lia, com sensibilidade, entrega ao leitor uma reflexão que naquele momento, provavelmente, sequer era debatida. Reflete sobre a perda de individualidade da mulher e a falta de reconhecimento do trabalho de cuidado com o lar — que é o que permite os homens construírem suas carreiras confortavelmente —.

Sweepstake, football e outros assuntos graves... publicada em agosto é uma crônica cuja temática se diferencia um pouco das anteriores. O texto publicado na edição 11.871 tem como questão chave o futebol. Lia Corrêa Dutra afirma que conhecia

⁷² Dutra, Lia Corrêa. “Em Volta da Mesa”. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 06 de ago. 1933 Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_04&pesq=%22Lia%20Corr%C3%AAa%20Dutra%22&hf=memoria.bn.br&pagfis=17767 Acesso em: 22 jul. 2023

⁷³ Ibid.

modalidades de aposta e corridas de cavalos — Betting e Sweepstake — porém, achava muito complexo. A autora considerava o futebol sem finalidade.

Porém, após aceitar o convite de ir em uma partida, muda de opinião. Fica impressionada com a quantidade de pessoas que vê no estádio e segundo ela tinha: “[...] uma expressão de uma força tranquila e de alegria inocente”.⁷⁴ Mas o clima no estádio foi mudando, até que o jogo foi finalizado às pressas, após o povo invadir o campo em fúria e espancar o juiz. E Lia conclui sua crônica, constatando que futebol é assunto sério e os jovens jogadores do esporte, provavelmente, ganhavam um salário maior do que os diplomados.

A publicação de setembro, intitulada *A descoberta de Domiciano Jordão* na edição 11.895 é mais um dos contos sensíveis e profundos. O protagonista, mencionado no título, estava celebrando mais um ano de vida, porém, sentia uma profunda tristeza por essa ocasião. Completava cinquenta e dois anos e era atravessado por uma crise existencial visceral. Não havia se casado, passou uma juventude doente em colégios internos e “[...] em rodas de rapazes, em salas de bilhar.”⁷⁵, E na maturidade: “[...] anos de trabalho, sem glória e sem promessas, dias iguais, lisos, monótonos, vazios...”⁷⁶

Ao sair para mais um dia de trabalho, Jordão se depara com a aspereza e falta de humanidade das pessoas que encontra: “Sentia a hostilidade dos homens a dureza da vida”.⁷⁷ Mas quando entra em uma rua movimentada, percebe que no meio da multidão, sua existência era anônima e ele não se sentia mais tão diferente ou velho quanto as outras pessoas. Sentia-se pertencido e se surpreendeu quando um homem que esbarrou nele, derruba seu chapéu, o pega do chão e pede desculpas. Isso desperta uma nova perspectiva no personagem.

A maior reflexão deste conto está na sensação de pertencimento que Domiciano adquire analisando os acontecimentos ao seu redor. Essa inserção só ocorre quando ele

⁷⁴ Dutra, Lia Corrêa. “Sweepstake, football e outros assuntos graves”. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 13 de ago. 1933 Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_04&pesq=%22Lia%20Corr%C3%AAa%20Dutra%22&hf=memoria.bn.br&pagfis=17875 Acesso em: 22 jul. 2023

⁷⁵ Dutra, Lia Corrêa. “A descoberta de Domiciano Jordão”. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 10 de set. 1933 Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_04&pesq=%22Lia%20Corr%C3%AAa%20Dutra%22&hf=memoria.bn.br&pagfis=18287 Acesso em: 24 jul. 2023

⁷⁶ Ibid.

⁷⁷ Ibid.

percebe que existem pessoas boas e gentis no meio de uma multidão de desconhecidos. Portanto:

Em outubro, na edição 11.913, Lia publica *Trecho de um livro que não será escrito*. Esse livro seria sua autobiografia e o “trecho” publicado, tratava especificamente de sua infância. Até o momento, ao que parece, esse texto é o que mais revela sobre a biografia da autora. Ela inicia discutindo sobre a coragem necessária para escrever um livro de memórias:

Creio que eu não seria capaz de dizer meus pensamentos mais íntimos, meus sentimentos mais secretos, todos os instantes dolorosos infelizes de meus dias. Só da infância talvez poderia falar... E o primeiro capítulo haveria de ser o único de meu livro de Memórias. Nunca escreverei um livro de memórias, porque ou elas interessavam e nesse caso não conteria uma só palavra de verdade — seriam compostas como um romance — ou diriam a verdade e nesse caso não interessam a ninguém.⁷⁸

Esse trecho é muito interessante, principalmente porque, neste momento, a escrita deste texto tem como um de seus objetivos a análise de parte de sua biografia. Mesmo que se concentre no conjunto de seus trabalhos em 1933 para o *Correio da Manhã*, a trajetória da autora está intimamente ligada com seus textos. Os sentimentos e opiniões que estão sendo expressados, refletem parte de seu percurso enquanto escritora e crítica literária.

Lia Corrêa Dutra afirma que sua infância poderia ser dividida em três fases: mística, romântica e esportiva. O episódio que ela narra acontece em seu período místico, quando sentia uma profunda necessidade de catequizar todos ao seu redor. Quando tinha seus oito anos, vivia em sua rua, uma menina israelita chamada Rosa Nagib que “[...] era a menina mais feia, mais pobre e mais triste da minha rua.”⁷⁹Nenhuma criança se aproximava dela e o afastamento era porque: “Tínhamos por ela a repugnância instintiva da criança por tudo quanto é feio e melancólico e miserável.”⁸⁰ A autora ainda justifica que não era nada relacionado ao fato dela ser judia e afirma que “[...] não havia nada do antissemitismo do sr. Adolph Hitler”.⁸¹

⁷⁸ Dutra, Lia Corrêa. “Trecho de um livro que não será escrito”. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 10 de out. 1933 Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_04&pesq=%22Lia%20Corr%C3%AAa%20Dutra%22&hf=memoria.bn.br&pagfis=18601 Acesso em: 24 jul. 2023

⁷⁹ Ibid.

⁸⁰ Ibid.

⁸¹ Ibid.

Com essa intensa necessidade de salvar almas para o catolicismo, a pequena garota percebe que a menina melancólica era chance de ela salvar mais uma alma e resolve se aproximar para tentar batizar a pobre Rosa. Nos primeiros momentos ela finge uma amizade até chegar ao ponto de ela perguntar se a “amiga” deseja se batizar. Obviamente a menina judia não aceita e então Lia Corrêa Dutra ordena que “[...] se não fores batizada não brinco mais contigo”.⁸²Então Rosa aceita com muita culpa e a jovem “profeta” do catolicismo se sente orgulhosa de ter salvado mais uma alma.

A autora narra todo esse episódio e afirma na conclusão que se sentia culpada por tal ato: “O que sei é que ela é ainda hoje o grande remorso de minha vida, o ponto doloroso de minha infância”.⁸³ Não é possível saber até que ponto esse episódio aconteceu realmente, pois a própria autora afirmou no início do texto que as memórias dela que de fato fossem interessantes ao leitor “não conteriam uma só palavra de verdade”.⁸⁴Apesar de permanecer a dúvida, o texto revela a sutileza e a rispidez da escrita da autora.

A grande humorista, crônica da edição 11.925 de outubro, é mais um exemplo da ironia intrínseca nos textos de Lia. Ela relata que por confusão dos correios, recebeu um folhetim chamado “Nova hipótese sobre a gravitação universal”, escrito por um professor de língua e literatura espanhola da Venezuela. O autor, professor Maldonado, argumenta que a lei da gravitação universal não existe. A reflexão da crônica mora no absurdismo daquela teoria, principalmente em tentar refutar Newton em um folhetim com dez páginas. Segundo Lia Corrêa Dutra, o fato de o professor expressar essa teoria tão abertamente estaria protegido pela atmosfera do ridículo.

E conclui que a vida é a grande humorista, que de forma tão inesperada traz algo tão absurdo e ilógico para ela ler e compreender que na imensidão do mundo com suas mais diversas sociedades, as mais diversas teorias incoerentes estão surgindo e sendo discutidas: “Nos cantos mais desconhecidos do planeta, quem sabe o que não se estará

⁸² Ibid.

⁸³ Ibid.

⁸⁴ Ibid.

passando, de bello, de terrível, de cômico, neste momento breve que foge para nós sem trazer uma surpresa, sem deixar uma lembrança!”⁸⁵

Em novembro, é publicado *Um pouco de cinema* na edição 11.943. Uma crônica que, como de costume, faz críticas ácidas a diversos assuntos. O tema selecionado desta vez foi o cinema. A autora informa que havia assistido uma “fita russa” e gostado muito. O filme, o qual ela não fala o nome, tinha a surpreendido muito, pois acostumada com a indústria cinematográfica americana não, conhecia tal faceta realista dos filmes. Ela afirma que não era possível encontrar uma deturpação da realidade na fita russa.

Todavia, na reflexão final da crônica Lia Corrêa Dutra argumenta que na realidade da vida cotidiana não haveria o mesmo drama necessário para se construir um filme que fizesse as pessoas irem ao cinema. Ela conclui que: “[...] evidentemente, a realidade de nossa vida cotidiana, tal como é na sociedade atual, não merece talvez o desperdício de alguns quilômetros de celulóide.”⁸⁶

O conto *Profanação* ainda de novembro, publicado na edição 11.955 é mais um dos exemplares de conto sensível e bem articulado. O tema central é a morte e os principais personagens são Jorge de Barros e Dr. Valladares. A discussão começa com Jorge criticando a atitude das pessoas presentes ao ouvirem a notícia de uma tragédia com dezoito mortos e quarenta feridos. Ele afirma que: “Enquanto vocês escutam a leitura da notícia, pude fazer uma observação interessante. Ao ouvirem: ”18 mortos e 40 feridos”, a fisionomia de todos revelou apenas um espanto arithmetico pelas cifras elevadas...”⁸⁷

A morte, para o personagem, só comovia devido às circunstâncias que a rodeavam e o ambiente funerário si só era comovente. E para comprovar sua proposição,

⁸⁵ Dutra, Lia Corrêa. “O grande humorista”. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 15 de out. 1933 Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_04&pesq=%22Lia%20Corr%C3%AAa%20Dutra%22&hf=memoria.bn.br&pagfis=18812 Acesso em: 24 jul. 2023

⁸⁵ Ibid.

⁸⁶ Dutra, Lia Corrêa. “Um pouco de cinema”. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 05 de nov. 1933 Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_04&pesq=%22Lia%20Corr%C3%AAa%20Dutra%22&hf=memoria.bn.br&pagfis=19139 Acesso em: 24 jul. 2023

⁸⁷ Dutra, Lia Corrêa. “Profanação”. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 19 de nov. 1933 Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_04&pesq=%22Lia%20Corr%C3%AAa%20Dutra%22&hf=memoria.bn.br&pagfis=19139 Acesso em: 24 jul. 2023

Jorge pede a opinião de seu amigo médico legista Dr. Valladares, que concorda imediatamente, afirmando que poucas vezes sentia comoção quando chegava algum corpo ao necrotério, na maior parte do tempo o sentimento era de nojo e horror. Todavia, ele dá um exemplo de quando sentiu comoção. Quando ainda era estudante, se deparou com o cadáver de uma velhinha que chegou:

[...] toda de branco, com um vestidinho casto e afogado de, longas mangas que só descobriram as mãos ossudas, as pobres mãos gastas de trabalhadeira, piedosamente unidas sobre o peito, amarradas por um rosário ingênuo de grossas contas de vidro azul. Trazia ao pescoço uma fita larga, de chamalote azul: o distintivo das “Filhas de Maria”⁸⁸

Mas a comoção maior que sentiu, foi com o fato daquela beata inocente, após a sua morte, ter seu corpo puro, desnudado na frente de um bando de jovens estudantes sem nenhum pudor. Provavelmente aquele foi o único momento em que ela teve seu corpo visto e tocado por algum homem. Aquilo havia comovido profundamente o Dr. Valladares, que afirmou: “Só essa velhinha pueril, com seu passado feito de absurdas miragens, de superstições que nunca compreendi nem respeitei, conseguiu enternecer-me”.⁸⁹ O conto encerra-se após o relato, com Jorge de Barros buscando direcionar a conversa para outro rumo.

A última publicação daquele ano, a décima oitava, foi apresentada na edição 11.961 e consiste em uma crônica intitulada O dia do vizinho. A crítica principal reside no fato de que existiam várias datas comemorativas, mas não havia ainda o “dia do vizinho”. A partir disso a autora discorre sobre a importância dos vizinhos no policiamento da vida privada e os tipos de vizinhança que conseqüentemente existiam: “E convenci-me da importância que têm para a vida de muitos de nós a influencia da vizinhança. Essa influencia, aliás, varia de acordo com as diversas classes da sociedade.⁹⁰ Enquanto quem era muito rico vivia em palacetes espaçosos e sem vizinhos, a classe média dividia paredes e os trabalhadores que viviam em morros pobres dividiam os próprios cômodos e utensílios das casas:

No espaço pequeno em que deve viver, a família do operario, numerosa, pobre, desprovida de tudo, cansada do trabalho pouco rendoso, tem no quarto vizinho

⁸⁸ Ibid.

⁸⁹ Ibid.

⁹⁰ Dutra, Lia Corrêa. “Dia do Vizinho”. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 26 de nov. 1933 Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_04&pesq=%22Lia%20Corr%C3%AAa%20Dutra%22&hf=memoria.bn.br&pagfis=19457 Acesso em: 24 jul. 2023

uma continuação do lar , facilitando-lhe a vida, ou a zona perigosa onde não pode pisar, e que concorre para amargura de seus dias. Os vizinhos “que se dão” têm tudo em commum. Empreram-se em confiança, cadeiras, louças , roupa, temperos para a comida, o pedaço de pão que hoje não é possível comprar, e o remédio que nenhum medico receitou , mas que a moça “da casa ao pé” desclrou ser “tiro e queda” para qualquer bronchite.⁹¹

Lia conclui, descrevendo um pouco da sua vizinhança e demonstrando sua gratidão pelas mais diversas pessoas que ali vivem. Aquele senso de comunidade existente, trazia a ela um grande sentimento de humanidade. E ela finaliza afirmando que: “E o acaso de vizinhança vem fortalecer, em meu coração, o sentimento profundo da solidariedade humana”.⁹²

Essas publicações periódicas no Correio da Manhã se encerram no ano seguinte. Podemos perceber então que a autora tinha uma relação do que poderia ser um contrato com o jornal para a escrita periódica de textos, ou então apenas uma colaboração sem muitos fins lucrativos, simplesmente para divulgar seus textos. O que fica claro é o estilo de escrita de Lia Corrêa Dutra, naquele momento no início dos anos 1930, que pouco iria se alterar ao longo do tempo. De acordo com as fontes, nos quatro anos seguintes, a autora ficou fora dos meios de comunicação, retornando com publicações apenas em 1938. Por conseguinte, vejamos sua crítica literária, que inaugura um novo leque nas publicações da autora.

1.3 Lia Corrêa Dutra na revista portuguesa Seara Nova em 1938

O nome de Lia Corrêa Dutra surge no acervo da revista *Seara Nova* no ano de 1938. O acervo da revista conta com mais de vinte e um mil artigos contabilizados nos mais de mil e seiscentos números disponibilizados ao público no arquivo do Seminário Livre de História das Ideias vinculado a Universidade de Nova Lisboa⁹³. A *Seara Nova* foi uma revista portuguesa de publicação muito extensa que existiu de 1921 até 1984. Criada por um grupo de intelectuais que reunia, Raul Brandão, Raul Proença, Aquilino

⁹¹ Ibid.

⁹² Ibid.

⁹³ <https://pt.revistasdeideias.net/pt-pt/seara-nova> acesso em: 01 mai. 2024

Ribeiro, Câmara Reis, Jaime Cortesão e Augusto Casimiro, a revista tinha o objetivo de promover uma reforma no pensamento e na mentalidade portuguesa:

Cientes da grave situação do país e intentando apresentar projetos de reestruturação nacional, esses homens buscaram fazer desse periódico um espaço para a discussão de temáticas que giravam em torno de doutrinas políticas e sociais; problemas morais e filosóficos; educação; crítica social; história; crítica literária, crítica artística e teatral, dentre outros assuntos, havendo um espaço reservado também à publicação de textos literários em prosa e em verso. (Souza, 2007, p.2)

Em 1938 Lia Corrêa Dutra publica um caderno em três partes sobre José Lins do Rêgo na revista *Seara Nova*. A primeira parte foi publicada em 6 de agosto no nº 573, a segunda no dia 13 no n.º 574 e a terceira no dia 20 no n.º 575. Nos cadernos a autora percorre toda a carreira de José Lins até aquele momento. Ela coloca o escritor em um patamar muito alto de qualidade, principalmente devido à sua capacidade de escrever sobre cenários brasileiros, não cenários importados da Europa. Coloca em uma posição de escritor para as massas e despolitizado:

Não há nenhuma má vontade, nenhum desejo preconcebido de fazer propaganda de doutrinas, na exposição sincera de seus tipos e no desenrolar de suas histórias; o que há é narrativa exacta dos acontecimentos, a fotografia nítida de um grupo de homens vivendo de acordo com os conceitos e as exigências de suas castas respectivas (Dutra, 1938, p.191)

A autora também afirma que foi só a partir de José Lins do Rêgo que os verdadeiros aspectos do chamado “norte” foram expostos para além da seca e do estereótipo de sertanejo preguiçoso tocador de viola. Pois, muitas pessoas nas cidades ainda acreditavam na existência de uma vida idílica no campo com sertanejos analfabetos opilados. E assim:

Foi então que veio José Lins do Rêgo e mostrou a verdade: e logo o Norte surgiu, com os seus engenhos de açúcar, a luta da usina grande que devora aos bocados o pequeno banguê e é por sua vez absorvida por empresas, bancos, trusts estrangeiro; o Norte, e suas verdadeiras condições económicas, sua sociedade ainda semi-feudal, seus sistemas de produção, sua monocultura latifundiária; a alta do açúcar construindo fortunas da noite para o dia, e a crise arrasando-as com a mesma rapidez; a cidade do Recife, com as suas avenidas de palacetes, e os mucambos construídos sobre a lama podre dos mangues [...](Dutra, 1938, p.192)

Lia Corrêa Dutra segue em tom muito elogioso e afirma que após Menino de Engenho o povo brasileiro estava lendo mais. Uma afirmação um tanto contenciosa, pois não apresenta nenhum dado que confirma de fato essa alegação, todavia, ela tem a seguinte justificativa: “Os livros de José Lins do Rego tinham, porém, além da força e da verdade de suas observações, uma facilidade de estilo a todos os alcances, fadando-os a uma rápida e ampla divulgação.” (Dutra, 1938, p.192) E ela conclui a primeira parte falando sobre questões de raça na obra Moleque Ricardo (1935):

Moleque Ricardo não entra no romance como um negro (embora tenha tôdas as características de um negro, suas qualidades e seus defeitos, e seja a pintura mais fiel e desapaixonada do negro brasileiro), mas como um trabalhador rural, a princípio, e depois como um operário da cidade. A circunstância da cor não preocupa um só momento Ricardo, Florêncio, Simão, Deodato, os grevistas reunidos nos sobrados do Recife; falam em mais pão, maior salário, melhoria de vida, como o faria um grupo de operários louros dos países frios. (Dutra, 1938, p.195)

A segunda parte do caderno foi publicada no nº 574 de 13 de agosto de 1938. Ela continua analisando cada obra de José Lins de forma individual, mas sempre as comparando com obras de outros autores, principalmente com Jorge Amado. Faz um paralelo entre o “Moleque Ricardo” e o “Moleque Baldo” da obra Jubiabá publicada em 1935 pelo autor baiano. Reforçando as críticas que ela já fazia ao romance de propaganda escrito por Jorge Amado e a forma com que ele conduz a personagem negro na trama.

A autora afirma que, o personagem Ricardo de José Lins era um negro sem revoltas, sem ódios. Enquanto Baldo, de Jorge Amado era “cínico, preguiçoso e brigão” (1938b, p.219), No entanto é Ricardo que aceita a ideia de uma revolução, ao mesmo tempo que Baldo:

converte-se ao trabalho e submete-se voluntariamente à servidão por amor de um menino branco, de um menino de outra classe — um sinhô-moço qualquer por quem ele dará o suor do seu trabalho, o sono de suas noites, os anos bons de sua mocidade, como seus avós já tinham dado tudo às casas grandes. (1938b, p.219)

Ela destaca que é a "submissão do negro" que conduzirá Ricardo à luta de classes, enquanto em Baldo o conduzirá à servidão.

A próxima análise que Lia Corrêa Dutra faz é de *Usina*, obra de 1936⁹⁴. Ao analisar a obra, a autora dá muito destaque aos personagens, esmiuçando as características de cada um. Mas o maior destaque é dado para a própria usina, como um monstro insaciável que ia se sobrepondo aos banguês e engolindo os mais pobres: “Usina insaciável quer toda a terra para os seus partidos de cana; os roçados que serviam à mesa dos pobres tem de ceder espaço. Toda a terra é pouca para dar de comer ao monstro de ferro. A máquina facilita e rouba o trabalho dos homens; a época é dos técnicos.” (1938b, p.220)

Mesmo que por um momento as Usinas tenham um apogeu, a decadência é prenunciada pelo desaparecimento da usina *Bom-Jesus*. Perde-se a rigidez e há um desagregamento geral, os últimos dias daquela máquina impiedosa, “são como toda a época de decadência, mais suaves e mais fáceis para o povo.” (1938b, p.220)

A última obra analisada pela autora nessa segunda parte do caderno é *Pureza*, publicada em 1937. Ela afirma, que essa é uma obra bem diferente das anteriores, porque não é um “drama de massas”, a quantidade de personagens é menor e José Lins segura na mão de cada um, como bonecos. Uma obra mais subjetiva e psicológica. O ambiente também muda:

Depois da secura dos campos absorvidos por uma monocultura esterilizante, dos romances da cana de açúcar, depois da devastação dos sertões flagelados pelas secas, José Lins leva-nos, em “Pureza”, para o silêncio da floresta, que “era como um silêncio da igreja deserta”, para o bosque cheiroso de eucaliptos, com cigarras cantando, e embaixo um riozinho claro, correndo travesso por sobre seixos brilhantes; à noite, um céu profundo, e a escuridão cerrada, espessa, estrelada de vagalumes; toda uma paisagem mais nossa, mais convencionalmente brasileira (1938b, p.221)

Assim como na análise da obra anterior, Lia Corrêa Dutra destrincha todos os personagens, suas características e sua trama. Faz um pequeno resumo sucinto em linguagem inteligível. Da mesma forma que José Lins, a autora tem a capacidade de encarnar todos os preconceitos e as diferenças de classes em uma descrição. E ela também faz uma conclusão importante de que todos os personagens principais de José Lins se partem no final da trama: “O romance termina com a partida de Seu Lôla, de

⁹⁴ No texto, a autora conclui afirmando que o livro *Usina* fechava o chamado “ciclo da cana-de-açúcar” de José Lins, no entanto em 1943 o escritor publica *Fogo Morto*, que fala sobre a transformação do Engenho Santa-fé na Paraíba.

Pureza (é interessante observar-se, que exeto “Pedra Bonita”, todos os livros de José Lins começam e acabam com a partida do principal personagem” (1938b, p.223)

A terceira parte foi publicada no nº 575 em 20 de agosto de 1938. Lia Corrêa Dutra finaliza o caderno abordando a obra *Pedra Bonita*, de 1938, fazendo uma comparação da obra com *Menino de Engenho*. Afirma que o romance de 1938 é mais maduro, menos agitado e sem muita combatividade. E segue concluindo que nos primeiros romances, José Lins não tinha controle sobre os personagens, que adquiriam existências próprias. Era uma espécie de autonomia das personagens, veja bem:

Em seus primeiros romances, notava-se que José Lins não podia conter seus personagens; êles tinham mais força do que o seu criador; apenas formados, adquiriam existência própria, arrastavam-no por caminhos onde era forçado a soltá-los, acompanhando-os sem intervir, para anota-lhes os gestos, relatar os acontecimentos. (1938b, p.244)

Em determinado momento, a autora tenta de certa forma justificar o afastamento do enredo da responsabilidade com as questões sociais mais coletivas: “Porque, indiscutivelmente, Moleque Ricardo era mais tocante do que a própria miséria, maior do que a própria greve...” (1938c, p.243)

E finaliza o texto com colocações muito interessantes sobre momentos da obra do autor. Ela já previa que os romances de José Lins não poderiam ser analisados de forma individualizada – como já abordei no tópico anterior, o autor construiu todo um universo –, e sim em “momentos” ou “ciclos”. Visto que até aquele momento ele não havia finalizado alguns daqueles “ciclos”, ela já adiantava uma percepção que seria um consenso nos estudos sobre José Lins. A autora ainda reitera que os romances representariam toda uma realidade brasileira, uma época, um bloco... Há um pouco de exagero próprio de crítica literária “encantada” com que lia. Vejamos o que o que é dito:

Entretanto, penso que José Lins não pode ser julgado pelos seus livros tomados separadamente, mais sim pela totalidade de sua obra, pois só ela, em conjunto, com seus romances do ciclo do açúcar, já encerrado, com os novos aspectos nordestinos que nos mostra agora “Pedra Bonita”, só ela poderá dar uma ideia exacta da força e da largueza de visão dêsse escrito, que em seis anos de trabalho nos deu todo o Norte, tôda uma sociedade, tôda uma época, e - coisa rara neste país de ilusões ingênuas e de preconceitos - um bloco vivo de realidade brasileira. (1938c, p.244)

Concluído o primeiro caderno, ainda em 1938 na edição nº34 da revista *Sol Nascente* o consagrado autor português Alves Redol, escreveu uma crítica aos cadernos

de Lia Corrêa Dutra na revista *Seara Nova*⁹⁵. Já nas primeiras linhas o autor destaca a importância que esses cadernos teriam em um futuro distante – o que é confirmado até mesmo por esse trabalho – uma importância para a reflexão acerca da literatura brasileira daquela época e seria de fácil compreensão porque tinha uma linguagem simples. Indubitavelmente, Lia Corrêa Dutra escreve de forma muito descomplicada, direta e abordando todas as questões sem muitos desvios. Segundo Alves Redol:

Este estudo que a *Seara Nova* trouxe à publicidade nas suas colunas, e depois nos seus Cadernos, vai ficar nessa vasta bibliografia, se não pelo seu todo, ao menos pela justeza de alguns conceitos, unidos numa prosa simples e fluente. (Redol, 1939, p.12)

Vale ressaltar que, Antonio Alves Redol foi um importante autor do chamado movimento neorrealista português. Escreveu livros como o clássico neorrealista *Gaibéus* em 1939, inaugurando o movimento inspirado em obras brasileiras como *Cacau* de Jorge Amado publicada em 1933 (Bergamo, 2008)

Conforme vai seguindo, o autor endurece as críticas. Afirma que as considerações feitas pela autora sobre os livros nacionais seriam repetidas e ainda reitera que esses livros ignoravam as questões sociais e imitavam romances estrangeiros: “[...] livros que ignoravam completamente, como de propósito, os nossos problemas mais vitais; livros de quem via a vida através dos romances estrangeiros, e se mostrava incapaz de sentir e compreender a verdade quotidiana”. (REDOL, 1939, p.12). Ele elogia a forma com que os autores se aproximam do “Norte” se integrando com o “homem social” o “homem humano”. Alves Redol segue, citando o revolucionário Russo “Chernischevsky” quando defende sua diretriz para os escritores: “[...] não é a sociedade que serve o artista, mas o artista que serve a sociedade; a Arte deve contribuir, portanto, para o desenvolvimento da consciência humana e para melhorar a ordem social.” (Redol, 1939, p.12) E segundo ele, os autores brasileiros seguiam essa diretriz porque dominavam aquela realidade, de forma que Lia Corrêa Dutra quando os distingue adquire para si austeridade. Todavia, Alves Redol julga que a autora faz isso de forma muito “apaixonada”, fazendo crer que o romance brasileiro se resume apenas a José Lins: “Fá-lo precursor e louva-lhe a

⁹⁵ Redol, Antonio Alves. “O romance brasileiro e José Lins do Rego”. **Sol Nascente**, Lisboa, 01 de mar. 1939. Disponível em: https://pt.revistasdeideias.net/pt-pt/sol-nascente/in-issue/iss_000000777/12 acesso em: 01 mai. 2024

exuberância. Embriaga-se da sua obra e ergue-lhe um altar onde o adora, demolindo todos os outros – e são tantos! – que possam ofuscar o brilho do seu ídolo”. (Redol, 1939, p.12)

Quando chega à questão da “imparcialidade” de José Lins e a forma com que Lia Corrêa Dutra abordou esse ponto, Alves Redol encrudelesce ainda mais suas críticas. Principalmente pelo fato da autora primeiro o enxergar como imparcial e depois afirmar que ele está presente na luta social, mas “quase” não toma partido. Esse “quase” ou “quási”, vai ser a chave da principal discordância de Alves Redol, segundo o autor:

Este quási não toma, sinônimo de que toma, talvez em pequenas parcelas – o que é um defeito – serve-lhe para ferir subtilmente os que de frente descoberta viram “que não era mais possível escrever apenas o romance da burguesia, por que as outras classes sociais reclamavam também seu romancista. (Redol, 1939, p.12)

E quando fala sobre a comparação entre Jorge Amado, ele não deixa de sublinhar a definição de que o autor baiano seria "ingênuo" enquanto José Lins seria o “imparcial”. Pois era dessa forma que Lia Corrêa Dutra definia quando analisava a proletarização das personagens de Jorge Amado em Cacau.

Assim sendo, Alves Redol conclui sua análise afirmando que o movimento literário brasileiro deve ser analisado pelo seu conjunto, não em suas individualidades: “O movimento literário brasileiro vale mais pelo todo, como definição de uma época de lutas, do que pelos fenômenos individuais”. (Redol, 1939, p.12)

É uma análise por uma perspectiva bem marxista de luta de classes, que já era de se esperar de Redol. E fica mais claro ainda esse desconforto dele com a “imparcialidade” de Lins do Rego afirmada por Lia.

Enfim, Lia Corrêa Dutra escreve um caderno quase que fascinada, enquanto o autor português tenta em alguns poucos parágrafos desmontar ou desconstruir essa singularidade de José Lins frente a outros autores, porém, não deixa de engrandecer a literatura brasileira. E o esteio da opinião de Alves Redol está justamente aí, porque todo o conjunto da literatura brasileira deve ser ovacionado e não apenas um autor em específico.

2. LIA CORRÊA DUTRA NA DÉCADA DE 1940: PRÊMIO HUMBERTO DE CAMPOS; CONGRESSO BRASILEIRO DE ESCRITORES.

2.1 A obra *Navio sem porto* e o prêmio Humberto de Campos

Entre os anos de 1930 e 1950, ser publicado pela Livraria José Olympio, no Rio de Janeiro, era o grande sonho de qualquer escritor. Isso representava não apenas prestígio, mas também a oportunidade de fazer parte de um catálogo literário que reunia obras e autores considerados como representantes legítimos da identidade brasileira.

José Olympio, personagem que dá nome a editora, nasceu em Batatais, São Paulo, em 1902, e desde jovem cultivou uma relação especial com os livros. Vindo de uma família humilde, na sua juventude José Olympio consegue um emprego na livraria Casa Garraux graças ao seu padrinho Altino Arantes Marques. Na livraria ele trabalhava exaustivamente, abrindo caixas, condicionando livros e limpando o que o impedia de estudar ou fazer qualquer outra atividade, pois trabalhava de segunda a segunda, sem folgas. Segundo Laurence Hallewell (1985, p.347), foram esses anos difíceis “que lhe proporcionaram sólida e ampla base nesse ramo de comércio, deve-se sem dúvida, muito do seu êxito posterior como editor independente nos anos 30, quando tantos de seus concorrentes não conseguiram sobreviver.”

A editora atingiu sucesso quando publicou a obra *Os Párias* do autor maranhense Humberto de Campos. O autor tornou-se o *best seller* da editora fazendo com que José Olympio o propusesse um programa para a publicação em 1934 de quase um livro por mês. O reconhecimento de José Olympio por Humberto de Campos é tanto que ele deu o seu nome ao primeiro concurso literário da editora.

De acordo com Cássia dos Santos (2012), o concurso ficou especialmente conhecido por marcar o lançamento do mineiro Guimarães Rosa, que participou sob o pseudônimo de Viator com seu livro de contos *Sagarana*. Na disputa, ele ficou em segundo lugar, sendo derrotado pelo autor Luiz Jardim, devido ao voto de desempate de Graciliano Ramos. Anos mais tarde, Graciliano Ramos admitiu ter sentido remorso pela decisão que encerrou o concurso.

Lia Corrêa Dutra conquistou o prêmio em 1941 com o livro de contos *Navio sem Porto*, livro esse que possui uma única edição publicada, com poucos exemplares existentes nos dias de hoje. A comissão julgadora que premiou Lia, segundo o jornal *Correio da Manhã*, era composta por Rachel de Queiroz, Almir de Andrade, Anibal Machado, Magalhães Junior, Peregrino Júnior, José Lins do Rego e Herman Lima⁹⁶. Lins do Rêgo em uma matéria de 1943, para o jornal *A Manhã*, após ler e premiar o livro afirma que:

A narrativa de Lia Corrêa Dutra conta com a expressão literária de uma escritora que se utiliza de uma língua flexível, sem preocupação de estilo composto. A sua força de narrar se serve da simplicidade de uma sintaxe de formação popular, sem os enfeites da falsa riqueza verbal. Há no seu livro correção gramatical, mas há sobretudo, naturalidade, uma graciosa maneira de criar ambientes, situar os personagens, firmar os caracteres, sem a tão desgraçada preocupação de brilhar com que as crônicas de rádio começam a tomar conta de tudo. O que há em Lia Corrêa Dutra é o escritor de primeira ordem, um temperamento de fundo poético que sabe narrar como poucos. Ao terminar o seu livro de contos fica-se com a certeza de que a ficção brasileira ganhou um mestre.⁹⁷

Enfim, tendo esse conhecimento prévio do prêmio, vamos de fato ao livro. A autora inicia o primeiro conto, que dá nome ao livro, intitulado *Navio sem Porto* narrando acerca de um grupo reunido no tombadilho⁹⁸ de um navio superlotado. Todas as pessoas daquele grupo estavam angustiadas, ansiosas para conseguir enxergar uma terra firme após longos dias com os olhos fixados no infinito azul do mar. Eles eram heterogêneos, entretanto, dentro do navio, eram todos iguais, como se suas vidas anteriores aquela viagem houvesse ficado para trás. Notavam-se despojados de tudo “...como recém-nascidos que trouxesse para a vida nova a amargura de uma vida anterior frustrada, a experiência de longos anos sem sentido e daqueles torturados dois meses, mais densos de significação do que tudo que tinham conhecido antes.” (Dutra, 1943, p.12) Atrás do

⁹⁶ “Livros Novos: Navio Sem Porto — Lia Corrêa Dutra”. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 01 de ago. 1943. Disponível em:

https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_05&pesq=%22Lia%20Corr%C3%AA%20Dutra%22&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=16936

Acesso em: 15 jan. de 2025

⁹⁷ Rego, José Lins. “Um mestre da ficção”. **A manhã**, Rio de Janeiro, 18 de ago. 1943. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=116408&pesq=%22Lia%20Corr%C3%AA%20Dutra%22&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=19497> Acesso em: 15 jan. de 2025

⁹⁸ Parte mais elevada do navio que vai do mastro da mezena à popa. A parte mais alta na “ponta” do navio.

grupo no tombadilho, estava uma multidão, que compartilhava dos mesmos sentimentos de passividade, resignação e saudade da terra firme.

A primeira personagem apresentada pela autora é a “mulher do Professor”, que abre um diálogo falando sobre a sua lembrança da macieira que ficava em sua janela, descrevendo as flores e o cheiro das maçãs. Depois, aparece a “mãe do doutor”, que com mais de oitenta anos foi a primeira a cansar-se. Sua aparência era descrita como se parecesse “... ter mais de cem anos, parecia não ter idade, ser tão velha quanto o mundo [...] lembrava o vulto dobrado, pequenino e frágil de uma criança que tivesse colado ao rosto uma máscara grotesca de velhice”. (Idem, p.15) A idosa, reclamava a Ana, sua nora, que não queria ter partido naquele navio, não queria fazer aquela viagem, preferia ficar em sua casa, com seu gato e recebendo visitas dos netos.

É a partir de Ana, que é revelada a origem daquelas pessoas no navio. Quando a personagem escuta as lamúrias de sua sogra, ela começa a se lembrar também da vida que estava deixando para trás, revelando que: “Seu filho estava num campo de concentração; a nora e os dois netinhos, desaparecidos.” (Idem) Então fica claro ao leitor que aquele navio é uma embarcação com imigrantes fugindo do regime nazista na Alemanha que vagava a dois meses “recusado por todas as nações” sem encontrar um porto.

A interação entre a personagem Ana e a sogra acontece em lídiche, a única língua que a senhora compreendia, o restante das pessoas na embarcação não entendia o que as duas mulheres conversavam e existia um esforço grande, principalmente da parte do filho, de compreender o que a mãe e a esposa conversavam, em sua língua de origem, que ouvia muito na infância, mas a muito substituída. O filho, era o industrial Solomon Singer, que antes de partir no navio havia ocupado “posições de destaque, tivera centenas de homens trabalhando sob suas ordens e recebendo de suas mãos.” (Idem, p.17) Reclamando sobre as condições às quais estavam submetidos, o industrial conversa com a “mulher do professor”, que rapidamente comenta com Solomon que não são todos que estão infelizes naquele ambiente, mostrando um apaixonado casal aconchegado em um canto:

Certamente, só arrancados de seu meio é que o filho de Salomon Singer e a filha do doutor poderiam conhecer-se. Ele fora rapaz rico; possuía cavalos de puro sangue e automóveis de corrida. Quando tudo aconteceu, estava noivo da filha de um banqueiro. Não lhe haviam posto nome bíblico. Era aparentado, pelo lado

materno, à pequena nobreza rural arruinada; a mistura de sangue atenuava nele as características raciais. Criado fora das tradições judaicas, num meio frívolo e cosmopolita, nunca entrara numa sinagoga. O pai, ambicioso e sem escrúpulos, gostaria de renegar a origem semítica, mas era traído pelo nome e pelo tipo denunciadores; entretanto, alegrava-se de pensar que o filho, saxão louro e robusto, o faria, adotando o título desvalorizado dos avós maternos, e nesse espírito o educara. (Idem, p.18)

Foi a partir da relação do filho com a moça, uma judia conservadora, que o industrial começou a se integrar de fato com as pessoas de sua “raça” e conseqüentemente com as pessoas daquele navio. O rapaz se aproximava da família da namorada, atraindo o pai e o “professor” junto com sua esposa. No início havia um estranhamento entre aquelas pessoas que tinham em comum apenas suas raças: “Nos primeiros dias, aquela gente se fitava constrangida. Sentiam-se alheios uns aos outros, vindos de mundos diferentes, com mentalidades que não combinavam.” (Idem, p.20)

A relação foi iniciada pelas mulheres, que tinham em comum a saudade de sua pátria. Já os homens compartilhavam da lástima de que “se pareciam muito mais do que imaginavam.” (Idem, p.21) O ambiente do navio os igualava pois o fato de ter que abandonar suas origens se arrastando pelo desconhecido, privava aquelas pessoas de “...todos os elementos que constituíam sua existência anterior e sua personalidade antiga.

Solomon foi quem teve mais dificuldade para adaptar-se, o industrial que confiou sempre no dinheiro, nunca imaginou estar naquela situação, na concepção dele, de todas as pessoas naquele navio a maior vítima era ele. Como poderia ter perdido tantos bens? Tanto dinheiro? Não se conformava e “o Professor explicava, sorrindo: "Perdemos a mesma coisa, porque todos nós perdemos tudo" - E isso, que parecia evidente aos demais, não podia ser entendido pelo industrial.” (Idem, p.22) Solomon ainda era incapaz de enxergar para além do dinheiro.

Além de Goldenberg, um importante professor universitário de psicologia, havia um professor de primeiras letras, mais humilde, que era acompanhado de sua esposa e sua irmã. Magra e desidratada, a irmã sofria com um enjoo constante causado pelo balanço do mar. Mas assim como os outros, seu maior questionamento era quando poderia pisar em terra firme. O professor primário admirava o companheiro da

universidade e ouvia com paciência ele explicar o tratado de psicologia que havia gastado anos escrevendo, mas foi destruído junto com sua biblioteca e seu arquivo.

Naquela tarde o comandante deu a eles mais uma vez a esperança de ancorar, mas aquele grupo, depois de dois meses já não acreditava mais. Mas apesar da incredulidade momentânea, eles mantinham a expectativa de que algum lugar em algum momento iria os aceitar:

Em algum lugar do mundo havia de existir canto para eles. Não seria possível que os obrigassem a voltar. Não teriam essa crueldade. Ia de onde tinham vindo, a morte os esperava em algum ponto da terra poderiam descer, estabelecer-se, deitar raízes novamente, reorganizar sua pequena comunidade. Algum país se deixaria adotar como pátria, já que não tinham nenhuma. Diziam deles que eram gente sem pátria, que não davam seu amor ao lugar que os acolhia. Mas qualquer deles, depois de dois meses em alto mar, haveria de se ajoelhar chorando na terra firme onde pisar novamente, e de beijar o chão, pedras, areia, a poeira do chão. (Idem, p.26)

Sentiam-se vazios, como se fossem nada fora daquele lugar; tudo o que tinham, haviam perdido. Ao mesmo tempo que o professor, carregava uma esperança inabalável própria dos judeus, que tinham “a capacidade de adaptação, a resignação com que curvavam as costas sob os golpes e logo adiante se levantavam, aquela possibilidade de deitar raízes em qualquer terreno, de medrar até sobre pedras.” (Idem, p.27) Os judeus atravessaram séculos sob a cólera do deus de Israel, nunca havia estabilidade.

A esperança que por um momento só era uma fagulha quase a apagar, foi concretizada quando o professor primário apontou terra à vista. Houve uma movimentação, emoções afloraram entre todos que ali estavam, tentavam observar sobre o convés. Com essa visão, os sonhos começaram a se tornar mais palatáveis, os desejos de ter uma terra para viver com liberdade e sem medo foram se materializando na frente daquele convés. Na medida em que o barco se aproximava a linha esbranquiçada ia se expandindo: “E a terra ia crescendo, ia crescendo, ia ficando castanha e vermelha, com as faixas brancas das praias, e os morros azuis e verdes, de um azul mais sombrio do que o do céu, de um verde mais claro do que o do mar.” (Idem, p.30)

O grupo queria saber qual eram os costumes do povo que habitava aquela terra que pouco a pouco ia expandindo em suas vistas, perguntaram ao professor, todavia quem explicou foi sua mulher. Eles faziam planos acreditando na benevolência do povo

que se aproximava. No entanto, quando o comandante vai buscar a autorização, ele novamente recebe uma recusa e devem continuar a viagem.

Tomado pelo desespero e ainda com esperança, o comandante solicita autorização apenas para desembarcarem em terra firme e continuar a viagem. Então, “o barco da polícia encostou, e uns homens subiram, pequenos, trigueiros, de cabelos negros e lisos, de pele amarelada, lustrosa, cobrindo carnes balofas. Traziam a proibição de desembarcar.” (Idem, p.32) A esperança do grupo foi se desvanecendo e a aflição foi tomando conta. Ia anoitecendo, a cidade ficava cintilante, a vontade de sair do navio e colocar os pés em terra firme aumentava cada vez mais naquelas pessoas e “todos sentiam que poderiam ter sido felizes ali.” (Idem, p.34)

Na madrugada o ruído estrondoso da âncora subindo foi sentido por todos. Quando o navio começou a funcionar, ouviam-se choros de desespero. Tomados pela angústia, alguns tentavam se jogar no mar e arrancar os cabelos em completo descontrole: “Uma loucura coletiva parecia ter tomado conta de bordo. Gemiam e choravam quase todos, batendo no peito, e levantavam seus gritos, para que o Deus de Israel, que estivera surdo a suas preces, pudesse ouvi-las finalmente.” (Idem, p.39) E o navio se deslocava lentamente “para um destino incerto”. (Idem, p.40)

O segundo conto do livro é bem mais melancólico, abordando questões de natureza pessoal, ao contrário do conto anterior, que focava em um tema coletivo de interesse geral. Intitulado “Finada D. Aninhas” narra a morte de uma senhora na perspectiva de seu neto, uma criança.

A criança — que não tem nome — era criada por quatro mulheres, cada uma incumbida de uma atividade na criação dele:

As quatro mulheres da casa tinham assim seus deveres para comigo, e uma não invadia as atribuições da outra. Vovó me embalava cantando o *Sole Mio*, me vestia pela manhã, me despia à noite, cortava as unhas aos sábados. Tia Leonor me educava; ela era o poder repressivo, a que proibia as coisas, a que dava conselhos, a que descobria sempre quando eu tinha febre, a que me fazia mudar de sapatos quando estavam úmidos, a que me obrigava a comer legumes, a tomar leite antes de ir para a cama; era ela ainda quem começara a me ensinar a ler três meses antes. desde o dia seguinte ao dos meus sete anos. Eduina me dava banho, consertava minha roupa, preparava minha comida, me levava montado nos ombros pela casa toda quando eu tinha vontade de brincar de jôquei. Mamãe era quem me fazia as vontades, quem me cobria de beijos, quem escondia minhas tolices de Tia Leonor. (Idem, p.42)

Naquele dia, o menino acordou e questionou Eduina onde estava a avó, que religiosamente o acordava. Então a empregada contou que ela estava muito doente e na madrugada anterior as mulheres correram para todos os cantos atrás de um médico, mas sem sucesso. A criança assustou-se, nunca viu a avó doente antes e o único que adoecia naquela casa era ele. Quando isso ocorria, recebia mimos e cada uma das mulheres ia para o lado de sua cama contar histórias. Ele lembrava das histórias de Eduina, sobre as pessoas mortas, que a empregada contava com muito entusiasmo e o título de finado que: “[...] acompanhava o nome de todos eles como uma partícula expletiva. Um apenas era exclusivamente o "Finado", perdendo no túmulo todos os seus nomes e atributos.”⁹⁹ (Idem, p.43)

Aflito com a doença da avó, o menino insistiu para ir no quarto vê-la Eduina não permitia, mas ele escapou e foi bater na porta do quarto para chamar a avó, que a essa altura já não respondia nada. Sua tia Leonor abriu e brandamente pediu para que o menino descesse as escadas e não incomodasse mais. Encontrou com Eduina que lhe explicou o problema da avó que já se encontrava parálitica.

Essa informação o deixou apavorado, nunca tinha pensado na hipótese de alguma daquelas mulheres morrer. Começou a pensar também na morte de sua mãe e ficou ainda mais consternado. E naquele dia à tarde, foi visitar o quarto da avó e quando a viu percebeu que já estava meio morta com as faces de defunto. Era como se fosse outra pessoa, vazia e estranha. Sua mãe insistia para que ele beijasse a avó, mas a ideia de encostar naquele corpo estranho o aterrorizava. O menino começou a gritar ao ponto de acordar a avó de sua quase morte, mas: “Aquela centelha de compreensão apagou-se rápida em seu olhar, e as pálpebras murchas, cinzentas, franzidas, desceram devagarinho, deixando apenas uma fresta, por onde aparecia um pouco dos olhos, opacos, fixos, esbranquiçados como os de um peixe morto.” (p.52) Atônito e pensando na morte como um ser animado, o menino a imaginava entrando segurando uma foice e carregando o corpo de sua avó.

⁹⁹ Segundo a infopédia, por “partícula expletiva” ou apenas “expletiva” entende-se a “palavra ou expressão empregada apenas para efeito decorativo do discurso”. <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/expletiva> 2024-08-25

Quando a noite chegou e ele finalmente adormeceu, acordou no outro dia a casa já estava cheia de parentes e Eduina após servir seu café finalmente lhe deu a notícia de que a avó havia morrido. Mas o menino não entendia o porquê de a avó ainda estar no quarto, pois logicamente a morte deveria ter a carregado para algum lugar. Ele pensava: “Se a morte não a levava, então não estava morta, era evidente. Tudo não passava de confusão de Eduina. Mas, sem saber como apurar o caso, pois Eduina era estúpida, fiquei calado e acabei de tomar o meu café.” (Idem, p.56) Ao ir ver a avó morta percebeu que sua pele havia ficado fina feito papel e seus traços haviam afinado. Ela tinha um ar de superioridade nunca visto antes.

Olhei serenamente para a figura tranquila, que não parecia de carne, que me dava a impressão de ser feita de matéria diferente da que formava meu próprio corpo, o corpo de Mamãe, ajoelhada aos pés da cama, sacudida pelos soluços, o corpo magro de Tia Leonor, o corpo esparramado de Eduina. Achei Vovó mais respeitável e mais bonita do que nos tempos em que andava pela casa brandindo o seu trapo de flanela, inventando poeira nos móveis para limpar. (Idem, p.58)

Toda aquela situação o deixava extasiado, a chegada do caixão, as pessoas desconhecidas adentrando sua casa, fazendo perguntas a ele que em determinado momento começou a mentir e inventar que havia socorrido a avó ou que ela havia morrido ao seu lado. Conseguia ter uma importância que jamais teve dentro daquela família de mulheres. Forçava o choro para ter mais atenção daquela gente desconhecida que ficava com pena do menino que parecia tão sentido com a morte da avó. Dava muita importância ao seu nome escrito junto com o das mulheres na coroa de flores. O caixão preto com dourado, o carro com cavalos enfeitados com lindas penas, tudo aquilo na sua perspectiva era um espetáculo. No entanto, não pode acompanhar o enterro:

Eu estava doído para acompanhar o enterro. Queria subir no carro de Tio Nolberto, mas Tia Clarinda não deixou, e me arrancou de lá à força. Eduina, então, veio da cozinha congestionada de tanto chorar, e tomando-me pela mão levou-me para dentro. Fui para casa aos berros, arrastado, batendo os pés. (Idem, p.64)

Ainda muito chateado por não poder acompanhar o enterro, o menino escutou Eduina lamentando sobre a “finada D.Aninhas” e nesse momento ele teve a noção real da morte da avó. Aquele adjetivo antecedendo o nome de sua avó criou uma nova percepção em sua mente, a de que a morte havia realmente a levado, mesmo sem ele ter visto de fato a sua figura. Então: “Curvei a cabeça no regaço de mamãe, e recomecei

a chorar. Mas era um choro manso, cheio de tristeza, um choro de desconsolo, um choro de gente grande. E só naquele momento é que eu estava realmente chorando pela morte de Vovó.” (Idem, p.66)

O terceiro conto do livro é intitulado “O trem”. É iniciado sob a perspectiva da personagem D. Eugênia, que naquele momento olhava com desconfiança para uma mulher que lhe oferecia uma criança para “trabalhar” em sua casa fazendo serviços domésticos. Ela desconfiava porque acreditava que uma menina daquela estatura de apenas doze anos era incapaz de fazer o tipo de serviço e além do mais a menina tinha a mesma idade do seu filho. Mas a mulher explicou que:

[...]os doze anos da afilhada eram diferentes dos doze anos de Seu Afonso. Doze anos de pobre. Doze anos capazes do trabalho de um homem, doze anos sossegados e dóceis, doze anos humildes. Doze anos dormidos no chão, doze anos descalços, doze anos na roça, a café, rapadura e angú de milho; doze anos, e a infância já longe, com as brincadeiras no barro do rio, o espanto sempre novo de ver o trem passar, os gritos e as pancadas dos maiores. (Idem, p.69-70)

E além do mais o pai da menina necessitava que ela arrumasse um emprego, pois a irmã mais nova já havia completado dez anos e estava apta para o trabalho doméstico, então a de doze anos já poderia perfeitamente trabalhar fora para ajudar nas despesas. Sendo assim, D.Eugênia, convencida da trivialidade do trabalho que a menina ia desempenhar afirmou que pagaria ao dela dez mil réis. Mas a mulher não aceitou o valor, queria que pagasse pelo menos o dobro disso e D.Eugênia concordou em pagar mais cinco mil réis se o serviço valesse.

A menina chegou na casa de D.Eugênia na segunda-feira, ela era “franzina, empaludada, de pernas tortas sob o peso da barriga empinada.” (Idem, p.72) além de ser menor que sua filha mais nova, Déa. Havia chegado sozinha pois a mulher que a negociou com D.Eugênia, já prevendo o desejo de devolução, “confiara a menina a Afonso, que brincava na calçada” e saiu tentando desaparecer. Quando D.Eugênia e os outros filhos a viram foi como se a menina fosse um verdadeiro show de horrores. Caçoavam de sua roupa e seus sapatos. E um pouco depois, quando o Dr. Medeiros chegou e também viu aquele pequeno corpo franzino se iniciou uma pequena discussão entre o casal:

Entrando na sala para o café, Dr. Medeiros deu com a pequena e soltou uma risadinha, estridente, todo se sacudindo, os vidros dos óculos faiscando da ironia dos seus olhos. Aproveitou a ocasião para ridicularizar a mulher, como era de costume: — “Sim senhora, Eugênia, boa escolha. É o que se pode chamar de

uma ama-seca decorativa. Parabéns pela aquisição. D.Eugênia não suportava mais nada. Virou-se como se a tivessem mordido, e explodiu, venenosa: — “Se você quer e pode pagar outra melhor, manda-se a pequena embora (Idem, p. 74)

Enquanto isso, a menina chorava copiosamente na sala, relembrando de sua vida que não seria mais a mesma. Seu mundo havia acabado ali, no meio daquelas pessoas hostis que a tratavam feito um bicho estranho. Apesar da pobreza em que vivia junto com seus irmãos e seu pai na casinha de taipa, lá ninguém caçoava dela, não havia surpresas e nem transformações. Lembrava-se também do barulho do apito do trem que ela esperava sempre com emoção. Sempre teve a curiosidade de saber para onde iria aquele trem, nunca teve coragem de perguntar e quando a madrinha chegou para a levar embora, perguntou entusiasmada se elas iriam de trem.

E agora, depois da viagem assustadora, depois de um percurso comprido de bonde, por entre ruas movimentadas, que a deixou completamente tonta e abobada, estava ali na casa estranha. Estava ali, com seus sapatos enormes, seu vestido largo, cobrindo-lhe o meio da perna, e aquela gente desconhecida rodeava-a, de boca aberta, rindo-se dela. (Idem, p.77)

De imediato a cozinheira veio e levou a menina para tomar banho e trocar aqueles trapos que ela vestia. Ficou assustada quando percebeu que ela tinha o cabelo empestado por bichos e avisou a patroa. Logo pegou uma tesoura e cortou o cabelo da menina bem baixo, o que a fazia parecer ainda mais grotesca. E “Afonso, Déa e Lulú começaram a lhe pular em volta, chamando-a de “Maria Careca.” (Idem, p.78)

O "nome" permaneceu até que seus cabelos duros cresceram e Dona Eugênia proibiu as crianças de chamá-la de careca; então, ficou só Maria. Todavia, a menina, agora Maria, insistia que seu nome era “Jurací”. Maria ou Juraci, não importava, o importante agora era que ela havia se transformado na ama-seca daquela família.

Aos domingos ela acompanhava a família a passeio, carregando o caçula nos seus finos braços. Julinho era pesado, e seus braços ficavam vermelhos no final do dia. No dia a dia ela cuidava da criança horas a fio. Ela tinha um jeito maternal que surpreendeu até o patrão. Era genuinamente boa para Julinho, melhor até do que tinha sido para sua irmã caçula, que ela também cuidou antes de ser vendida. Mas apesar disso, para aquela família ela não tinha importância. Na roça sim Jurací tinha a devida importância:

Em casa, na roça, Maria era Jurací, e na cidade Maria não valia nada, era menos do que nada, na roça Jurací tinha sua importância, contava, era gente [...] A madrasta consultava-a quando um dos pequenos adoecia, e sem os conselhos de Jurací não se atrevia a medicar ninguém com um chá caseiro. (Idem, p.80)

Os filhos da família caçoavam o tempo todo dela, tiravam sarro do seu jeito de falar, das histórias que ela contava com animação, do hábito que ela tinha de comer tijolos e terra que rapidamente foi solucionado com remédios que o Dr. Medeiros deu. Reconhecendo a simplicidade da menina, Dona Eugênia atribuiu a Afonso a tarefa de ensiná-la a ler. Assim começou o suplício, a cada erro ela ganhava um peteleco do primogênito que sempre reclamava desanimado: — “Você é tão burra, Maria!” Logo Afonso desistiu de a ensinar e assim terminou sua educação.

Mesmo com todas as pilhérias das pessoas da família, a pessoa que mais detestava era a cozinheira. A mulata a chamava de matuta, gritava e a perseguia dando ordens. Era daí que vinha a bondade para com o pequeno, pois: “Esse não a chamava de Maria, nem de burra, nem de matuta, não se ria a sua custa, não pregava peças nem desfazia de seus modos, deixava por ela o colo da mãe, atirava-lhe os braços ao pescoço [...]”(Idem, p.83)

Com o tempo ela foi se habituando, saía sozinha nas ruas mesmo que com muito medo. Andava rapidamente com pequenos passos olhando para todos os lados. Temia os carros, os bondes e os desconhecidos. Quando os meninos descobriram esse medo, começaram a acompanhá-la para ficarem se escondendo nas ruas e verem o desespero dela em procurá-los. Ela tinha noção de suas responsabilidades e não queria decepcionar D.Eugênia.

E quando o Natal chegou, já ia fazer um ano que ela estava naquele “emprego”. A ama-seca nunca tinha comemorado o Natal; de onde ela vinha o natal não tinha importância alguma. “Festa grande, em sua terra, era a da Semana Santa.” (Idem, p.88)

D.Eugênia arrumou os presentes na sala de visitas, menos o presente da ama-seca, ela não havia ganhado nada. E na véspera, antes da meia-noite, acordou todo mundo dizendo que o Papai Noel já devia ter passado. Extasiados foram todos procurar seus respectivos presentes enquanto afastada a menina ouvia todos os nomes menos o dela. Se sentia angustiada, e se questionava se realmente não havia nada para ela.

A patroa não havia esquecido, os presentes das empregadas estavam em cima da mesa. Ela havia ganhado “um par de sapatos de tênis branco, para os domingos, uma medalha de metal com uma corrente prateada, um broche de vidro vermelho, em forma de coração, um sabonete e um pacote de balas.” (Idem, p.89) Quando D. Eugênia acendeu a luz do pequeno presépio ela foi curiosa olhar o que era e o que viu a deixou extasiada, viu ali sua terra. O presépio foi feito toscamente por Afonso, mas mesmo assim em sua ingenuidade ela não percebia a desproporção dos bonecos animais e etc. Então:

Para os outros seriam os pastores e os reis magos, mas a Maria lembraram o pai, os irmãos, a madrasta, os poucos vizinhos. Reconhecia o jeito inclinado de um, a postura humilde de outro, a maneira que alguns tinham de se apoiar a uma vara encontrada no caminho, de carregar sobre o ombro o bezerrinho machucado, o jarro com que apanhava água no rio. (Idem, p.91)

E mais do que isso, Afonso havia colocado um trem naquele presépio, e quando deu corda no pequeno trem Maria começou a lembrar toda sua vida na roça, seus irmãos, sua família e o trabalho pesado que fazia todos os dias esperando ansiosamente ouvir o barulho do trem. Parecia que a qualquer momento a pequena locomotiva de ferro ia apitar: “E era como se fosse ouvir-lhe o apito, o berro estridente e breve daquele apito que traria para ela, ali na sala da casa estranha, do fundo de seus matos distantes, toda infância esquecida de Jurací.” (Idem, p. 93) Terminando assim o terceiro conto do livro.

O quarto é iniciado apresentando para o leitor uma pequena família. Mateus, sua esposa D. Elisa e sua pequena filha Leda. A menina era apaixonada pelo pai e o acordava todos os dias pela manhã, sem provocar nenhum incômodo em Mateus. Após o nascimento da filha o homem havia mudado totalmente, agora, em suas noites de folga do batalhão ficava em casa jogando baralho com o tio e a menina sempre na sua cola.

Antes de Leda nascer, Mateus era barbeiro, profissão na qual era muito feliz pois era um homem brando, afável e conversador. Mas com o nascimento da menina a vida ficou mais difícil e pensando em lhe proporcionar um futuro melhor ele entrou para os quadros da polícia. Mateus destoava de todos os seus colegas de batalhão pois:

Não era enérgico, arbitrário ou truculento. Gostava de resolver as coisas pacificamente; fazia poucas prisões e tratava os presos com urbanidade. Isso lhe valera o desprezo geral, tanto dos colegas como dos malandros do bairro, que o consideravam um indivíduo mole, um “coração de manteiga”. (Idem, p.102)

Naquela noite após uma conversa com o chefe do Posto Mateus foi destacado para uma diligência e se não mostrasse mudança no seu comportamento perderia a sua futura promoção. Então dessa vez Mateus resolveu tentar ser mais duro e impessoal. Portanto: “O serviço estava distribuído. Desembocando de diferentes lados, ele e dois companheiros iam prender as mulheres que, na sua árdua caçada noturna, se aventuravam até o Largo da Lapa.” (Idem, p.103)

Quando os apitos soaram e a operação iniciou, os outros policiais saíram em disparada atrás das mulheres. Mateus visualizou uma mulata que escapava correndo com as pernas finas em cima de saltos enormes e saiu atrás dela. Em certo momento na fuga ele blefou falando que iria atirar, entretanto a mulher não se amedrontou. Continuando a correr, rouca e sem forças, o policial acreditava que a qualquer momento ela iria ceder. Então:

Pouco adiante, ela tropeçou, susteve-se menos de um segundo de encontro à parede, e logo continuou a fugir. Abaixou uma das mãos, arrancou o sapato, jogou-o longe, abaixou a outra mão, tirou o outro sapato, e descalça pareceu mais leve, correu mais depressa. Ia agora sem outro barulho que o de sua respiração. (Idem, p.105)

Mesmo com todos os esforços a mulher foi capturada, ainda sim mordeu a mão do policial e a fuga recomeçou. Mateus ficou muito irritado com a mordida, o que o fez ter ainda mais forças para continuar a perseguição. E quando conseguiu a recapturar novamente, viu seu rosto: “Era uma mulata feia, não muito moça, com os cabelos alisados, de onde pendia, arrancada na luta, uma rosa de pano vermelho.” (Idem, p.107) Ainda que estivesse capturada novamente a mulher arranhou o rosto do policial com muito ódio e nesse momento, instintivamente, Mateus deferiu um soco com muita força em seu rosto. No mesmo instante, ele se arrependeu e lembrou dos ensinamentos de seu pai, que sempre lhe dizia que nunca se deve bater em uma mulher, em nenhuma circunstância.

Após isso, a mulher foi carregada por Mateus para o Largo sem resistência. Quando se aproximavam ela pediu para pegar os sapatos que tinha deixado para trás, pois eram os únicos que tinha. Mateus autorizou e ela pegou sem tentar fugir novamente. O automóvel estava parado no Largo com sete mulheres. Eram mulheres velhas, novas e uma estrangeira. Então:

Elas foram em bando, tocadas como um rebanho pelo fiscal. Lá, habituada, a velha sentou-se logo na cama, e acendeu novo cigarro. A mulher de expressão vazia ficou encostada na parede com os olhos parados, as mãos caídas. A mocinha foi buscá-la, acomodou-a na cama, junto da velha, e aproximou-se da outra, da estrangeira: —“Você já tinha sido presa? Eu não. É a primeira vez. Que é que eles vão fazer com a gente hein?” — “Você é novata, não é? Vê-se logo. Depois você se acostuma. A tudo a gente se acostuma. A tudo nesta vida. (Idem, p.111)

Ouvindo uma algazarra vindo da parte debaixo, das celas onde as mulheres estavam, Mateus desceu e foi verificar. A mulher que ele havia capturado gritava implorando para que a soltasse, e em determinado momento disse que não poderia ficar presa pois tinha uma filhinha pequena e a menina não podia passar a noite sozinha. Isso fez mais uma vez, Mateus amolecer o coração, imaginando aquela pequena criança igual a sua filha, passando a noite sozinha sem a mãe.

Assim, ele, muito contrariado, tirou a mulher da cela e a levou até sua casa para pegar a criança que tinha a mesma idade de sua filha Leda. A mulher mesmo ferida, agradeceu a Mateus e os dois foram em direção a casa paupérrima na qual ela vivia com a criança em um quarto. O local era dividido em dois espaços por uma cortina de chita barata. De um lado ficava a cama de casal em que a prostituta fazia os seus atendimentos e do outro o espaço em que a pequena dormia.

E cada lado parecia um cômodo diferente. Perto da menina, na mesa, estava uma lamparina acesa diante de uma imagem de S. José. O homem estranhou a escolha do santo, símbolo da castidade, zelando pelo sono de uma criança naquele quarto de prostituta. De outro lado, via-se uma cômoda cheia de púcaros baratos, de flores de papel, de bibelôs de terra cota, e um cabide com vestidos de seda ordinária. Pelas paredes, presos por alfinetes, alinhavam-se retratos de artistas de cinema, recortados de revistas e uma oleografia de S. Jorge a cavalo. (Idem, p.118)

E enquanto a mulher cobria a pequena menina magrinha, Mateus saiu de fininho e voltou pensando na desculpa que ia dar ao delegado dessa vez porque bem provavelmente o homem ia ficar furioso. Ia falar que a menina tinha a idade de Leda, já que o chefe gostava muito de sua filha. Estava feliz, mesmo que não tivesse agido conforme o esperado, não tinha deixado a pequena infeliz padecer sozinha noite adentro. E chegando em casa seria recebido pela sua pequena que passaria o resto do dia agarrada nele igual uma preguiça no galho de umbauba.

O quinto conto é o mais diferente de todos pois é mais extenso e é dividido em três partes. O conto a princípio descreve uma rua em que várias crianças brincam de

caçar cigarras e destaca o menino Dunga, que era o campeão em colecionar os bichos. Dunga tratava bem as cigarras dando-lhes folhas e as deixando sempre tomar muito ar. Quando elas morriam e ficavam secas ele as transformava em um brinquedo diferente. E depois que as crianças naturalmente enjoaram daquela brincadeira aparecia sempre outras coisas para se fazer: “[...] papagaios de papel para empinar, banho no rio barrento, piões que rodavam zunindo, bolas de gude, futebol com um pé de meia forrado de trapos, jogo de capinha em que as apostas variavam desde baganas de cigarros até balas melosas que saíam do fundo dos bolsos.” (Idem, p.124) Naquela rua de subúrbio a vida era tranquila e os meninos andavam soltos. Menos Raul, que era filho de um funcionário público e sua mãe acreditava que ele não deveria se misturar com os outros, pois apesar de serem pobres a casa era deles e eles vinham de uma boa família. A mãe afirmava que:

Temos tradições, educação e princípios, tudo o que essa gente aí não tem. Você, meu filho, é só querer é só ter força de vontade, que pode ir longe, pode ser alguém mais tarde. Nós não poupamos sacrifício: colégio, fardamento, todos os livros de que você precisa. Que graça você pode achar nesses meninos ignorantes, sem modos? O que estraga esta moradia é a vizinhança ordinária. (Idem, p.125)

O menino admirava Dunga, que morava em um barracão nos fundos de sua casa. Para ele, Dunga era quase um herói, ficava assistindo pelo portão as façanhas do vizinho. Dunga mandava em todos os outros meninos da rua, pegava mais cigarras e se trepava no topo das árvores mais altas. Um dia, Dunga jogou uma pedra e quebrou a vidraça da frente da casa, Raul viu, mas mentiu ao seu pai para não dedurar o pequeno herói. Eles:

Conversavam às escondidas, e, quando podia, Raul escapulia de casa, ia brincar com o outro no mato, nos terrenos baldios de perto. Eram as horas melhores de sua vida. O outro lhe ensinava travessuras e termos de gíria, roubava para ele frutas nos quintais. Por causa de Dunga, a vida de Raul pasara a ter seu lado aventureiro e heróico. (Idem, p.127)

Naquela manhã Raul acordou ouvindo as cigarras e sem vontade de ir a escola, pois tinha um teste de geografia e não tinha estudado. Ele tentou enganar a mãe, dizendo que estava doente para não ir a aula, mas a irmã o dedurou. Viu o grupo de meninos lá fora junto com Dunga e sentiu ainda mais vontade de faltar e ficar brincando com eles.

Mas se arrastando, se arrumou e caminhou lentamente até o ponto de ônibus, e viu o ônibus passar, sentiu uma grande satisfação nisso. Então:

Pronto, agora não adiantava mais apressar-se, o outro só passaria dali dez minutos. Mesmo tinha esquecido da caderneta em casa. Sem caderneta o inspetor não deixaria entrar. Se voltasse, a mãe ia ficar zangada, pensar que tinha feito de propósito; a irmã, aliás, não perderia a ocasião de intrigá-lo. Ficou sem saber que decisão tomar, arrastando os pés, amuado, indeciso. (Idem, p.129)

Raul, olhou para cima e viu Dunga trepado na mangueira, tinha inúmeras cigarras nos bolsos e seu corpo inteiro parecia chiar. Então Raul percebeu a oportunidade de se juntar ao admirável vizinho, viu que sua mãe estava ocupada dentro de casa e dificilmente ia sair e sem muito jeito subiu na árvore para impressionar Dunga. Na hora de descer tentou repetir o feito do outro pulando e acabou se arranhando nos galhos. Ele: “Gostaria de que o outro o julgasse costumeiro nessas proezas, mas estava bambo, suado, com as mãos escalavradas, com arranhões nos joelhos.” (Idem, p.131)

O restante do grupo apareceu, Antenor e Chico Baleiro. Já beirava meio dia e o calor estava insuportável, então Dunga propôs que eles fossem ao rio tomar banho. Em um primeiro momento, Raul quis hesitar, mas pensou que os colegas o achariam medroso e ele perderia a amizade de Dunga, por isso concordou e foi: “O rio era barrento, imundo, mais um charco mesmo do que um rio, um banho ali não o tentava. Mas seguia fascinado pelo prestígio de Dunga; seguiria assim até onde o outro quisesse levar. Não despregava os olhos dele.” (Idem, p.133) Finalmente chegaram ao rio, que era ermo, não havia nenhuma residência próxima e debaixo de uma árvore encontraram o menino Mingote. Ele era um pouco mais velho que os outros e já tinha um buço começando a escurecer em cima do lábio.

Dunga o cumprimentou e ele já foi questionando quem era Raul e porque aquele “filhinho de mamãe” estava ali. Mingote ficou irritado, não gostava da presença de Raul pois para ele aquilo sempre acabava mal. E Raul igualmente não gostou do rapaz. Em determinado momento, ele começou a caçoar de Raul, imitar seus trejeitos afinando a voz o que causou uma vontade de chorar absurda no menino, que conteve as lágrimas com muita força e tentou não demonstrar descontentamento.

Dunga convocou os meninos para entrarem na água e todos se despiram, ficando totalmente nus e Raul ficou sem coragem, constrangido, nunca havia ficado nu na frente

de alguém. Até que se despiu e se encolhia envergonhado de seu corpo branco, magro. Todos riam e faziam piadas, o que o deixava mais constrangido ainda.

Quando entrou na água lamacenta, Raul detestou, tinha vontade de sair correndo para debaixo de seu chuveiro. E Mingote ainda ficava puxando seu pé o fazendo afogar e beber da água suja. Até que em determinado momento, vendo a diversão dos outros colegas começou a sentir prazer naquela água suja e conseguiu se divertir. Então: “Brincando os pequenos meteram-se pelo rio a dentro.” (Idem, p.138) Antenor avisou que não iria pois o rio mais adiante tinha muita força.

Em determinado momento um gato morto passou, sendo levado pela correnteza. Então, Dunga, fazendo chacota, começou a boiar, imitando um cadáver e todos achavam graça. Tão logo, Mingote começou a puxar novamente os pés de Raul, que começou a se segurar em Dunga para não se afogar. Dunga se esforçava para se desvencilhar do garoto, que entrava em desespero com a brincadeira sem graça de Mingote. E:

Sem fôlego, Raul só tinha forças para se agarrar convulsivamente a Dunga, como numa tábua de salvação; e Dunga perdia as forças também, vomitava a água que lhe entrava pela boca e pelo nariz, e levantava a mão para o ar, fazendo um gesto de angústia, que substituía a voz que já não tinha. (Idem, p.139)

Após ser alertado por Chico Baleiro, Mingote percebe que os meninos se afogavam de verdade. Eles deslizavam correnteza abaixo e o rapaz começou a se desesperar e ir atrás deles. Vendo aquela situação, todos os meninos começaram a entrar em pânico. Então, Mingote avança para dentro da água para tentar salvá-los, com muita dificuldade ele consegue chegar ao local onde Raul e Dunga estavam prestes a perder a vida.

Mingote tenta carregar os dois, mas sem sucesso, sozinho ele não conseguiria e nenhum dos outros meninos tinha coragem de ir lá ajudar. Até que tomou uma decisão, resolveu salvar apenas Raul e pediu para que Dunga o esperasse que ele iria voltar para salvá-lo. Todavia o pobre menino não pode esperar: “Virou de lado, emborcou, entrou no rio pela última vez. Aberta de dedos hirtos, sua mão ficou ainda um momento sobre a água, procurando agarrar-se a alguma coisa; fechou-se, vazia; depois abriu os dedos, agitou-se e foi afundando devagarinho.” (Idem, p.143)

Quando conseguiu sair da água com a ajuda dos outros meninos, Raul vomitava toda a água lamacenta que tinha bebido e ainda não conseguia assimilar o que havia ocorrido com Dunga. Mingote com muita raiva justificou o motivo de ter salvado primeiro Raul e deixado Dunga para depois, segundo ele seria muito pior se fosse Raul no lugar de Dunga, pois ele era um garoto abastado e as pessoas sentiriam sua falta rapidamente:

Vocês não vêem que eu não podia? Vocês não estão vendo logo que se fosse esse era muito pior para a gente? Esse é rico, é importante, tem pai, tem mãe, tem a polícia por ele. Era toda essa gente que ia cair em cima de nós. Podiam pensar até que nós tínhamos feito de propósito, para roubar, por inveja, por malvadez, sei lá. Eu me lembrei dessas coisas, e salvei ele primeiro, deixei Dunga para depois. (Idem, p.145)

Com muito ódio, Mingote começou a culpar Raul pela morte de Dunga. Avisou a Raul que se ele abrisse a boca para contar a alguém sobre o que havia ocorrido, todos eles iam o culpar. E os garotos começaram a discutir violentamente mais uma vez colocando a culpa em Raul, segundo eles a sua aparição havia causado aquela tragédia, pois eles sempre tomavam banho naquele local e nunca nada parecido sucedia.

Antes de ir embora decidiram enterrar a roupa de Dunga, que chiava pavorosamente por conta das cigarras. Após enterrar, partiram e quando chegaram no meio do caminho Raul percebeu que havia esquecido sua pasta e afirmou que não iria buscar sozinho. Então, mesmo com ódio, mas com medo de que a pasta servisse como prova, Antenor acompanhou Raul.

Chegando na rua, Raul correu para casa e ouviu a mãe de Dunga cantarolando enquanto estendia roupas, despreocupada. Entrou furtivo para dentro de casa e deitou em sua cama com de roupa mesmo, cobrindo seu rosto amedrontado pelo o que havia ocorrido. E: “Todo o corpo lhe doía, e sentia ainda o gosto de lama podre, como se tivesse a boca de lodo.” (Idem, p. 152) Pouco tempo depois escutou seu pai chegar e a família deu falta dele. Olhando pela janela o menino gritou aos pais que já havia chegado, eles acharam aquela atitude estranha, pois o menino sempre chegava e falava com a mãe, mas não questionavam.

No momento do jantar, ele se esforçava para fingir normalidade, pois seu corpo doía e seus ouvidos zuniam. Era estranho para Raul perceber que na sua casa tudo estava normal, todos tinham a fisionomia habitual e aquilo o atormentava profundamente, pois Dunga havia morrido, nada era normal. Ele não conseguia engolir a sopa porque se

assemelhava com a lama do rio. E a irmã percebeu sua estranheza e comentou que ele estava vermelho, questionando se ele havia apanhado sol.

Sua mãe achou que estivesse com febre e ele pode correr novamente para debaixo de suas cobertas, sem precisar terminar o jantar. Aquilo foi um alívio, não ia precisar lidar com a tenebrosa mentira na mesa do jantar. Então ouviu a mãe de Dunga o chamar lá fora impaciente e ele fechou a janela do quarto para não ter que ouvir aquele tormento. A família achando que Raul estava doente, ficava o mimando ao redor de sua cama e ele se sentia bem, não queria ficar sozinho com sua angústia.

A segunda parte do conto começa com Raul ouvindo as cigarras cantando no dia seguinte, algo que trazia uma sensação de aflição tremenda, visto que, como as cigarras poderiam cantar se Dunga estava morto? Aquilo parecia impróprio. Quando sua mãe entrou no quarto, achou que ele ainda estava muito doente e permitiu que ele não fosse à escola naquele dia. Ele aceitou de imediato pois: “Não se sentia mesmo bem; todos os músculos lhe doíam, a cabeça estava oca e pesada, como se as paredes fossem de ferro.” (Idem, p.158)

Viu a mãe de Dunga que o questionou se sabia do paradeiro do menino, ele prontamente negou. Ela parecia cansada, disse que passou a noite inteira esperando Dunga, mas ele não apareceu. Nos primeiros momentos a mulata ficou furiosa, mas depois começou a se preocupar, porque apesar de ser levado, Dunga nunca dormia fora de casa. Ela sabia que algo havia acontecido.

Quando Raul ficou novamente sozinho passou a pensar nos motivos para aquela tragédia ter se sucedido. Era um castigo de Deus, pois ele mentiu e enganou. Mas porque Deus o castigou na pessoa de Dunga? Porque não foi ele? Tudo isso o perturbava. Ele pensou na justificativa de que: “No fundo, talvez Deus fosse como seus pais, não desse importância aos moleques, achasse que eles estavam no mundo para servir de exemplo aos meninos da família.” (Idem, p.160)

Raul passou o dia cabisbaixo, pensando a todo momento no que tinha acontecido. Na hora do jantar, novamente, a família percebeu seu comportamento estranho. O noivo da irmã que jantava com eles comentou sobre o desaparecimento de Dunga e seu pai mais uma vez ofendeu o menino, isso deixava Raul ainda mais triste, pois ele sabia que Dunga estava morto. Quando foi pra cama, não conseguia dormir, tinha pesadelos

constantes com aquele rio barrento, com Dunga afundando na água e com a mãe do menino acusando-o da morte. Então:

Raul acordou molhado de suor. Sentou-se na cama, com os olhos abertos na escuridão, e das sombras de seu quarto saíam fantasmas confusos. Apertou o botão da lâmpada de cabeceira, e com a luz o medo diminuiu, as paredes voltaram a ser claras e lisas, sem mistério. Sentado no travesseiro, o pequeno enlaçava os joelhos com os braços e pensava. Onde estaria Dunga aquela hora? Seu corpo estava no rio, apodrecendo na lama. Mas onde estaria a alma de Dunga? Havia em Dunga muito de anjo e muito de diabo. Como fizera Deus para decidir? Qual a parte que vencera, a que fora mais forte? Onde estaria a alma de Dunga? (Idem, p.164)

Ele sentia-se responsável pela morte de Dunga, não pelo fato de Mingote ter escolhido salvá-lo ao invés de Dunga porque ele era rico, mas sim porque acreditava que Deus havia usado Dunga para castigá-lo. Só raciocinava dentro da possibilidade da culpa cristã que carregava, não entendia as nuances das diferenças econômicas que sondavam aquele trágico acontecimento.

Naquele dia à tarde, a mãe de Dunga foi à delegacia registrar o desaparecimento do filho. E assim as buscas se iniciaram, a vizinhança saiu com lanternas a procura, Raul queria ficar em casa, mas achou melhor acompanhar para não levantar suspeitas. Até que alguém sugeriu que fossem fazer buscas no rio, suspeitando que ele tinha se afogado, neste momento Raul ficou sem reação, parecia que o mundo havia parado, mas retomou o fôlego e continuou nas buscas com medo de suspeitarem.

A terceira parte do conto segue após se passar três dias das buscas por Dunga. Nesse momento, Raul já começava a esquecer o acontecido e só lembrava quando via a mãe do menino enlouquecendo dia após dia. Ela deixou de trabalhar e passava o dia batendo de porta em porta perguntando por Dunga. Enquanto isso, Raul tinha a sensação de estar enganando todos, isso dava a ele uma impressão de superioridade de estar dissimulando para seu pai. Sempre com uma cara sonsa de criança inocente, mas que escondia um segredo terrível.

No sábado caiu uma tempestade e no dia seguinte o céu amanheceu limpo. No domingo Raul aguardava o almoço brincando distraído na porta de casa, quando Antenor apareceu no portão com o rosto aterrorizado e falou que haviam dezenas de urubus rondando por cima do rio. E toda a vizinhança já havia percebido e a mãe de Dunga

implorava para que fossem lá tirar o corpo do menino para não deixar os urubus atacarem o cadáver.

Então três homens se dispuseram a entrar no rio para fazer a retirada do corpo, o cheiro era nauseante e os urubus não davam sossego. Eles: “Subiram para a margem. O cadáver de Dunga vinha entre eles. Passaram bem rente a Raul. E o garoto pôde ver de perto o corpo de Dunga.” (Idem, p.170) Raul correu para casa com o estômago embrulhado devido ao cheiro. Quando o pai e o noivo da irmã voltaram a família foi almoçar, ele sentiu vontade de comer, mas na primeira garfada o enjoo retornou e pediu a mãe para se retirar da mesa e ir deitar.

Ele foi para o quarto e dormiu a tarde toda, só acordou com a irmã chamando dizendo que o pai queria conversar. Raul abriu a porta e viu o rosto triste de Nair, que o olhava com assombro. Foi para a sala onde o pai o esperava junto com o restante da família, todos tinham um olhar de estranheza para ele. Então seu pai finalmente perguntou o que ele sabia sobre a morte de Dunga, Raul tentou mentir dizendo que estava na escola. Até que:

O pai abriu a porta da varanda. Um guarda entrou, empurrando para a frente Chico Baleiro e Antenor. Raul empalideceu. De cabeça baixa os dois garotos evitavam seu olhar. O pai contou: — Os dois pequenos, diante do corpo do companheiro, tinham ficado perturbados. Mais tarde o negrinho foi procurar a mãe de Dunga, contou-lhe tudo. Tinham sido detidos para prestar declarações. As circunstâncias da morte de Dunga estavam sendo apuradas. Mingote desaparecera. Não tardaria, porém, a ser encontrado. Os outros dois, interrogados, tinham falado em Raul. O pai garantira à polícia que o filho ignorava tudo. No dia que os meninos apontavam, Raul estava no ginásio. Tinha confiança no filho queria, porém ouvir de sua boca a verdade. (Idem, p.178)

Raul não aguentava mais a pressão e disse a verdade, misturando com as puerilidades de criança do que havia acontecido naquele dia. Era nítido no rosto do pai a decepção, ele julgava conhecer o filho, mas se deixou enganar por tanto tempo. O menino que era dócil e submisso, foi capaz de esconder uma mentira tão escabrosa. Ele “considerava-o tímido, incapaz de iniciativa, ainda desarmado para a vida.” p.179 Como que aquele menino poderia ter sido tão dissimulado todos esses dias e ele um homem adulto não tinha percebido.

O sexto conto da coletânea intitulado “Questão de dignidade” é iniciado apresentando o personagem do Comendador Albano da Gama Rosa que naquele momento sofria pois descobriu que Maria do Carmo, a moça com quem ele se

relacionava de forma extraconjugal, o enganava. O relacionamento ia além de um simples caso, ele ajudava financeiramente e era muito apegado a seu filhinho pequeno. O Comendador em um lapso sentiu vontade de tirar a própria vida, mas teve noção de que aquela atitude seria ridícula pois ele era um homem velho e conhecido por todos. Ele se olhou no espelho e:

[...] viu-se de repente, gordo, velho, feio, ameia-calvície tentando esconder-se sob o penteado laborioso, a pele do rosto e do nariz cortada de pequeninas varizes, os beijos grossos bulindo de emoção, os olhos piscando, pesados de lágrimas contidas, as sobrancelhas arrepiadas e grisalhas. O Comendador achou obscena a expressão dolorosa de sua fisionomia. Um velho, um velho tão grotescos, com o rosto torturado por um amor infeliz! (Idem, p.183)

Começou a imaginar o escândalo que seria seu suicídio, quando a esposa e os filhos descobrissem o motivo e o caso com Maria do Carmo viesse à tona. A indignação de todos os parentes e da comunidade que tinha um apego tão grande à sua imagem. “E suas relações com Maria do Carmo, lado mais limpo, deturpadas, manchadas aos olhos de todos.” p.184

Passado esse lapso de tirar a própria vida, o Comendador começou a se questionar como ele foi tão estúpido em acreditar que uma jovem de vinte e poucos anos como Maria do Carmo poderia genuinamente ter se apaixonado por ele, um velho decrépito de sessenta anos. Quando ele conheceu a moça ela era uma jovem sofrida, doente, sozinha e com um filho de poucos meses nos braços. Em pouco tempo que ele a conheceu, encantado com a sua pureza, deu para ela uma casinha afastada de seu palacete, mas móveis bonitos, criadas para limpar, cozinhar e cuidar do pequeno.

Todos os dias ele ia visitá-los, Maria do Carmo o acolhia muito bem e o menino chamava o velho de “dindinho” pois Maria não queria que ele o chamasse de Vovô. Na vizinhança a conversa que corria era que o Comendador era pai do pequeno e ele sentia-se orgulhoso, pois nutria um enorme desgosto por seus filhos com a esposa. E pela própria esposa ele também alimentava uma grande aversão. Ele a considerava uma megera, desde o início do casamento era uma mulher áspera e quando os filhos a nasceram fazia de tudo para afastar as crianças dele. Agora com seus filhos crescidos, ela acobertava os desgostos que eles faziam e os colocavam contra o pai. Ela:

Tinha a maternidade só, hostil e agressiva. Maternidade exclusivista e ciumenta dos bichos, das cachorras que rosnam e mostram os dentes a quem se aproxima de seus cachorrinhos. O Comendador lembrava-se com terror daquela época, do quarto em meia luz, cheirando a desinfetantes, com a cama grande, de onde

fora expulso, coberta de mantas e rendas, a mulher deitada, a criança no oco de seu ombro, aquele seu desprezo de mulher cumulada, completada; pelo homem a quem não ama e que, tendo cumprido sua função de lhe dar o filho, perdeu toda utilidade, toda explicação para a presença importuna. Os partos eram difíceis, e a mulher lhe guardava rancor dos sofrimentos. Entre todas as coisas brancas e frágeis do quarto, o Comendador movia-se, desajeitado, indeciso, pesado, parecendo de outra espécie, estranho à mulher e à criança, embora procurasse assumir a atitude de um pai contente, e tentasse, com boa vontade, integrar-se ao quadro. (Idem, p.187)

Então, devido essa carência da paternidade que ele nunca desfrutou, criou um grande apego ao filho de Maria do Carmo. Levava brinquedos e passeava com o pequeno nas tardes que passava lá naquele lar idílico que era um reflexo dos sonhos familiares abandonados pelo Comendador.

Maria do Carmo também estava vivendo a realização de um sonho. Ela que desde seu nascimento foi jogada de mão em mão, perdeu muito cedo sua inocência e acabou dos lugares mais sórdidos servindo seu corpo a quem pagasse. Mas nada daquilo a marcava, os seus desejos sempre foram uma vida tranquila em uma casa com móveis e bibelôs, sempre amou a ordem e a tranquilidade. E o Comendador:

Gostava de ver Maria do Carmo rodeada das bugigangas que lhe pertenciam e que harmonizavam com seu ar pueril, formando-lhe atmosfera própria. Parecia uma menina: tinha os olhos vazios e o rosto liso. Mesmo seus gestos eram infantis. O passado sombrio não deixava nela um só vestígio. Até o filho lhe era como um brinquedo. Faltava-lhe a profundidade, vida interior, capacidade para o sofrimento. (Idem, p.190)

Havia cinco anos que o Comendador mantinha um relacionamento com Maria, desde então um sopro de vida foi recuperado. Ele que o tempo todo estava sendo incomodado com um espírito de morte por seus familiares, que sempre o podava, agora sentia a vida novamente em seu corpo velho e enrugado.

Mas nos últimos tempos ele sentia algo diferente, percebia uma mudança sutil em Maria. Todavia, em nenhum momento suspeitou da jovem, foi preciso que chegassem várias cartas anônimas para ele entregando o que estava acontecendo. As cartas relataram que Maria estava se encontrando diariamente com um rapaz da vizinhança. Ele não queria acreditar, mas a mudança nas atitudes de Maria já entregava que algo estaria ocorrendo. Então começou a sentir um ciúme doloroso, pensava no tempo que Maria passava sozinha naquela casa enquanto ele estava no trabalho ou com sua família e na sua diferença de idade com a moça.

Resolveu então colocar um detetive para seguir Maria e confirmar se eram verdadeiras as acusações das cartas. Em três dias recebeu a confirmação que ela o enganava. Sentiu ódio daquele detetive que dava a notícia. Sofria calado, causando desconfiança na família. E: “Passou a noite inteira acordado, pensando em Maria do Carmo. Precisava mandá-la embora sem escândalo, com dignidade, evitando as cenas, as recriminações. Reconhecia-lhe os direitos: no fundo, achava natural o que ela fizera: mas precisava mandá-la embora.” (Idem, p.200)

No outro dia de manhã fez uma visita a Maria com a intenção de tomar de volta tudo que ele havia fornecido. Ao chegar lá em um horário inusual, encontrou apenas o menino, Maria não estava. Assim que chegou viu a felicidade ingênua e genuína nos olhos da criança. Sentiu-se amado e no mesmo instante perdeu a coragem de tirar dele tudo que tinha. Sentado na cadeira de balanço observou todos os detalhes singelos daquela casa e não sentiu mais vontade de tomar uma atitude. Ele perderia Maria do Carmo, o amor da criança e aquilo era tudo que tinha. Considerou então que: “[...] poderia trocar seu a em próprio pelo direito de vir todas as tardes àquela casa, olhar para aquele interior de cenário, tomar Rafael nos braços, beijar o rosto liso e cheiroso de Maria do Carmo, garantir para seus últimos dias aquelas duas horas diárias de serenidade.” (Idem, p.204) E por fim, Maria chegou e ele realmente não tomou nenhuma atitude, deixou sua dignidade de lado e resolveu que queria terminar sua vida recebendo o amor puro da criança, mesmo que Maria não o amasse genuinamente.

O sétimo conto, é intitulado “O negro” e é dedicado ao escritor sergipano Genolino Amado¹⁰⁰, primo de Jorge Amado. O conto começa com o personagem Menezes narrando a figura do “negro” que ele via caminhando na direção dele e de seu amigo Evaristo Gentil. O “negro” é descrito por ele como bem-vestido ao mesmo tempo que era espalhafatoso. Havia nele uma curiosidade pelas coisas que ocorriam ao seu redor e ele também era alto e encorpado. Menezes mostrou a figura a Evaristo e disse: “— Veja aquele negro. Que prazer de viver, que gulodice pelas coisas boas do mundo

¹⁰⁰ A trajetória de Genolino é muito bem retratada na dissertação de Jeova Silva Santana intitulada A crítica cultural no ensaio e na crônica de Genolino Amado, sob a orientação da professora doutora Orna Messer Levin, defendida em 20 de outubro de 2000.

transparece naquela cara preta! Você já viu alguém mais simpático do que um negro simpático, Evaristo? E já viu negro mais simpático do que esse que ai vem?” (p. 210)

Menezes prossegue com sua reflexão, acreditando ser uma tese profunda a ideia de que a simpatia estaria intrinsecamente associada à falta de caráter, entendendo caráter no contexto do individualismo. As almas pusilânimes que são dominadas, ao contrário daqueles que têm domínio de si, não reagem às impressões alheias e aceitam facilmente as suas personalidades. Por isso aparentam sempre mais simpatia e são mais suscetíveis às opiniões externas. Eles: “Deixam-se logo absorver, recebem-nos como somos, não pretendem impôr-se, não se esbarram contra nós. Daí a simpatia das crianças, dos negros, de todas as raças inferiores menos do índio, que não se adapta.” (Idem, p.211)

Ao sair do café em que estava Menezes passou pelo negro que estava sentado sorridente em uma das mesas e reparou no livro deixado por ele sobre a mesa, era a peça “Man and Superman” do dramaturgo irlandês George Bernard Shaw. Menezes ficou impressionado, com expressão de compreensão e inteligência no rosto do negro ao ler aquela peça em inglês.

Ele procurou o amigo, que estava tentando fugir do local sem nenhum motivo aparente. Questionado sobre o motivo daquela atitude Evaristo afirmou que tinha medo do negro. Aquilo não fazia sentido, não havia razão para ter medo, então o homem disse que ia lhe contar a razão verdadeira da fuga, mas precisava se distanciar da cafeteria.

Evaristo era conhecido no ciclo intelectual como um exímio boêmio contador de histórias. Suas anedotas eram famosas, repetidas diversas vezes nas mesas dos bares e cafés. Então, havia em Menezes uma curiosidade inerente sobre o que Evaristo contaria acerca do negro.

Segundo Evaristo o negro era um dos sujeitos mais inteligentes que ele havia conhecido, autodidata, falava inglês perfeitamente bem e seu nome era Zacarias de Almeida. Seus caminhos haviam se cruzado em uma avenida enquanto Evaristo observava a demolição de um prédio, segundo ele:

O espetáculo daqueles operários penando debaixo do sol, armados de martelos e de picaretas, movendo tratores e trepando em andaimes, parecia refrescar os que olhavam sem fazer nada, foi essa justamente a observação que ouvi atrás de mim. (Idem, p. 223)

Ele puxou conversa com Zacarias, e eles saíram para tomar um refresco. Como Evaristo estava em serviço e não poderia demorar, marcou um encontro com ele à noite, onde ambos compareceram e a amizade iniciou-se. Quando afirmou que tinha uma amizade com Zacarias, Menezes questionou o motivo pelo qual Evaristo fugia dele. E nesse momento a história começa de fato. Segundo Evaristo a amizade lhe rendeu muitas discussões e eles eram inseparáveis: “Passei a me encontrar com Zacarias de Almeida quase todas as noites. Ele como eu tinha aversão ao sono, e perambulávamos pelas ruas até de manhã.” (Idem, p.227)

Em determinado momento, Zacarias vai embora para Pernambuco trabalhar com seu cunhado. Na ausência dele, Evaristo faz amizade com um inglês em um bar, que coincidentemente era um dos diretores gerais da companhia para qual ele trabalhava. Assim que ele descobriu esse fato, tentou se aproximar mais do inglês para tentar conseguir uma promoção, ele tentava se impor: “Acabei escolhendo a maneira definitiva de me impor: passei a ser muito inglês, cada vez mais inglês.” (Idem, p.334)

E quando ele já estava se acostumando com aquele “jeito” inglês o diretor avisou que iria para São Paulo e nesse momento Zacarias voltou para o Rio de Janeiro. Com o retorno do amigo, Evaristo ficou com medo de ser visto junto com ele pelo inglês, pois presumia que o diretor tinha preconceitos de raça. Evaristo viu esse retorno do inglês como algo conveniente, visto que ele poderia sair acompanhado do amigo sem medo. E então, na data de partida do inglês, ele foi lá despedir-se.

No momento da despedida, o inglês informou para Evaristo que ele havia conversado com o chefe dele acerca de sua situação e que em breve ele teria um avanço em sua carreira. Evaristo ficou extasiado com a informação, ele passava por momentos difíceis, havia contraído grandes dívidas e vivia falido. Foi quando de longe ele viu o “negro” Zacarias, abrindo os braços, sorrindo com a boca larga vindo em sua direção. Nesse momento ele pensou em várias maneiras de se esquivar do amigo, em como ele iria fazer isso. Pensava em como aquilo iria arruinar sua promoção e esqueceu da camaradagem de Zacarias.

Esqueci tudo, Menezes. Só me lembrei do inglês, da promoção, da minha vida apertada. daquela oportunidade única que eu fugia, da vergonha de apertar a mão do negro diante de um cidadão britânico, importante e milionário. (p.238)

Entretanto, apesar de Zacarias estar vindo em sua direção, ele cumprimentou o inglês que estava do seu lado. O inglês ficou extremamente feliz em ver Zacarias e devolveu o cumprimento da mesma forma calorosa. E Menezes concluiu que o “negro” não veio falar com ele, mas sim com o Inglês. E ele afirma:

Zacarias timidez do que entre o inglês e eu. tratava o outro de igual para igual, enquanto que, na minha maneira de ser, havia inconscientemente, uma certa subserviência, talvez por eu depender diretamente do inglês, meu chefe na Companhia, e essas considerações influíssem em ambos, ou, simplesmente, por eu ser um sujeito ordinário, menos independente e livre do que o negro Zacarias. (Idem, p.240)

Quando o inglês entrou no navio, Menezes foi atrás de seu amigo, que o ignorou de forma mesquinha, como se ele nunca tivesse existido. Então era por isso que Menezes fugia do “negro” quando o encontrava nas ruas, ele sentia um rebaixamento imensurável. Evaristo calou-se e ficou estupefato com o que tinha ouvido e saiu: “Deixei-o assim, em pé na calçada, o jornal aberto, insensível aos atropelos dos transeuntes apressados, lendo e sacudindo a cabeça, justamente indignado com a crueldade da época e a estupidez infinita dos homens.” (Idem, p.243)

O último e oitavo conto é intitulado “Adolescência”. É iniciado pela personagem ainda sem nome narrando sobre a chegada de uma nova amiga em sua rua, a Filhinha, que havia chegado de Santos. Ela observava sua casa enorme, branca, com um jardim lindíssimo. Não podia deixar de comparar com sua casa que era humilde e não tinha tantos atrativos. Via os móveis do quarto de Filhinha descendo da mudança e olhava para seu quarto tão simples. Ela lamentava: “Devia ser bom ter um quarto branco, com cortinas e bibelôs, um quarto como o de Filhinha.” (Idem, p. 248)

Não tinha amigas, sua mãe já era mais velha e seu pai achava tudo indecente. Nesse momento é revelado o nome da personagem, Tereza. Ela não conseguia fazer amizades, se sentia inferior às outras meninas. Ninguém a elogiava e sua mãe a vestia feito uma senhora. Nas festas infantis em que ia, agarrava-se à saia de sua mãe, implorando para ir embora. Era feito bicho do mato, quando outra criança se aproximava ela corria. Teresa vivia sonhando com uma amiga, que tinha sua idade, para brincar e ela se sentir como uma menina de verdade.

Antes de nascer a mãe de Teresa havia perdido cinco filhos e por isso criava a menina fechada dentro de seu mundo, com medo de a perder também. Teresa chegou

quando as esperanças do casal já tinham acabado. Seu pai não a aceitava muito bem, por ela ser menina, ele sempre desejou um filho homem. Quando chegou a época de ela ir a escola, seu pai contratou uma professora para a ensinar em casa.

Sua infância passou como um susto. Chegou aos quatorze anos e se tornou uma adolescente desengonçada, não muito diferente da criança que ela era. Ficava apenas em casa bordando e lendo romances para moças. Ele: “Envenenava-me, com delícia, de histórias tolas, sentimentais, diferentes da vida, afastadas da realidade. Lia Corrêa Dutra e imaginava novos romances.” (Idem, p.253) Então ela se distraía inventando cenários em que era amada pelo mocinho, era a heroína da história e muitas outras fabulações.

Sua mãe finalmente a levou para conhecer a nova vizinha, Filhinha. E nesse momento a inveja se instaurou de fato. Teresa viu que a moça era muito mais encorpada, encantadora e divertida que ela. Mas mesmo assim, Filhinha a tratou muito bem, venceu sua timidez e assim se tornaram amigas.

Filhinha tinha acesso total a sua casa, ia lá sempre que podia e pro espanto de Teresa ela havia derrubado até as barreiras de seus pais. Eles a adoravam, fazia tudo que ela pedia. Com Filhinha, Teresa aprendeu a falar e se expandir. A menina contava sobre seus namoros e sobre um rapaz de Santos pelo qual ela era apaixonada e Teresa: “Eu ouvia enlevada, tomando aquilo tudo muito a sério, aconselhava Filhinha, torcia pelo moço de Santos, queria ver-lhe o retrato. Sonhava com Filhinha, com os amores de Filhinha.” (Idem, p.257) Filhinha, mesmo muito nova, tinha uma feminilidade e uma sensualidade que já chamava atenção dos garotos daquela vizinhança.

Teresa, sentindo-se inferior, quando questionada sobre namorados, mentiu que tinha um namorado, mas que o relacionamento era impedido por seu pai que era muito severo. Filhinha, duvidando daquelas afirmações, pediu para que Teresa dissesse o nome dele e ela com muito medo de ser desmentida disse “Antonio Paulo”. O referido namorado, era na verdade seu primo que ela não via a anos.

Tentando sustentar aquela mentira, Teresa começou a falar do primo a todo momento. Inventou um lindo romance, com cartas líricas e apaixonadas. E “Ao fim de alguns dias, creio que estávamos ambas apaixonadas realmente por Antonio Paulo.” (Idem, p.260) Por algum tempo até o rapaz de Santos foi esquecido, Teresa passava os dias fabulando histórias sobre Antonio Paulo para a amiga, que ela até o esqueceu.

Até que no dia do aniversário de sua mãe, Antonio Paulo apareceu, o verdadeiro Antonio Paulo, que tinha encarnado toda a magnificência criada por Teresa. Quando o viu, ela entrou em desespero, pois seria descoberta por Filhinha. Antonio Paulo a cumprimentou sem dar muita importância e Teresa percebeu que ele se mostrou interessado na verdade em Filhinha. Os dois saíram enquanto Teresa era obrigada a fazer sala junto de sua mãe. Então, quando pode, ela fugiu e seguiu os dois, encontrando-os perto da goiabeira, dando um beijo desengonçado.

Teresa sentia-se traída, sua amiga roubava dela o seu príncipe, que na sua mente de faz de contas era um herói e autor de cartas sentimentais, apaixonadas. Era sua fantasia que mais uma vez foi destruída. Mas para ela, que Filhinha ficasse com ele pois ela guardava consigo o outro inventado. “Eu perdera Antonio Paulo e ia também perder Filhinha. Mas naquele momento acabava de descobrir que possuía mais do que os dois, um mundo meu, que eu fazia e desfazia a meu gosto, o poder de dar a vida, de fugir da realidade.” (Idem, p.265) Teresa sabia no fundo que ele era apenas um brinquedo de faz de conta mas ainda sim daria tudo para estar no lugar de sua amiga.

Com isso, chega ao fim o livro de contos da autora, uma obra que revela diferentes facetas de sua escrita, suas personagens, e as temáticas que marcaram sua trajetória literária. Mais do que uma coletânea de histórias, este livro reflete um claro amadurecimento estilístico e narrativo quando comparado aos textos publicados anteriormente nos jornais. O conto que abre a obra e lhe dá título é uma crítica sutil, mas contundente, às políticas de Getúlio Vargas, que na época impunham severas restrições à entrada de imigrantes judeus no Brasil. Outro destaque da coletânea é o conto *"Banho de Rio"*, que se destaca por sua atmosfera sombria e inquietante. Nele, a autora adota a perspectiva de uma personagem ainda na infância para criar um cenário carregado de tensão e agonia, transformando o que deveria ser apenas mais uma inocente aventura infantil em uma experiência profundamente desconfortável. Essa narrativa habilmente construída reflete a capacidade de Lia de explorar as ambiguidades da infância e de desconstruir expectativas, trazendo à tona um olhar crítico e sensível sobre situações aparentemente banais, mas repletas de significados ocultos.

Em agosto de 1943 ela dá uma entrevista para a revista *Leitura*, em que fala sobre o livro. Nada mais esclarecedor do que a visão da própria autora sobre sua obra. Ela

afirma ser incapaz de escrever um romance, pois mesmo se esforçando ela não consegue conectar os capítulos. Pois, “cada capítulo tem a feição do conto, constitui um episódio que começa, se desenrola e termina, podendo ser retirado do conjunto sem que lhe faça falta, e cujo sentido não depende dos os outros capítulos.”¹⁰¹ Para ela, o romance deveria se desenvolver de forma fluida e contínua, como um novelo que se desenrola lentamente até o fim. Contudo, sua escrita se assemelhava mais a uma coleção de pequenos novelos, organizados lado a lado dentro de uma mesma caixa, cada um com sua própria autonomia.

Quando soube do concurso promovido pela José Olímpio resolveu se arriscar, entretanto, um dos critérios da competição era que os trabalhos fossem rigorosamente inéditos. Então não poderia usar os contos que já havia escrito, fazendo com que Lia Corrêa Dutra tivesse que escrever um novo conjunto: “Resolvera entrar no concurso por possuir contos; depois tive que fazer os contos porque resolvera entrar no concurso.” (p.12)

E sobre os contos, ela primeiro fala sobre o que dá nome ao livro, onde ela se inspirou em um navio de judeus que apareceu na baía de Guanabara, após serem recusados por todas as outras nações. Essa ocasião perturbou a autora profundamente e ela escreveu o conto para libertar-se dessa fixação. E os defeitos do conto se dão por ela ter tomado partido, “de não inventar a intriga, mas de ser forçada a me restringir ao fato vivido, daí o seu cunho instantâneo fotográfico, de reportagem.” (p.12) Outros contos que segundo ela seriam baseados na realidade eram “Ronda Noturna” e “O negro”. E para Lia seriam “as que dão menos impressão de verdade, as que parecem mais falsas.” E a temática mais convencional, seria a de “Questão de Dignidade”.

Os contos que ela mais domina são os quatro em que a narrativa é centrada em crianças, pois segundo a autora, por ser professora ela tinha uma experiência com a psicologia infantil. E em “Banho de Rio” ela mostra que mesmo uma criança pode ter em sua alma uma parte obscura.

¹⁰¹ Dutra, Lia Corrêa. “Porque escrevi “Navio Sem Pôrto”. **Leitura**, Rio de Janeiro, ago. 1943 Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=115509&pesq=%22Lia%20Corr%C3%AAa%20Dutra%22&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=2320> acesso em: 15. de mar. de 2025

Lia Corrêa Dutra termina a entrevista respondendo a questão colocada no título, ela havia escrito “Navio sem Porto” porque não podia deixar de escrever contos, estava presa a esse gênero. Além disso, também tinha o desejo de ganhar o prêmio dado pela livraria José Olímpio.

2.2 A contribuição de Lia Corrêa Dutra no Congresso Brasileiro de Escritores em 1945

Em 1942, a Sociedade dos Escritores Brasileiros (S.E.B.) deu origem à Associação Brasileira de Escritores. Inicialmente, a nova entidade foi concebida para atuar na defesa dos interesses legais e financeiros dos escritores. Segundo a tese de Felipe Victor Lima (2015) que investigou a criação de ambas as entidades, as principais figuras que se envolveram na criação da S.E.B foi Sérgio Milliet, Mário de Andrade, Edgard Cavalheiro, Tito Batini, Artur Neves, Fernando Góes, Luís Martins e Paulo Emílio Sales Gomes. Uma das principais vozes do grupo era Milliet, que considerava que independente dos problemas que ocorriam naquele período, como a segunda guerra, era necessária uma defesa do escritor:

“Nas palavras de Milliet, apesar da multiplicidade de problemas que atingia parcela considerável da intelectualidade brasileira, eram as demandas profissionais as que mais solicitavam a atenção da nova entidade. Para ele, a organização recém-inaugurada tinha por objetivo exclusivo a defesa dos interesses da classe intelectual, ou seja, "dos direitos autorais dos escritores e jornalistas", assim como bem como a obtenção do "controle da produção e do comércio do livro".” (LIMA, V. Felipe, 2015, p.35)

Após a primeira eleição da entidade, realizada no final de 1942, com a vitória da chapa liderada por Afonso Schmidt, começou a se delinear uma polarização entre dois grupos: os "moços" e os "medalhões". Essa divisão acabava por mascarar uma profunda disputa ideológica interna. A S.E.B. passou a ser inserida no contexto de debates sobre o autoritarismo e a defesa da democracia. Além do que: “A ascensão de um discurso mais politizado no interior da Sociedade dos Escritores Brasileiros logo se faria sentir na própria estrutura da mesma, com a gradual transferência do centro decisório da entidade de São Paulo para o Rio de Janeiro.” (LIMA, V. Felipe, 2015, p.38) Essa mudança, anos depois, também vai refletir no rompimento da seção paulista com a associação.

A Associação Brasileira de Escritores foi oficialmente fundada em março de 1943. Em seu estatuto inaugural, ficou estabelecido como objetivo principal a promoção de

uma vida digna para os escritores do país. Porém, apesar de haverem várias outras determinações, não existia nada que falasse sobre o papel social dos escritores, conforme afirma Felipe Victor Lima (2015, p.40):

Nos demais artigos, transcritos em pouco mais de cinco páginas, encontravam-se uma série de determinações quanto às possíveis atribuições da associação no âmbito profissional, sem tocar uma vez sequer em pontos mais sensíveis, notadamente a definição de um papel social dos escritores em face da ameaça nazifascista, ou mesmo de um "código de conduta", na defesa de certos valores.

E mesmo que os primeiros membros da associação fossem liberais e comunistas, alguns nomes eram ligados ao regime do estado novo. O que derruba a ideia de um grupo contrário ao governo. Foi apenas a partir do segundo ano de existência que a associação procurou integrar o restante da intelectualidade do país, buscando a noção do que seria "ser intelectual". O discurso dominante era o do anti fascismo — discurso também encontrado nos textos de Lia Corrêa Dutra —, mas o maior foco era a crítica ao estado novo:

Apesar do antifascismo característico do discurso que passou a dominar o espaço da agremiação, era o Estado Novo o foco principal de sua crítica (ainda que não declaradamente), de modo que as noções de engajamento propostas pelos escritores se contrapunham diretamente aos princípios enunciados pelo regime quanto ao modelo de participação a ser desempenhado pela intelectualidade. (LIMA, V. Felipe, 2015, p.48)

Quando o primeiro mandato da agremiação chegou ao fim em 1944, a liderança da entidade passou para o renomado escritor Aníbal Machado. Na chapa de Aníbal estava Lia Corrêa Dutra, que foi nomeada segunda secretária da entidade, sendo a primeira mulher a fazer parte da administração. Aníbal assumiu a responsabilidade de conduzir os trabalhos e desempenhou um papel fundamental ao organizar o Primeiro Congresso Brasileiro de Escritores, um evento de grande importância para o cenário literário e cultural do país. Foi Jorge Amado quem convocou o congresso de forma enérgica:

O próprio escritor baiano, apenas dois meses após a posse da nova diretoria, já anunciava a convocação do conclave. Em entrevista dada a Folha da Manhã exaltando a "nova geração paulista" como a "mais vigorosa do Brasil", Amado apontava para o fato de que a literatura brasileira perdia em quantidade de produções originais, por conta de que os escritores estariam "empenhados no esforço de guerra" e a intelectualidade compreendia "que a razão da sua própria existência" dependia "do extermínio total e definitivo do nazismo. inimigo de qualquer manifestação da inteligência". De acordo com ele, a preocupação dos intelectuais estaria em "vencer a guerra e estabelecer bases para uma paz

democrática popular". Sob tais circunstâncias, portanto, uma reunião de escritores se tornava imperativa. (LIMA, V. Felipe, 2015, p.49)

A entidade via na realização de um congresso uma oportunidade estratégica para reunir a intelectualidade antifascista e democrática em torno das demandas mais urgentes daquele momento. Questões como a da profissionalização do escritor, da proteção dos direitos autorais e da definição do papel do intelectual em um contexto marcado pela guerra e pela ameaça à democracia tornaram-se fundamentais para a associação.

A organização do congresso não passou despercebido pelos órgãos de vigilância da ditadura estadonovista. O tom político que o congresso ganhava, começou a chamar atenção do Departamento de Imprensa e Propaganda. Cada dia que passava e se aproximava do começo do evento a tensão aumentava. Felipe Victor (2015, p.58), analisando os diários de Carlos Drummond de Andrade, traz os relatos do escritor sobre o clima de tensão e a vigilância constante antes do congresso se iniciar:

O escritor mineiro lembra que, em meio a uma das reuniões na casa de Aníbal Machado para a escolha dos potenciais delegados cariocas ao conclave, a jornalista Eneida de Moraes anunciou que a polícia havia proibido a realização do mesmo. Drummond afirma que a situação não era das mais favoráveis, notadamente por conta das prisões que estavam ocorrendo, inclusive de políticos liberais.

Embora houvesse a possibilidade de censura, o evento conseguiu ser realizado no dia 22 de janeiro. O congresso teve a duração de cinco dias consecutivos, durante os quais ocorreram intensos debates e trocas de ideias entre escritores vindos de diversas regiões do país. A memória em torno do congresso, pondera que, “[...] o evento representou uma possibilidade de comunhão entre muitas das tendências ideológicas presentes na intelectualidade brasileira em meados dos anos 1940.” (LIMA, V. Felipe, 2015, p.59)

Existia de fato um empenho em entrar em um consenso nas demandas da assembleia. Ao longo dos dias ficou evidente a dedicação em formar um discurso universal, “comprometido com o antifascismo, com a causa democrática, além da defesa dos direitos profissionais dos escritores.” (LIMA, V. Felipe, 2015, p.61) Na abertura, Aníbal Machado deixa claro em sua fala, que o intelectual deveria ser sempre a oposição a todas as práticas totalitárias de governo. Além do que, não era mais aceitável o isolamento do intelectual dentro da torre de marfim. Aníbal declara que:

É, porém, um orgulho senhores congressistas poder responder ao povo interessado no resultado de nossas discussões e perante os intelectuais aqui presentes de outros países que os escritores e artistas do Brasil estão capacitados de sua missão histórica; que consideramos o divércio entre nós e o povo como a morte não do povo mas a nossa morte. Não entre nós apenas mas entre nós e o público esperamos que a distância se torne de hoje em diante cada vez menor. (Anais do Primeiro Congresso Brasileiro de Escritores de 1945, p.26 apud LIMA, V. Felipe, 2015, p.62)

Foram criadas comissões voltadas para a imprensa, rádio, cinema e teatro; direitos autorais; questões políticas e culturais. Cada uma dessas comissões recebeu diversas teses para análise. Na comissão de cultura, por exemplo, foram discutidas propostas relacionadas à alfabetização, à criação de bibliotecas, ao regionalismo e à expansão das universidades. Já a comissão de imprensa tratou de temas como liberdade de expressão e a aproximação entre o teatro e o povo. A que lidava com os direitos autorais, recebeu teses sobre a regulamentação da atividade de tradutor; sobre os valores que as editoras deviam pagar aos escritores; as obrigações do editor e sobre a proteção dos autores perante ataques pessoais de críticos literários. E na comissão política as teses eram sobre o fim das perseguições a populações estrangeiras; em torno do conceito de liberdade e a favor do regionalismo. Felipe Victor (2010, p.210) afirma que:

Os pedidos de democracia e liberdade de expressão, bem como de eleições diretas. estavam de acordo com as sugestões da maior parte das teses apresentadas as comissões e apreciadas pelos congressistas Interessante, contudo, a conclusão de que, somente pela adequação do Brasil aos princípios ali descritos, o país estaria de fato engajado na mesma luta de seus soldados em guerra. Isto deixava claro, uma vez mais, que os intelectuais não estavam alheios às contradições de um governo ditatorial que enviava suas tropas aos campos de batalha em prol de nações democráticas. Como. forma

O evento foi encerrado com discursos calorosos no Teatro Municipal de São Paulo. Cada delegado responsável por uma seção estadual teve a oportunidade de se pronunciar. O primeiro a falar foi Dornas Filho, de Minas Gerais, que destacou como o caos no cenário mundial havia despertado as classes intelectuais para o verdadeiro propósito de sua existência. Dionélio Machado, representando os delegados gaúchos, afirmou em seu discurso que apenas por meio da unificação seria possível alcançar a força necessária para garantir um ambiente de verdadeira liberdade. Jorge Amado, representando a Bahia, enalteceu o fato de naquele momento Hitler estar sendo

derrotado e que se aproximava do fim. E afirmou que se os intelectuais brasileiros não cumprissem com o compromisso de combater o nazifascismo seria uma enorme traição para com os soldados brasileiros que se encontravam combatendo na Europa. O último discurso foi de Oswald de Andrade, representando São Paulo, ele:

buscava na própria história os princípios daquilo que parecia ser uma tradição de luta pela liberdade no Brasil. Citando os exemplos da Inconfidência Mineira e do próprio movimento abolicionista, ele destacava as produções literárias que derivaram desses fatos e, por conseguinte, a importância dos escritores nestes momentos decisivos da história pátria. Neste sentido, a união dos homens de letras brasileiros deveria seguir prerrogativas já há muito desenvolvidas por alguns de seus antecessores no meio literário do país. No momento em que o mundo se encontrava dominado por um conflito de maiores proporções, era fundamental que os intelectuais fizessem um esforço no sentido de "exterminar a opressão e aniquilar os agressores do mundo civilizado", tal qual os soldados em combate na Europa. (LIMA, V. Felipe, 2010, p.212)

Lia Corrêa Dutra, além de integrar a diretoria da associação, desempenhou um papel ativo ao participar do evento realizado em 1945. Durante essa ocasião, ela elaborou uma proposta direcionada à comissão de política, que acabou sendo apresentada por Jorge Amado sob o título "O escritor na guerra e no mundo após a guerra". É importante destacar que esse tema, relacionado aos impactos da guerra e, tornou-se uma constante na produção literária de Lia Corrêa Dutra a partir de 1939. Essa recorrência é evidenciada nos textos analisados anteriormente, nos quais fica claro o quanto esse assunto permeia sua obra e reflete suas preocupações com os desdobramentos históricos e sociais daquele período.

Na tese, a autora enfatizava a necessidade de os intelectuais não ignorarem os acontecimentos no continente europeu. Ela argumentava que os valores defendidos pelos soldados aliados possuíam um alcance global, afetando diversos grupos sociais em diferentes países. Esses valores eram especialmente relevantes para as nações que buscavam romper com o clima de opressão e medo que prevalecia. Segundo Felipe Victor (2010 p.194):

A autora afirmava que, ante este quadro, era impossível que alguém deixasse de tomar uma atitude, sendo que o próprio silêncio seria, por si mesmo, um ato de abstenção. Assim, segundo suas palavras, o escritor que se negasse a levantar a voz para exprimir uma opinião, já a estaria deixando bem clara, por meio de seu mutismo. Neste sentido, os livros, os jornais e as rádios seriam as armas da retaguarda, utilizadas por civis que, na opinião de Lia Corrêa Dutra, deveriam assumir um amplo engajamento em prol das mesmas coisas pelas quais lutavam os combatentes das nações democráticas.

Ela traz à tona diversas questões relacionadas à postura inerte e passiva em que muitos intelectuais se encontravam diante dos horrores que estavam se desenrolando durante a guerra. A autora destaca a falta de ação e engajamento desses indivíduos frente a um conflito de proporções e estruturas até então inimagináveis, que impactava profundamente a sociedade e a humanidade como um todo. Ela questiona como essa inércia poderia ser justificada diante de tamanhas atrocidades e da necessidade urgente de posicionamento e resistência intelectual. Vejamos as questões provocativas que ela coloca:

Que deve o escritor fazer? Cruzar os braços, fechar os olhos e os ouvidos, e cantar as belezas da manhã, o perfume das rosas, as asas dos anjos, os amores de João e de Maria?

Que deve o escritor fazer? Comentar os clássicos, entreter-se em pesquisas de bibliotecas ou museus, para determinar a autoria e a idade de velhos alfarrábios comidos de traças, estudar o estilo de monumentos que uma bomba arrasará amanhã, louvar a excelência dos livros que em alguns países têm sido queimados em praça pública, vasculhar a alma de uma humanidade que está morrendo de fome e desespero?

Que deve o escritor fazer? Declarar que odeia a violência, que o sangue lhe repugna, que a guerra o enfastia, e que o ruído dos canhões lhe fere os ouvidos educados nas salas de concertos e conferências, que prefere considerar o homem como uma abstração e o momento presente como sem importância diante da eternidade?

Que deve o escritor fazer? Dizer que não pode tomar partido, porque nenhum dos partidos em jogo é o seu, porque a democracia falhou, porque não crê no comunismo e não confia nos políticos que dirigem a guerra?

Que deve o escritor fazer? Dizer que a Arte existe por si própria, independentemente dos outros fatores sociais, aos quais não lhe cabe sujeitar-se, sob pena de marchar sua pureza e de decair de sua alta significação; afirmar que a Arte atravessará incólume e intangível todos os horrores da época, dos quais não precisa tomar conhecimento?

Que deve o escritor fazer? (DUTRA, Lia Corrêa. "O escritor na guerra e no mundo de após guerra". In: Anais do Primeiro Congresso Brasileiro de Escritores de 1945, p. 332 apud LIMA, V. Felipe, 2010, p.194-195)

Em um determinado momento do texto, a autora realiza uma referência ao contexto histórico da França, mencionando o regime colaboracionista de Vichy, que marcou profundamente aquele período. Ela também resgata a memória dos intelectuais que foram brutalmente sacrificados pela violência que assolava o velho continente durante aquele tempo. Além disso, a autora levanta uma reflexão relevante sobre o papel do escritor na sociedade, questionando a distância que este deveria ou não manter em relação ao povo, destacando a tensão entre engajamento político e autonomia criativa.

Ela se mostrava extremamente firme e resoluta em relação às posições políticas que o escritor deveria adotar, acreditando que não havia espaço para uma atitude indiferente ou descomprometida. Para ela, a neutralidade diante dos acontecimentos era inaceitável, pois considerava que, em tempos de grandes crises, a passividade e a apatia não deveriam ser uma opção. Na visão dela, o escritor deveria se posicionar de forma clara e consciente, sem hesitações. Nesse contexto, ela afirmava que só existiam dois extremos possíveis: de um lado, a defesa da liberdade e da democracia, e, do outro, o avanço do fascismo, um regime opressor e autoritário.

Havia uma preocupação constante e profundamente enraizada em fortalecer o grupo dos escritores, visando à união e ao fortalecimento de uma resistência contra os regimes autoritários que ameaçavam a liberdade e a democracia. Essa preocupação se refletia na busca por uma mobilização intelectual, onde a colaboração e o engajamento coletivo seriam fundamentais para enfrentar as opressões do momento. Como resultado, sua tese ganhou destaque e foi amplamente aclamada pelos seus correligionários, que reconheceram sua importância e relevância. Ela recebeu, então, a aprovação unânime do grupo, acompanhado da recomendação formal para que fosse publicada nos Anais. Vejamos mais alguns pontos que ela coloca:

- a) arejar o panorama intelectual do país e elevar-lhe o nível, recomendando que não sejam utilizadas em pequenas desavenças pessoais e em trocas de insultos, que desmoralizam o escritor e comprometem sua ação junto ao leitor, as colunas de jornais, destinadas aos interesses do público ou à propagação da Cultura;
- b) uma luta em conjunto por mais liberdade – liberdade de opinião, liberdade de expressão, liberdade de publicação, liberdade de comunicação direta com o público – usando para tanto dos meios pacíficos de que dispõem;
- c) maior seriedade no comentário e na interpretação dos problemas da época, da guerra do nazi-fascismo;
- d) estabelecer o combate sistemático e sem trégua aos regimes de opressão, enaltecendo a democracia e explicando-lhe o sentido profundo;
- e) denunciar pelo livro, pelo jornal, pelo rádio, pela palavra, em palestras e conferências, todos os crimes cometidos contra a liberdade e o direito, em qualquer país do mundo;
- f) promover mais íntima aproximação com o público, fazendo passar para o primeiro plano, durante todo o tempo em que durar a guerra e os primeiros momentos de após guerra, vencendo para tanto,

naturais repugnâncias e exagerados escrúpulos artísticos, toda literatura de propaganda anti-nazista, na certeza de que só assim estará o escritor salvando a cultura e a arte para as gerações de amanhã, bem como sua própria possibilidade de cultivar, mais tarde, a literatura de sua predileção;

g) preparar o povo para o mundo de após guerra, afim de que a adaptação se faça mais facilmente;

h) esquecer, provisoriamente, divergências de partidos, de credos religiosos e políticos, de correntes e tendências, e promover a união estreita e ativa de todos os escritores do país para a derrota do inimigo comum, que é o nazi-fascismo;

i) estabelecer um intercâmbio com os demais escritores de outras nações, na base destes princípios. (DUTRA, Lia Corrêa. "O escritor na guerra e no mundo de após guerra". In: Anais do Primeiro Congresso Brasileiro de Escritores de 1945, p. 332 apud LIMA, V. Felipe, 2010, p.197-198)

Além de apresentar sua proposta, Lia Corrêa Dutra também publicou, ainda no ano de 1945, um texto significativo intitulado "Mário de Andrade e o Congresso" na revista *Leitura*. Nesse artigo, ela relatou sua experiência pessoal e expressou muita admiração por Mário de Andrade. Narrando todos os momentos que ela teve um contato com o autor no Congresso e lamentando profundamente sua morte ocorrida em 25 de fevereiro daquele ano. A revista *Leitura*, onde o texto foi veiculado, era uma publicação cultural de grande relevância, lançada no Rio de Janeiro em 1942 e que permaneceu em circulação até 1965. Com o objetivo principal de popularizar a literatura e torná-la acessível a um público mais amplo, a revista adotava frequentemente um tom didático em suas páginas. Além disso, ela diversificava seu conteúdo ao abordar outros temas ligados à vida cultural, incluindo cinema, música e outras manifestações artísticas. A revista também tinha como objetivo a formação de um público leitor no Brasil. Além de ser combativa em relação aos regimes nazifascista e ao estado novo, mesmo que com o segundo, de forma mais velada. Segundo Cláudia Rio Doce (2011, p.83):

Afirmava-se, igualmente, a necessidade de uma resistência ao autoritarismo, de luta pela liberdade, associando, inclusive, o desenvolvimento da educação e da vida intelectual à liberdade de pesquisa, opinião e pensamento, o que não acontecia na Europa tomada nem no Brasil, onde a produção cultural era submetida à censura.

Entre os anos de 1943 e 1944, Lia Corrêa Dutra contribuiu ativamente para a revista com a publicação de quatro textos de crítica literária. O primeiro desses textos foi dedicado à obra autobiográfica do autor francês André Maurois, onde Lia Corrêa Dutra explorou aspectos relevantes de sua escrita e trajetória. O segundo artigo tratou da

importância das traduções da obra Calunga, de Jorge de Lima, destacando o impacto cultural e literário do autor e suas reflexões poéticas. O terceiro texto foi uma análise detalhada de Terras do Sem-Fim, de Jorge Amado, no qual Lia Corrêa Dutra discute os temas centrais da narrativa e o papel do autor no cenário literário brasileiro. Por fim, o quarto texto consistiu em uma reflexão crítica sobre o romance A Escolha, do escritor carioca Xavier Placer, em que Lia Corrêa Dutra examinou as principais características da obra, suas temáticas e o estilo do autor.

Mas voltando ao texto sobre a participação de Mário de Andrade no Congresso, Lia Corrêa Dutra afirma que desde o primeiro momento foi uma das que defendeu a importância da realização daquele evento e por isso trabalhou para que ele acontecesse na Associação Brasileira de Escritores. Ela começa com uma crítica incisiva e bastante combativa ao regime autoritário do Estado Novo, direcionando sua atenção, sobretudo, ao artigo 177¹⁰² da Constituição de 1937. Esse dispositivo legal era especialmente controverso, pois estabelecia a possibilidade de aposentadoria compulsória de qualquer servidor público, conforme a vontade unilateral do governo, sem necessidade de justificativa:

Sabia que o Congresso seria muito mais que um acontecimento literário: seria o primeiro protesto coletivo dos intelectuais brasileiros contra o regime fascista de sufocação de consciências, de constrangimento, de inibições e de mudez compulsória em que vivíamos, tendo, todos nós, colada em nossa boca, empurrando-nos a voz pela garganta a dentro, a mão repulsiva do DIP. Essa mão, muito mais do que a arma apontada contra nós pelo artigo 177, capaz de nos tirar o emprego e o pão era que impedia nossos desabafos — e a prova é que afrouxando aquela, deixando de nos esmagar os lábios, embora continue a outra sempre ensarilhada, abrimos a boca finalmente, e nos mostramos logo prontos para dizer as mais perigosas palavras. Não nos calávamos por medo, calávamos pela impossibilidade de falar.¹⁰³

O Congresso representava uma oportunidade crucial para amplificar as vozes daqueles que estavam sendo silenciados. Apesar da imposição da censura prévia, o evento conseguiu acontecer, tornando-se um espaço para repudiar o fascismo e reafirmar o compromisso com os valores democráticos. Esse era o objetivo que Lia

¹⁰²BRASIL. [Constituição (1937)]. Constituição dos Estados Unidos do Brasil, de 10 de novembro de 1937. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao37 Acesso em: 10 ago. 2023.

¹⁰³ Dutra, Lia Corrêa. “Mário de Andrade e o Congresso”. *Leitura*, Rio de Janeiro, mar. 1945 Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=115509&pesq=%22Lia%20Corr%C3%AAa%20Dutra%22&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=3533> acesso em: 15 de mar. de 2025

Corrêa Dutra idealizava para o encontro, e, segundo ela, foi exatamente isso que se concretizou. E um outro desejo que a autora tinha era o de conhecer figuras como Monteiro Lobato, Dyonélio Machado e principalmente Mário de Andrade. Ela relata ter conhecido Dyonélio durante o trabalho conjunto em uma das mesas da comissão, mencionando com admiração os personagens criados pelo autor. Entre eles, destaca Naziazeno, protagonista de sua obra "Os Ratos", publicada uma década antes, entre outros:

Sentia-me remoçada, num alvoroço de menina, pensando: foi este homem de olhar tão firme e tão sereno quem tornou reais para mim as angústias de Naziazeno; foi este homem que soltou num mundo torturado o louco do Catí, Manivela, e que uma expressão quase humana ao "Borboleta"; e voltava à minha preferência inicial: foi este homem que criou Naziazeno ¹⁰⁴

Lia Corrêa Dutra narra que foi apresentada a Mário por um amigo em comum, Guilherme Figueiredo¹⁰⁵. Em um primeiro momento ela exalta Mário de Andrade, sua grandeza e o fato do autor sempre estar na vanguarda de movimentos de renovação. Ela comenta que as 19 horas desconfortáveis dentro do trem valeram a pena pelo simples fato de ter chegado ao evento e tido a oportunidade de encontrá-lo. Na sua narração, em determinado momento Lia Corrêa Dutra pergunta para Mário se ele confiava no Congresso, e ele responde que "desde que não se fizesse muita literatura" e ela conclui que o autor não confiava muito na literatura. Fica nítida a felicidade que foi para Lia Corrêa Dutra quando Mario a elogia por ter tratado os participantes por "vocês":

Você nos chamou a todos de "vocês" — isso porque, obrigada a defender uma tese que apresentara e fora talvez mal exposta por mim ou mal interpretada pelo relator, pedi a palavra e, com este meu jeito anti-diplomático, anti-oratório, anti-cerimonioso e anti-parlamentar (eu, naturalmente, não podia mais lembrar do tratamento parlamentar, vivendo, num país há oito anos privado de parlamento), com estes meus feitos modos de professora suburbana, tão doméstico familiares, dirigi-me à assembléia e fui dizendo: — "Sei que vocês não podem fazer nada, mas quero explicar a vocês, etc...etc..." — E de lá de cima, da mesa do Congresso, onde me chamaram para falar, ouvi uma gargalhada enorme, a inconfundível gargalhada de Mário de Andrade. Quando descí, terminada minha defesa, é que ele me disse, me sumindo entre os braços compridos: — "Mas que delícia menina!... Você nos chamou de "vocês" Isso me fez tão bem, depois das "excelências" que andaram chovendo por aqui..."¹⁰⁶

¹⁰⁴ Ibid.

¹⁰⁵ Dramaturgo, jornalista, escritor e tradutor brasileiro. Irmão do ex-presidente João Figueiredo.

¹⁰⁶ Dutra, Lia Corrêa. "Mario de Andrade e o Congresso". *Leitura*, Rio de Janeiro, mar. 1945 Disponível em:

<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=115509&pesq=%22Lia%20Corr%C3%AAa%20Dutra%22&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=3533> acesso em: 15 de mar. de 2025

Ela continua narrando um fato interessante, de que apesar de participar do Congresso, Mário de Andrade não pediu a palavra nenhuma vez. Lia Corrêa Dutra afirma que o autor achava sempre que estava falando demais. E que o Congresso havia sido magnífico apesar de ter se prolongado muito as ideias. Mas depois ele concordou que depois de oito anos de censura e muitas falas entaladas na garganta, havia sido uma explosão natural que foi o “espocar da rolha.” Pegando esse gancho, Lia Corrêa Dutra afirma que apesar do estouro da rolha, Mário não pode acompanhar o deleite daquele vinho derramado, pois ele havia morrido subitamente poucos dias depois: “Mário de Andrade, você não ficou para ver o vinho correr até o fim, depois do “espocar da rolha”, você não ficou para ver e ouvir todo mundo outra vez falando alto, pensando alto; você morreu justamente no começo da luta, da nossa luta, da luta que teria sido sua também.” A autora finaliza com uma conclusão muito forte sobre Mário de Andrade: “Eu pensava que você não podia morrer. Mas vejo, agora, que o que você não poderia era ter envelhecido.”¹⁰⁷

Em março de 1945, Lia Corrêa Dutra também concedeu um breve depoimento ao jornal *O Jornal*, no qual destacou o impacto transformador do Congresso. Segundo ela, o evento revelou a força coletiva dos escritores brasileiros, unidos em prol da liberdade. Lia Corrêa Dutra ressaltou que a classe literária havia passado por uma mudança significativa: agora, havia uma maior consciência política entre os escritores e um desejo evidente de se aproximar do público:

O Congresso serviu como uma afirmação e revelou a unanimidade de opinião dos escritores brasileiros, unidos na luta pela liberdade e pela dignidade. Os escritores brasileiros já não são, felizmente, aqueles antigos boemios, trocadilhistas, grandes consumidores de empadinhas da Pascoal; não são também os “inocentes do Leblon”. Tem consciência política, compreensão de seus deveres e de suas possibilidades, desejo de uma aproximação mais estreita com o público. Foi isso o que ficou provado no Congresso.¹⁰⁸

Ao analisar a participação de Lia Corrêa Dutra no Congresso, torna-se evidente o forte desejo e a esperança da autora em promover mudanças significativas dentro da

¹⁰⁷ Ibid.

¹⁰⁸ “Falam os Escritores Brasileiros Sobre o Seu Primeiro Congresso”. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 04 mar. 1945 Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=110523_04&Pesq=%22Lia%20Corr%C3%AAa%20Dutra%22&pagfis=26189 acesso em: 25 de mar. de 2025

classe de escritores. Esse evento também evidencia sua postura combativa e engajada, contrastando profundamente com a imagem que cultivava em sua juventude, quando era vista como uma jovem burguesa dedicada a escrever versos bem elaborados e sistematizados, porém desvinculados de questões políticas ou sociais mais amplas.

Com o passar do tempo, observa-se uma transformação clara em seu posicionamento. Essa evolução se manifesta de forma marcante durante o Congresso e torna-se ainda mais evidente em momentos posteriores, como sua participação ativa na convocação pela Constituinte em 1945. O auge dessa mudança de postura ocorre quando Lia Corrêa Dutra decide lançar-se como candidata pelo Partido Comunista Brasileiro (PCB) em 1946, consolidando sua transição de uma figura literária para uma intelectual engajada e politicamente ativa

3. MUDANÇA DE RUMOS: MOVIMENTAÇÃO POLÍTICA

3.1 A direção do semanário “O momento Feminino”

O semanário *O Momento Feminino* impresso pela editora Tipografia Popular pertencente até então ao Partido Comunista do Brasil (PCB) foi publicado pela primeira vez em 25 de julho de 1947. Nessa primeira edição, consta como corpo editorial do semanário as intelectuais: “Alina Paim, Arcelina Mochel, Diana de Brito, Ediria Carneiro, Eneida, Gilda Braga Linhares, Hilda Campofiorito, Lia Corrêa Dutra, Lígia Maria Lessa Bastos, Maria Luiza, Marieta Jacques, Maura de Sena Pereira, Sagramor de Scuvero, Silvia e Yvone Jean.” Além de uma ilustração do artista carioca Paulo Werneck na capa:

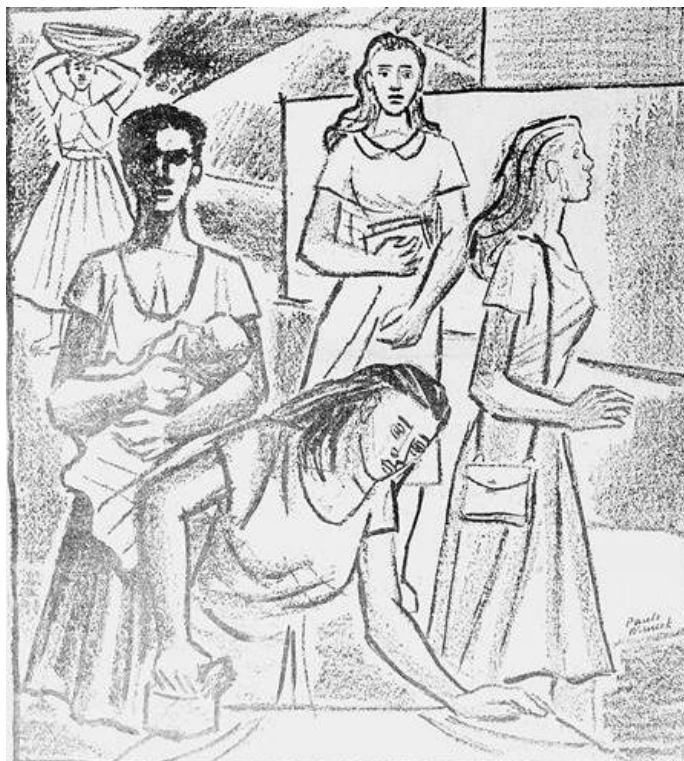


Figura 2: Primeira capa do periódico *O Momento Feminino* feita por Paulo Werneck

Segundo Cruz (2019)¹⁰⁹ o periódico circulou até 1956, e sua disponibilidade é um tanto limitada na hemeroteca digital da Biblioteca Nacional, visto que não encontramos as edições de número 113, 114 e 117. Mas é possível traçar sua periodicidade, entre a publicação de sua primeira edição em 1947 até 1948 a frequência era semanal, após isso, tornou-se mensal de forma irregular e “A partir de 1952 as dificuldades de colocá-lo nas ruas tornaram-se mais aparentes. Em alguns momentos foi preciso reduzir o número de publicações e, às vezes, o número de páginas.”

O periódico era intrinsecamente vinculado ao PCB¹¹⁰ com a diretoria formada totalmente por mulheres filiadas ao partido. A diretora geral era a comunista de origem maranhense Arcelina Mochel, que chegou a ser vereadora pelo Rio de Janeiro — mais

¹⁰⁹ ALVES, Iracéli da Cruz. Nice Figueiredo, *Momento Feminino e o debate feminista no Brasil*. **Sæculum - Revista de História**, [S. l.], n. 40, p. 265–288, 2019. DOI: 10.22478/ufpb.2317-6725.2019v0n40.44210. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/srh/article/view/44210>. Acesso em: 21 jul. 2025.

¹¹⁰ Mesmo assim, segundo Cruz (2019) algumas mulheres de outras correntes políticas contribuíram com o periódico: “No entanto, entre suas colaboradoras havia mulheres de outras correntes políticas, a exemplo de Lygia Maria de Lessa Bastos, à época, vereadora do Distrito Federal pela União Democrática Nacional (UDN); Sagramor de Scuvero, então vereadora pelo Partido Republicano (PR) e Alice Tibiriçá (1886-1950), que não tinha filiação partidária, mas já vinha atuando na política pública através do movimento feminista desde a década de 1920. Em 1922, Alice foi uma das fundadoras da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino” (p.266)

adiante, falarei mais sobre a trajetória dessa personagem — a diretora chefe era Lia, a secretária, Silvia Leon Chalreo, eram redatoras Eneida Costa de Moraes e Maura de Sena Pereira, Heloísa Ramos era gerente e Glória Cordeiro de Andrade chefe de publicidade. (Cruz, p.267)

Antes de adentrar de fato na análise das colaborações de Lia Corrêa Dutra no periódico, quero traçar a trajetória de algumas das figuras que também faziam parte da diretoria. Mas um nome que chama atenção nessa primeira edição e que aparece em mais algumas outras é o de Alina Paim, ela não fez parte da diretoria, mas é uma personagem ímpar que necessita ser lembrada por suas contribuições à luta das mulheres no Brasil e por sua militância comunista singular.

Alina nasceu em 1919 na cidade de Estância no Sergipe. Segundo Ana Maria Leal Cardoso (2010) a autora perdeu a mãe aos cinco anos de idade e acabou sendo criada por seus avós paternos e três tias. Mas aos nove anos, a tia com a qual ela tinha mais afinidade morre, mas em seu leito de morte a tia determina que a menina Alina seja levada para um convento em Salvador.

Após concluir seus estudos, acabou sendo internada em um sanatório, onde ela conhece o médico Isaías Paim, de imediato ela se apaixona pelo jovem e os dois partem para o Rio de Janeiro em busca de oportunidades. É lá onde a autora conhece Graciliano Ramos, depois de entregar o manuscrito de uma obra sua na confeitaria Colombo. Então:

Acertaram um reencontro para 15 dias mais tarde. Qual foi sua surpresa ao ouvi-lo dizer: “Alina é um romance, sim, e dos bons, porém falta-lhe aprimorar a técnica.” Segundo a romancista, naquele momento nasceu uma grande amizade entre ambos, capaz despertar ciúmes não apenas no mundo literário, mas em alguns familiares e amigos. Iniciaram-se as aulas de técnicas literárias na casa de Graciliano, de modo que ele tornou-se responsável pela correção e leitura dos seus dois romances seguintes. Respalhada pela opinião de Graciliano, Alina tratou de arranjar um editor ligado ao Partido Comunista, estreando na carreira literária em 1944. Sua amizade, com aquele a quem chamou carinhosamente de “Mestre Graça”, rompeu-se nove anos mais tarde, por ocasião de sua morte¹¹¹

Alina Paim possui uma vasta obra, tendo começado a publicar em 1944 com o livro “*Estrada da Liberdade*”, nos próximos cinco anos ela publica “Simão Dias” e “A Sombra do Patriarca”. Em 1955 publica “A hora próxima”, que vale ressaltar, teve uma tradução e publicação em Russo em 1957 para a distribuição na União Soviética, uma

¹¹¹ CARDOSO, Ana Leal. A OBRA DE ALINA PAIM. Interdisciplinar - Revista de Estudos em Língua e Literatura, São Cristóvão, Sergipe, v. 8, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/interdisciplinar/article/view/1182>. Acesso em: 9 jul. 2025.

em chinês para a distribuição na China em 1959 e em alemão em 1968 pela editora Verlag Volk und Welt. Em 1965 a autora publicou a chamada “Trilogia Catarina” que é composta pelas obras *O Sino e a Rosa*, *A Chave do Mundo* e *O Círculo*¹¹².

Como foi perseguida pela ditadura militar, a autora do início do período até a aprovação da lei de anistia em 1979 não pode publicar nenhuma obra literária, apenas alguns artigos. Já no ano em que foi anistiada publicou “A Correnteza” e em 1994 publicou sua última obra “A sétima vez”. Em 2009 ela dá uma entrevista para a professora Ana Maria Leal Cardoso onde falou um pouco sobre sua vida, mas não encontrei na íntegra disponível apenas um pequeno artigo onde a própria Ana Maria fala sobre em 2024. Alina morreu em 2011 aos 91 anos.

Nessa primeira edição do periódico, Alina publicou um pequeno conto onde o enredo é basicamente a história da menina Do Carmo que deveria recitar um poema no evento de inauguração da energia elétrica do bairro onde morava, mas na hora de começar não conseguiu, acabou paralisada e esqueceu o pequeno poema. É interessante perceber que o pequeno conto é muito semelhante aos contos que Lia Corrêa Dutra também publicava, com personagens infantis, tramas simples e um apelo sentimental.

Outra intelectual de extrema relevância para o periódico e que ao longo de sua existência foi a principal diretora era Arcelina Mochel. Arcelina nasceu na capital do Maranhão em 1918 e diferente da maioria das mulheres naquela época, principalmente no Nordeste, ela cursou uma Escola Normal e em 1930 iniciou uma graduação em Direito na Faculdade de Direito do Maranhão. Segundo Nina (2022, p. 13) quando era professora, Arcelina alfabetizou o futuro presidente da república José Sarney. Em 1937

¹¹² A obra da autora nos dias de hoje é extremamente escassa, por exemplo, seus únicos livros disponíveis estão sendo vendidos entre R\$100 e R\$290 na estante virtual. E uma versão de “*A Hora Próxima*” em alemão no site de antiquários AbeBooks por US\$4,55 em Leipzig. Mas existem alguns artigos que analisam as obras, como o de Elódia Xavier de 2009 intitulado “A construção de um corpo liberado: a trilogia Catarina, de Alina Paim”. A dissertação de mestrado de 2023 de Monique Martins Parente “UMA LEITURA DO MÍTICO-SIMBÓLICO FEMININO NA TESSITURA DO IMAGINÁRIO PAIMIANO EM A CASA DA CORUJA VERDE, DE ALINA PAIM” O artigo de Luciana Novais Maciel de 2012 “AS PERSONAGENS FEMININAS DE ALINA PAIM: do lar à militância” além de sua tese de 2024 “As trilhas sociais da escrita de si na ficção de Alina Paim”. O de Marcio Carvalho da Silva “O MITO DA DONZELA-GUERREIRA NA NARRATIVA DE ALINA PAIM” Enfim, no repositório institucional da Universidade Federal do Sergipe encontramos inúmeros trabalhos sobre as mais diversas obras da autora. Em especial o trabalho que a professora Ana Maria Leal Cardoso faz desde 2006 lá.

ela foi a primeira mulher nomeada Promotora na comarca de Coroatá e “Atuou ainda nas promotorias das comarcas de Flores, São Bento e Baixo Mearim.” (VISCO, 2022, p.14) Foi aprovada no concurso público para promotor, mas não assumiu o cargo devido a ruzgas com o procurador-geral do estado Édison conforme relatado por seu irmão Joaquim Mochel. Então em 1943 parte para o Distrito Federal. Em 1947, Arcelina funda o Momento Feminino e também é eleita vereadora no Rio de Janeiro pelo PCB. No periódico além de diretora ela também escrevia uma coluna intitulada “Nossos Problemas”, que segundo Visco (2022, p.22):

[...] abordava assuntos cotidianos de interesse das mulheres brasileiras, como a carestia, o “câmbio negro”, a fome, a precariedade dos transportes e moradias, a falta de saneamento básico, os despejos, a desigualdade salarial entre homens e mulheres, a exploração da classe trabalhadora, a violência policial, a mortalidade infantil, a falta de creches, as crises hídricas, entre outros. Além disso, denunciava a falta de liberdades políticas, o imperialismo norte-americano e a intenção do governo Dutra em enviar jovens soldados brasileiros para lutarem ao lado dos EUA na Guerra da Coréia. Ao mesmo tempo que fazia denúncias, seus textos apontavam para a necessidade das mulheres se organizarem politicamente a fim de lutarem em busca da melhoria de tais condições.

Ao longo dos anos 1950 foi secretária geral da Federação de Mulheres do Brasil, participando de várias conferências relacionadas à luta das mulheres. Mas em 1957 o governo de Juscelino Kubitschek ordenou que a Federação fosse suspensa, devido a sua orientação comunista, visto que nesse momento o próprio partido estava na ilegalidade. Apesar de ter tido a sua militância cerceada ao longo dos anos que se seguiram, Arcelina e seus irmãos colaboraram com os perseguidos pela ditadura de 1964: “Segundo relato concedido por Marcia Mochel, sobrinha de Arcelina, sua tia abrigou familiares de vários militantes nesse período. No entanto, sua atuação foi obstaculizada por um problema de saúde.” (Visco, 2022, p.36) Em consequência desse problema Arcelina faleceu em 1974.

A secretária do periódico, Silvia de Leon Chalreo — grafada em algumas fontes como Sylvia — foi uma jornalista e artista plástica cuja trajetória, a exemplo de outras mulheres referenciadas neste estudo, permanece marcada pelo apagamento histórico. Nascida em 1905, filha de um professor da Escola Nacional de Belas Artes, Silvia seguiu um percurso semelhante ao de outras personagens mencionadas neste estudo, formando-se como professora normalista em 1924. Vivendo em Niterói, em 1932

participa da fundação do Escritório de Ligação Feminina Geral e Estudos Sociais de Niterói, que atuava principalmente no âmbito da educação e:

Como sabido, a educação foi o campo que as feministas, desde Nísia Floresta, atuaram intensamente, pois viam como fundamental para seus objetivos emancipatórios. A instituição agia nesta área, mas trazia um novo interesse: o estudo pelas mulheres de questões sociais e políticas, se engajando no grande debate nacional instaurado com o golpe de estado de 1930. (Queiroz, 2019, p.54)

Na década de 1940 Silvia contribui ativamente para a revista “Esfera” além de se envolver na organização de diversas exposições de arte, como uma exposição que visava mostrar o envolvimento do movimento integralista com o fascismo internacional através de fotografias. Silvia, que só começou a pintar aos 36 anos, ainda hoje é amplamente reconhecida no campo das artes visuais principalmente por suas obras serem referência no estilo denominado “Naïf”¹¹³. Vejamos algumas de suas obras:



Figuras 3 e 4 – Obras de Silvia disponíveis no livro *Maracangalha* (sem título, 1942 óleo sobre tela 45 x 55cm apud Maracangalha) (sem título, 1956 óleo sobre tela 45 x 55 cm apud Maracangalha)

A principal pesquisadora da trajetória de Silvia é a pesquisadora Ana Lúcia Vasconcellos Queiroz — já citada no parágrafo anterior — que em 2013, patrocinada

¹¹³ Arte naïf (do francês, "ingênuo"): estilo artístico caracterizado por representações espontâneas, cores vivas e simplificação formal, frequentemente associado a artistas autodidatas sem formação acadêmica. Exemplos notáveis incluem Henri Rousseau (França) e Heitor dos Prazeres (Brasil). No Rio de Janeiro, até 2016, funcionava o Museu Internacional de Arte Naïf (MIAN), mas desde então foi fechado por dificuldades financeiras e descaso do poder público. Para saber mais sobre o encerramento do museu: <https://oglobo.globo.com/cultura/artes-visuais/museu-internacional-de-arte-naif-fecha-as-portas-este-mes-20575444>

pela empresa Gezyme, fez uma pequena biografia da artista no livro “Maracangalha: Vida e Obra de Sylvia de Leon Chalreo” e em 2019 defendeu uma dissertação sobre a participação de Sylvia na revista “Esfera” pelo Instituto de Estudos Brasileiros da USP. Vale ressaltar que em ambos os trabalhos ela investiga os arquivos pessoais de Sylvia.

No quadro das redatoras, estão Eneida e Maura. Eneida Costa de Moraes — que gostava de ser chamada apenas de Eneida — foi outra personagem de grande relevância na militância feminina brasileira. A paraense, nascida em Belém em 1904 teve uma trajetória que merece ser sempre lembrada. Eneida formou-se em odontologia, mas nunca chegou a atuar como dentista, todavia, se interessou muito pelo mundo literário e jornalístico. Em 1927 começa a escrever críticas literárias para o jornal “O estado do Pará” e continua escrevendo poesias. Mas em 1930 desquitada e abnegando a poesia, Eneida vai para o Rio de Janeiro a fim de recomeçar sua vida. No Rio ela se entrosa em vários grupos no bairro da Lapa, onde tem contato com as teorias marxistas, ingressa no Partido Comunista e acaba presa:

Bastante chegada ao proletariado, desta chegada resultou a sua primeira prisão por atividade política, junto com outros companheiros de militância. Durante quatro meses esteve presa e sofreu fome, sede, desconforto, muitos vexames e contrariedades. Em São Paulo, ficara conhecida como "a moça do mimeógrafo", pois com este fora presa, no fundo de casa de um companheiro de trabalho, confeccionando panfletos e volantes, que eram distribuídos, discretamente, por seus camaradas, em diversos bairros da cidade, nas fábricas, ruas, avenidas e praças, agitando as massas à rebelião. (Leão, 1997, p.45)

Eneida é solta dessa primeira prisão em 1937, foi presa mais de onze vezes durante a ditadura do Estado Novo. Essas prisões só cessaram, quando ela começou a escrever de forma mais “leve” para o Momento Feminino e segundo Leão (1997) ela achava o movimento feminista muito americanizado. Ela também participa do congresso brasileiro de escritores. Já na década de 1950 a autora começa publicar inúmeras crônicas no Diário de Notícias e nos anos seguintes, reuniu todas essas crônicas no livro “Cão da Madrugada” de 1954 e na última crônica a autora explica o motivo de assinar seu nome apenas com Eneida¹¹⁴.

¹¹⁴ "O fato é que várias pessoas querem saber seriamente por que assino apenas o meu nome de batismo, por que risquei definitivamente meus sobrenomes. Há os que dizem: qualquer mulher com um nome igual ao teu poderá se dizer autora de teus trabalhos. Outros acham que parece um esnobismo, um cabotinismo,

Entre a década de 1950 e sua morte, em 1971, vítima de câncer, Eneida viajou por inúmeros países, publicou diários de viagem e escreveu uma biografia de Carlos Drummond de Andrade. Até 1966, participou ativamente do círculo de intelectuais reunido na livraria José Olympio, onde promovia bailes e reuniões. A partir desse ano, porém, afastou-se das atividades devido ao avanço da doença, que já a havia deixado inválida.

Junto a Eneida na redação do periódico estava Maura de Senna Pereira, uma professora catarinense que teve uma trajetória muito parecida com a das outras mulheres que faziam parte da equipe do Momento Feminino. Para além de educadora, Maura também era jornalista, poetisa e uma militante categórica na luta pelos direitos das mulheres. Nascida em 1904, na cidade de Florianópolis, Maura era filha de um professor e de uma dona de casa, e cresceu em uma família numerosa, com outros nove irmãos. Foi em sua juventude que ela começou a frequentar círculos de socialização da cidade, em praças, teatros e clubes. Além dos chamados *kraenzschen*¹¹⁵. Após a morte do pai Maura foi obrigada a trabalhar para ajudar no sustento de seus irmãos e com apenas dezenove anos de idade, segundo Schroeder (1997, p.39): vai ser professora, dando aulas diuturnamente em diversos lugares, inclusive no Instituto Comercial que tinha sido fundado por seu pai. Foi a primeira mulher eleita para a Academia Catarinense de Letras, em 1927, aos 23 anos. Em 1941 mudou-se para o Rio de Janeiro, pela razão de que, segundo Schroeder(1997, p.41):

Tendo vivido até 1940 em Florianópolis, uma sociedade tradicional, onde a liberdade de agir das pessoas é mais estreita, é possível inferir que o Rio de Janeiro tenha representado para ela um território de liberdade. Talvez tenha surgido a imagem deste espaço estranho como uma solução, idealizada, para a ausência de liberdade que ela tinha em Florianópolis, já que a perspectiva para uma mulher separada, naquele tempo, em Florianópolis, era de uma vida de constante vigilância e controle. Assim, o Rio de Janeiro pode ter representado para ela um espaço onde a luz tropical, o calor e o mar formavam um ambiente descontraído onde ela, talvez, não se sentisse tão pressionada e pudesse assim, se sentir mais livre para ser ela mesma.

essa história de aparecer sem o nome do pai, principalmente. É por tudo isso que vou declarar à praça que não tenho sobrenomes, que nunca os usei e que sinto-me profundamente feliz homenageando de alguma maneira todas as Eneidas existentes neste país". (Eneida, 1955 apud Leão, 1997, p.47)

¹¹⁵ "Este costume de origem germânica, eram reuniões femininas que as senhoras da cidade faziam durante as tardes. Enquanto bordavam ou tricotavam, as conversas eram postas em dia, as louças e utensílios eram mostrados, a casa era exibida. No meio da tarde era servido um lanche com os melhores doces e salgados que cada mulher sabia fazer." (Schroeder, 1997, p.26)

No Rio de Janeiro ela começa a colaborar com jornais e revistas — tal qual a colaboração com o periódico *Momento Feminino* —, se filiou ao partido comunista e continuou na militância pelo direito das mulheres, além de ter publicado diversos livros até sua morte em 1991. Um conjunto que é interessante destacar de sua obra é o conjunto de reportagens que ela fez para o jornal *A noite* na Maternidade Clara Basbaum acerca do “parto sem dor” em 1957. (Schroeder, 1997, p.76) Tratar sobre esse assunto na década de 1950 era um tanto inovador, visto que até os dias atuais é uma discussão que não cessa, com inúmeros casos de violência obstétrica vindo à tona dia após dia, enfim, como afirma o próprio título da dissertação utilizada aqui como base, Maura de Senna era “Uma mulher além de seu tempo.”

Sobre a gerente do jornal Heloisa Ramos e a chefe de publicidade, Glória Cordeiro de Andrade, não foram encontradas pistas de suas trajetórias. Apenas supõe-se que Heloísa fosse a esposa de Graciliano Ramos, mas nada muito substancial.

É importante perceber que a trajetória dessas mulheres era muito parecida, mesmo que houvesse uma diversidade tão grande nas suas origens. Eram mulheres de famílias relativamente abastadas, ou que em algum momento foram abastadas — como no caso da própria Lia Corrêa Dutra —, que normalmente haviam sido professoras e acabaram por colaborar em jornais e revistas graças a sua militância na defesa dos direitos das mulheres. A origem era diversa com mulheres das mais diversas regiões do Brasil, mas o objetivo era o mesmo, a defesa da liberdade das mulheres.

Voltando a personagem que de fato é o objeto deste trabalho, mesmo Lia Corrêa Dutra aparecendo como diretora-chefe do periódico, ela escreve poucos textos para a publicação, apenas quatro, entre 1949 e 1951. É de fato pouco, se compararmos por exemplo com a sua colaboração com o *Correio da Manhã* em 1933 onde ela publicou pelo menos dois contos ao mês. Mas para além dos escritos, a autora também dá uma entrevista muito interessante para a coluna *Conversando com as escritoras* onde ela revela algumas nuances dos seus processos de escrita, enfim, veremos essa entrevista mais adiante. O que interessa nesse primeiro momento é perceber que a presença de Lia Corrêa Dutra no periódico, estava, acima de tudo, ligada à sua atuação no PCB.

A sua primeira colaboração foi uma tradução de um texto francês de autoria de George Sand, pseudônimo de Amandine Aurore Lucile Dupin intitulado “A pequena Fadette”. Aparentemente, apenas uma apresentação do livro foi feita. Na primeira edição, também encontramos o conto “Bodas de Prata”, com uma trama simples, onde o leitor acompanha o fluxo de consciência de uma personagem em uma igreja comemorando bodas de prata do seu casamento com Reinaldo. Ela reflete profundamente o fato de estar novamente entrando naquela igreja, vê seus filhos e netos, reflete principalmente sobre as vezes que ela entrou naquela igreja e sobre sua própria religiosidade:

Ela nunca fora mulher de andar metida em igrejas... Naquela igreja, por exemplo, tão próxima de sua casa, quantas vezes tinha entrado desde que morava no bairro? Entrara para casar-se, para o batizado de casa filho e de dois afilhados, dos netos. E entrara naquela manhã terrível da missa de sétimo dia de seu Marcos, aquela manhã terrível que só tivera, antes dela, outra manhã mais terrível: a que lhe trouxera, morto, para casa o seu Marcos.¹¹⁶

A personagem vai conduzindo o leitor para suas reflexões de uma forma muito fluída. Reflete sobre o padre, e seu sotaque alemão. Mas principalmente sobre seu marido. O início do relacionamento dos dois foi bem difícil, eram muito pobres, mas ela tudo suportou. E quando o padre enfatizou “Vinte e cinco anos de fidelidade” ela lembrou de que, quando: “Estava grávida do primeiro filho, deformada, enorme com os pés inchados que não cabiam nos sapatos, quando surpreendera Reinaldo com a negrinha criada da casa coletiva, abraçando, beijando-a...”¹¹⁷ Além de “todas as venturas mesquinhas, miúdas, sem beleza, sem grandeza, sem amor, sem desejo profundo, sem desculpa, que tinham aos poucos, desmantelado Reinaldo a seus olhos, alheando-o, reduzindo-o a tão pouca coisa no seu sentimento e em sua vida.” Havia também a lembrança de seu amante Alfredo, que ela conhecera quando já tinha dez anos de casada, não fugiu com ele por causa dos filhos, mas agora se lamentava.

Suas reflexões cessaram na medida em que a cerimônia acabou, quando ela entendeu que carregava um trauma junto com aquele homem que participava daquela cerimônia com ela. O filho que ambos haviam perdido anos antes, Marcos. Era só ele

¹¹⁶ Dutra, Lia Corrêa. “Bodas de Prata”. **Momento Feminino**, Rio de Janeiro, 04 mar. 1945 Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=118800&pesq=%22Lia%20Corr%C3%AAa%20Dutra%22&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=3> acesso em: 18de mar. de 2025

¹¹⁷ Ibid.

que entendia a dimensão do lamento que ela sentia. É no momento em que saíam juntos da igreja que ela percebeu isso:

Ele lhe ofereceu o braço. Antes de sair, olharam para a família reunida no altar-mor. Ela compreendeu, ao ver seus olhos que se embaçavam de lágrimas, que ele também via o lugar vazio de Marcos. Só ele e ela é que o viam... E isso era um segredo que os unia.¹¹⁸

O conto segue um padrão muito comum da escrita da autora, que pega um tema profundo — como a morte de um filho, por exemplo —, consegue tratar dele de uma maneira sensível com uma linguagem simples, não deixando de lado a questão feminina quando aborda o tema sob a perspectiva da igreja e do casamento.

Em 1948 encontramos uma reportagem sobre a conferência que a autora deu sobre a vida familiar de Luís Carlos Prestes na Associação Brasileira de Imprensa. Não era a primeira vez que ela aparecia em defesa do político e a conferência, segundo o jornalista que escreve, foi intensa e emocionante:

Durante quase duas horas a conferencista prendeu a atenção da grande assistência através de fatos que mostram o afeto, o amor, a dedicação das mulheres da família Prestes aquele que tem sido durante 50 anos de vida o filho, o irmão o esposo, o pai amoroso. Ressaltou a luta de D. Leocadia através do mundo inteiro defendendo o direito humano do seu filho, com as armas daquela força, daquela coragem que a consagrou como “la madre heroica”, no conceito dos povos, nos versos dos poetas: com as armas daquele amor de mãe dos grandes heroicos sentimentos das mães brasileiras.¹¹⁹

No mesmo ano, ela deu uma entrevista interessante. Sem querer passar por todas as respostas às perguntas do entrevistador, destaco uma intrigante. São feitas perguntas como “Por que você escreve?”; “Como escreve?”; “Qual dos seus livros mais gosta?”; “Qual seu personagem favorito?” Mas é a penúltima que parece estar um tanto ligada com o que eu faço hoje nesse trabalho, quando, ela é questionada sobre a influência de sua literatura e Lia Corrêa Dutra responde:

— Não ousou esperá-lo. Tenho escrito muito pouco — apenas dois livros publicados e alguns contos e artigos esparsos, além de algumas conferências e discursos reproduzidos na imprensa. Com isso, não posso ter exercido qualquer influência viva e duradoura. Mas conto vir a ter essa influência, o que pode parecer muita pretensão mas não passa de um sadio otimismo.¹²⁰

¹¹⁸ Ibid.

¹¹⁹ Dutra, Lia Corrêa. “Conferência de Lia Corrêa Dutra sobre a vida familiar de prestes”. **Momento Feminino**, Rio de Janeiro, 03 jan. 1948 Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=118800&pesq=%22Lia%20Corr%C3%AAa%20Dutra%22&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=397> acesso em: 20 de mar. de 2025

¹²⁰ Ibid.

Em 1949 ela publicou apenas uma crônica¹²¹ sobre sua viagem a Roma, onde a autora pondera sobre as campanhas a favor da paz que estavam acontecendo na capital Italiana. Na edição de 1950 ela publicou mais um pequeno conto, com o mesmo tom do anterior, esse com um personagem infantil, outro modelo usual de seus contos. Esse, intitulado *O moleque*¹²² trata da história de uma empregada que junto com seu filho pequeno vai buscar trabalho em uma casa e a mulher que seria sua patroa a aceita mesmo com a criança. Enfim, a trama é centrada no fato de que todos da casa — a mulher, seu marido e sua filha beata — se afeiçoam muito ao menino, mas em determinado momento a empregada conhece um homem, resolve sair do emprego e conseqüentemente leva seu filho. Todos aqueles velhos que viviam naquela casa ficam desolados pela falta que “o moleque” faz. Esse conto traz várias nuances sobre o trabalho doméstico, além de questões de raça, quando se faz claro essa relação paternalista que aqueles patrões tinham com a empregada negra e seu filho. Que ao ver deles não tinha o direito de levar seu próprio filho para onde bem entendesse. Em suma, é possível fazer inúmeras reflexões em relação a esse conto.

O último texto que Lia Corrêa Dutra escreveu para o periódico foi um conto natalino, publicado em 1951, intitulado simplesmente *Um conto de Natal*. Nele a autora apresenta a personagem Margarida, que junta dinheiro em um cofrinho o ano inteiro para comprar presentes de natal para seus três filhos, Carlos, Sérgio e Marina. Após quebrar o cofrinho ela pega todas aquelas economias e vai a uma loja de brinquedos, lá ela fica impressionada com os modelos de brinquedos que estavam expostos para a venda. Soldadinhos de chumbo, réplicas de armas, aviões de caça, enfim, itens de guerra: “Margarida contemplava, atônita, aquela vitrine de horrores transformados em

¹²¹ Dutra, Lia Corrêa. “Impressões de Roma”. **Momento Feminino**, Rio de Janeiro, 30 ago. 1949 Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=118800&pesq=%22Lia%20Corr%C3%AAa%20Dutra%22&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=397> acesso em: 20 de mar. de 2025

¹²² Dutra, Lia Corrêa. “O Moleque”. **Momento Feminino**, Rio de Janeiro, 31 jan. 1950 Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=118800&pesq=%22Lia%20Corr%C3%AAa%20Dutra%22&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=946> acesso em: 20 de mar. de 2025

brinquedos para o Natal, aquelas miniaturas de aparelhos de morte e devastação.”¹²³ (DUTRA, 1950, p.8) Ela então reflete que deveria comprar para seus filhos, brinquedos construtivos para tentar preservar seus filhos do horror e da maldade. E finaliza ponderando que: “Ela, porém, em sua casinha modesta, queria dar a seus filhos pensamentos de paz e de amor. E que o Natal fosse para eles, o que deveria ser o Natal para todos sobre a terra: uma festa pacífica e serena, uma data de ternura, de alegria e de bondade.” Com delicadeza, a autora tece reflexões sobre maternidade e infância, usando a sutileza como um véu para revelar o que ainda ecoava na sociedade: os traumas da guerra.

Diante disso, ao analisar a participação de Lia Corrêa Dutra no periódico O Momento Feminino, não é possível determinar com precisão seu grau de envolvimento na produção editorial. Embora ela tenha sido citada em várias edições como redatora-chefe, sua colaboração como autora foi esporádica. Assim, permanece incerto quais funções ela de fato desempenhava na redação. Todavia, os seus poucos textos analisados mostram mais uma vez a capacidade de síntese da autora, que trata de assuntos delicados com sutileza e simplicidade.

3.2 A sua participação nos quadros do PCB Carioca

3.2.1 O Partido na Primeira República: Origens e Atuação até o breve período de legalidade na década de 1940

O Partido Comunista Brasileiro (PCB) surgiu em 1922, durante a Primeira República, e teve suas origens nos movimentos operários formados anos antes. Após a Proclamação da República, segundo Prado (2019), 'foram surgindo diversas organizações políticas que se intitulavam socialistas', sendo o PCB herdeiro dessa tradição. Entre tais organizações, Prado (2019) elenca:

¹²³ Dutra, Lia Corrêa. “O Moleque”. **Momento Feminino**, Rio de Janeiro, 18 jan. 1951 Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=118800&pesq=%22Lia%20Corr%C3%AAa%20Dutra%22&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=1156> acesso em: 20 de mar. de 2025

Partido Operário ou Socialista Brasileiro (1890 - RJ); Partido Operário de São Paulo (1890); O Partido Operário do Rio Grande do Sul (1890); Partido Operário Brasileiro (1893 - RJ); Centro Operário da Bahia (1894); Partido Operário Socialista (1895 - RJ); Partido Democrata Socialista (1986 - SP); Partido Socialista Brasileiro (1902 - SP); Partido Operário Socialista (1909 - RJ)

Diferente da radicalidade anarquista, a postura predominante nessas organizações em sua gênese era a conciliação. Elas deliberadamente se distanciavam dos anarquistas e direcionavam seus esforços para uma atuação dentro dos sindicatos e para um diálogo com o Estado. Além disso, esses grupos eram fortemente influenciados pelo positivismo. Eles partilhavam, nas palavras de Prado (2019), "uma concepção evolucionista", que enxergava a história como um progresso natural por etapas, culminando inevitavelmente no "regime científico e industrial".

A Igreja Católica também exercia uma influência significativa sobre esses sindicatos de tendência reformista, atuando como um contraponto às correntes socialistas e anarquistas. Sua doutrina social, que começava a se esboçar naquele período, orientava uma atuação baseada no pacifismo e na conciliação. Em vez do conflito, propunham um diálogo equilibrado entre patrões e empregados, mediado pelos valores cristãos e por uma visão de sociedade organicista. Seguindo essa linha doutrinária, esses sindicatos católicos negavam veementemente o conceito de luta de classes, que consideravam uma força divisória e destrutiva. Como analisa Prado (2019), em detrimento do confronto, pregavam um conformismo que incentivava a resignação dos trabalhadores com sua condição.

Retomando a questão da fundação do PCB, há um extenso debate historiográfico sobre suas origens precisas. A figura central associada a esse evento é inquestionavelmente a de Astrojildo Pereira, cuja importância é atestada até mesmo na dedicatória do exemplar do livro "Navio sem porto", de Lia, apresentado anteriormente:

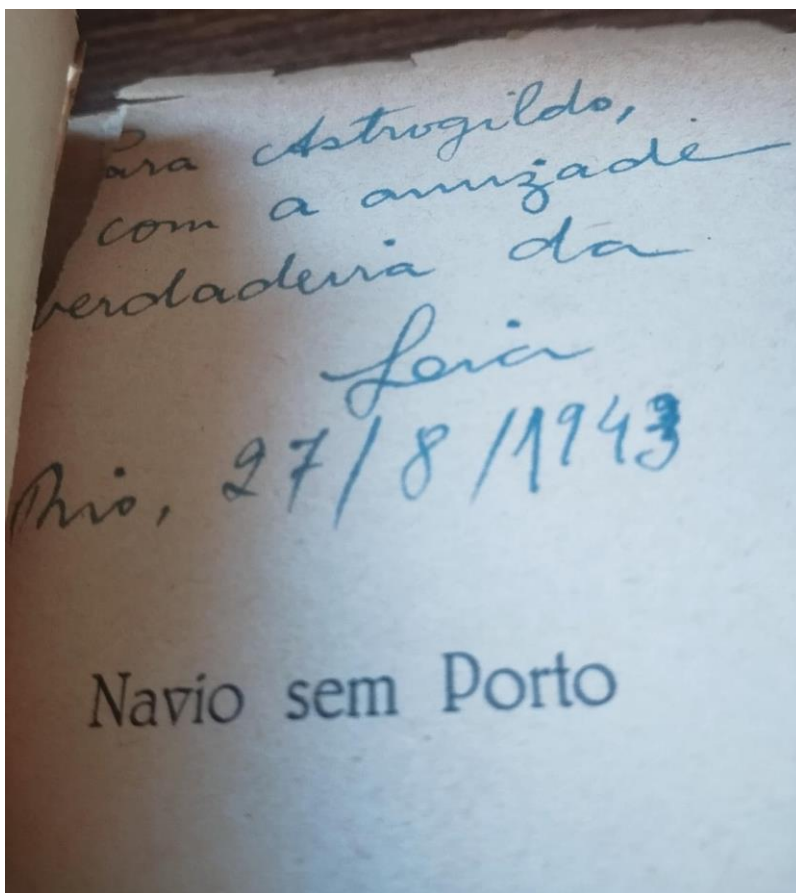


Figura 5: Dedicatória de Lia Corrêa Dutra para Astrojildo na minha edição pessoal de *Navio Sem Porto*.

Natural do município de Rio Bonito, no Rio de Janeiro, onde nasceu em 1890, Astrojildo Pereira iniciou sua trajetória como militante anarquista. Sua atuação começou a ganhar relevância quando passou a frequentar o Centro de Resistência Operária, localizado em Niterói, e a publicar artigos em periódicos anarquistas da época.

Depois, teve participação ativa na organização do II Congresso Operário Brasileiro, consolidando-se como uma voz influente entre os movimentos trabalhistas. Ao lado de outras importantes figuras, como Hélio Oiticica, Astrojildo não apenas liderou greves, mas também fomentou ações de subversão e conscientização política em diversos núcleos operários do Rio de Janeiro, preparando o terreno para sua posterior atuação na fundação do PCB. E segundo Del Roio (2015 p.3):

Entre 1919 e 1921 ocorre a mudança ideológica de Astrojildo Pereira em estreita conexão com o processo de crise estratégica do movimento operário e de concomitante fundação do Partido Comunista. A fundação da IC -Internacional Comunista, em março de 1919, repercutiu de imediato no Brasil com o intento de se fundar o Partido Comunista. O problema da organização e do partido político emergia da própria dinâmica do movimento operário, mas o influxo da revolução russa mostrou-se decisivo. Em agosto de 1919, Astrojildo Pereira passou a dirigir o jornal *Spartacus*, que sobreviveu até janeiro do ano seguinte. As divergências sobre o andamento do movimento e da própria revolução russa tornaram ineficazes os primeiros esforços para a fundação do PCB, mesmo porque ainda predominava a concepção anarco-sindicalista entre as principais lideranças operárias.

A versão da fundação do PCB oriunda das memórias de Astrojildo Pereira foi aceita na historiografia por muitos anos. Essa aceitação é evidente em obras como “Classes sociais e movimento operário” (1989), de Edgard Carone. Ao analisar a influência externa na fundação do partido¹²⁴, o autor aponta o seguinte: “Quem resume melhor a trajetória que desemboca na fundação do PCB é o próprio Astrojildo. Em nota pessoal ele esquematiza esta evolução no que denomina “Dados para a história do PCB” [...] Nesse esquema, feito no começo da década de 30, não aparece nada sobre a possível presença do delegado estrangeiro. O que temos é a ação de fatores internos e reflexos da ação mundial da IC.” (p.92)

Além de Edgar Carone, outra perspectiva muito tradicional, que mostra a aceitação da versão de Astrojildo e o rechaçamento dos anarquistas é a apresentada em “O ano vermelho: A revolução Russa e seus reflexos no Brasil” de Moniz Bandeira, Clovis Melo e A.T Andrade (1997), os autores afirmam que:

Desde 1921, porém, militantes revolucionários, que se distanciavam do movimento anarquista, desenvolviam atividades para constituir, com base nos princípios da III Internacional, o Partido Comunista do Brasil. O trabalho de artífice coube a Astrojildo Pereira. Ele, com paciência e devotamento, procurou congrega, no Rio de Janeiro, aqueles companheiros que aceitaram o desdobramento da revolução russa, com a ditadura do proletariado, e não

¹²⁴ Além da simpatia pela revolução russa, Carone (1989, p.90-91) cita também o episódio do *Cometa de Manchester* ocorrido em outubro de 1921: “A história foi revelada por vários de seus participantes, com divergentes conclusões. Afonso Schmidt diz, em artigo publicado anos depois, que estando na oficina do jornal operário *A vanguarda*, na rua 15 de Novembro, em São Paulo, vê chegar um indivíduo que lhe pergunta, em espanhol, quem era o responsável pela publicação. Edgard Leuenroth, “o mais velho”, não está presente, mas horas depois ele vai ao encontro do estrangeiro. Este diz ser de Londres e “estava em viagem de inspeção. No momento residia em Buenos Aires e fazia parte do Secretariado Comunista da América do Sul. Passando pelo Brasil ficara admirado de não encontrar aqui Partido Comunista.” Diante disso, convida Leuenroth para fundá-lo; ele se nega, “porque não sou bolchevista”, e indica Astrojildo Pereira como possível candidato. Três dias depois este chega a São Paulo, reúne-se com o estrangeiro e depois começam a surgir indícios que levam a fundação do PCB.”

descambaram para o antibolchevismo, como Fábio Luz, José Oiticica, Pedro Matera, Edgar Leuenroth, Carlos Dias, Adelino Pinho, Florentino de Carvalho, Antônio Campos e Manuel Perdigão, homens dos mais dignos e honestos, quando viram que a República dos Sovietes não correspondia, plenamente, aos ideais libertários. (p.289)

A desaprovação de Astrojildo em relação aos ideais anarquistas e aos seus propagadores — que eram ex-companheiros de luta, mas que se tornaram seus antagonistas — é explícita. Ele rompe com qualquer ideal libertário, principalmente depois da Revolução de 1917 e do advento do bolchevismo, consolidado com a criação da III Internacional em 1919. Todavia, em uma de suas publicações para a revista *Movimento Comunista* em março de 1922, ele afirma que o debate de ideias era importante e que havia uma crise nas organizações sindicais. Essa crise era estritamente do movimento anarquista e inevitável. E apesar de ser um fenômeno internacional, atingia o Brasil de forma particular:

Ora, pois que o fenômeno, por sua mesma natureza, é fundamentalmente um fenômeno internacional, não podia o Brasil escapar à crise e seus efeitos. O meio brasileiro é, porém, um meio singular. Nunca houve aqui partidos ou correntes sistemáticas propriamente socialistas. Todo o movimento proletário revolucionário no Brasil tem sofrido só a influência quase exclusiva dos anarquistas. *Assim, entre nós, a crise tem sido uma crise do anarquismo.* Esta crise, latente desde o advento do bolchevismo, chega a um desfecho lógico, com a constituição do partido comunista composto, em sua quase totalidade, de elementos de formação anarquista.

O tom das críticas de Astrojildo aos anarquistas vai escalando entre 1922 e 1923, o que se pode verificar na coletânea de seus textos da época, publicada em 1980 e organizada por Michel Zaidan. O apresentado anteriormente, apesar de ter um tom fatídico, não faz uma crítica tão ferrenha. Mas já em julho de 1922, ele publica um texto intitulado 'Os extremos que se encontram', no qual fala de um 'experimento' feito em Moscou no qual pegavam recortes de jornais anarquistas, monarquistas, burgueses e sociais-reformistas franceses; os embaralhavam e tentavam adivinhar de qual jornal se tratava. Segundo Astrojildo, no Brasil ocorria a mesma coisa. Por isso, ele faz uma comparação entre as críticas ao bolchevismo dos jornais capitalistas e as dos jornais anarquistas:

Lêem-se artigos no Libertário, na Luta social, no Trabalho, perfeitamente semelhantes aos que se tem publicado no Jornal do Comércio, no Paiz, no Correio da Manhã, contra o Governo dos Soviets russos. Evidentemente, as causas que inspiram as calúnias e virulências saídas da pena de um escriba a soldo do capitalismo são diversas das causas que inspiram as calúnias e

virulência saídas de um escriba anarquista. Mas igual, em dose de densidade, é o ódio anti-comunista de um e de outro. Como igual, igualíssimo é o efeito contra-revolucionário de tais ataques e campanhas. (p.39)

Em seu artigo de fevereiro de 1923 para a revista “Movimento Comunista”, Astrojildo enterra definitivamente as teorias anarquistas que ainda tentavam circular no debate sobre os processos revolucionários. Em sua narrativa sobre um comício antifascista da Aliança dos Operários em Calçado, ele menciona que os comunistas levantaram uma moção a revolução social e a uma frente única. Contudo, os líderes anarquistas presentes impugnaram essas reivindicações. Então, quando Astrojildo aponta uma das razões da impugnação, afirma:

“porque na moção se preconiza a... revolução proletária. Isto parece mentira, mas é a mais pura verdade. Os anarquistas do Rio de Janeiro — segundo as palavras peremptórias de alguns de seus ‘leaders’ mais em vista — não querem, absolutamente, a revolução proletária, não se batem pela revolução anti-capitalista. **É o caso de perguntar: que diabo iam eles ali fazer, protestando contra o fascismo? Porque o escopo mesmo do fascismo consiste precisamente em combater a revolução proletária anti-capitalista...**” (p.79 grifo meu)

A história das origens do PCB e dos debates em torno desse cânone é ainda muito atual¹²⁵. Autores clássicos que investigam o início do partido, como Edgar Carone (1989), Moniz Bandeira (1997) e Michel Zaidan (1985), destacam a questão da cisão com o movimento anarquista. Por essa razão, optou-se por priorizar a abordagem de Edgar Carone neste trabalho. Sua análise é particularmente proveitosa por se basear de forma precisa nas memórias de Astrojildo Pereira, um personagem central para a fundação do partido. Dessa forma, mesmo reconhecendo que se trata de um ponto de vista específico, ele se mostra fundamental para os estudos das origens do PCB. Além é claro de sua relação com a personagem principal desse trabalho.

Apesar de rudimentar e de enfrentar dificuldades de organização, essa primeira fase do partido possuía uma práxis revolucionária muito consistente. Contudo, essa

¹²⁵ A tese de Carlos Batista Prado (2019) “Partidos e Sindicatos: O PCB, a oposição de esquerda e o movimento operário no Brasil (1922-1936) aborda de forma muito esclarecedora os debates em torno dessas origens. Sobre as memórias de Astrojildo Prado afirma (2019, p.57): “Estas histórias memorialistas estão repletas de intenções, carregadas de partidarismo. Se a versão apresentada por Astrojildo Pereira guarda seus interesses e apresenta uma versão que busca justificar e legitimar a fundação do PCB, a versão apresentada por José Oiticica também não é isenta ou desprovida de interesses políticos, pois busca desqualificar a divulgação das ideias comunistas entre os operários brasileiros.”

situação muda a partir de 1925, quando ocorre o Segundo Congresso, e as formas mais sólidas do partido começam a se cristalizar. Segundo Edgar Carone (1989 p.123):

No entanto, 1925 é o ano do Segundo Congresso, o término da primeira fase da história do partido e o início da seguinte, mais agitada e construtiva. É a partir dela que a organização partidária se solidifica, toma forma definitiva e se estrutura de maneira dinâmica.

O período entre 1925 e 1927 marca outra fase na história do PCB, a qual se desenrola no contexto da Revolta Tenentista, que estoura a partir de 1925, após as crises de política sucessórias ocorridas no início da década. A inquisição bernardista começa a relaxar, o panorama começa a mostrar sinais de abertura: muitos presos são libertados e manifestações públicas são permitidas, comprovando que uma nova realidade se instaura. E o PCB, após o segundo congresso, destaca-se como um dos poucos grupos progressistas que naquele momento conduziam trabalhos de agitação política¹²⁶. Edgar Carone (1989, p.136) define essa segunda fase basicamente da seguinte forma:

Esta fase que vai de 1925 a 1927 é rica em atitudes críticas, exatamente porque a sociedade brasileira começa a superar o seu imobilismo, momento em que o tenentismo inicia seu declínio, e o movimento operário e certos segmentos da classe dominante iniciam uma nova trajetória.

A próxima fase que marca esses anos iniciais do partido ocorre de 1927 até 1930. É nesse período que surge a teoria da terceira via, que concede à burguesia um papel revolucionário. Basicamente, seria tarefa da burguesia sustentar o processo revolucionário, como a corda que sustenta o enforcado¹²⁷. Segundo Otávio Brandão, citado por Edgar Carone (1989, p.195):

Fundamentalmente, é o partido que deve se preparar para o futuro, num momento em que a primeira e a segunda revolta foram vencidas, mas a terceira há de vir como uma necessidade fatal, porque as causas que têm originado esses movimentos persistem e persistirão ainda por bastante tempo.

¹²⁶ Fato apontado no balanço feito em 1925 por Albert Thomas presidente do Bureau Internacional du Travail em ocasião de sua visita ao Brasil (Carone, 1989, p.130)

¹²⁷ Analogia feita por Lenin em *A Doença Infantil do "Esquerdismo" no Comunismo*, quando ele fala do governo de Churchill, onde ele afirma: "E poderei explicar de modo popular não só por que razão os Sovietes são melhores do que o parlamento e a ditadura do proletariado melhor do que a ditadura de Churchill (encoberta com rótulo de «democracia» burguesa), mas também que quereria sustentar Henderson com o meu voto precisamente como a corda sustenta o enforcado; que a aproximação com os Henderson para um governo formado por eles provará igualmente que tenho razão, atrairá igualmente as massas para o meu lado e acelerará igualmente a morte política dos Henderson e dos Snowden, tal como sucedeu com os seus correligionários na Rússia e na Alemanha." (p.41)

Em 1928 é notável que o número de contendas dentro do partido aumentou. Ocorreram lutas em torno da liderança do partido, naquele momento ocorria a crise entre Trotski e Stalin, houve um descontentamento por parte do Bureau Sul-Americano além do episódio com Joaquim Barbosa¹²⁸. Em 1929, em um momento em que o Partido parecia consolidar-se e superar as divergências externas, surgiu uma crise em sua liderança. Que foi acusada de desvios ideológicos, impulsionada pelo surgimento do trotskismo no Brasil, que se iniciou nesse período. Além do período de ausência do secretário-geral Astrojildo Pereira, quando, segundo Carone (1989, p.277) o partido passava por momentos críticos:

Enquanto o secretário-geral se ausenta do país, o PCB vai passar por momentos críticos. Em primeiro lugar, a sua direção central vai ser conduzida por elementos históricos, mas sem condições de ocuparem cargos de imensa responsabilidade como é o de secretário-geral. Astrojildo Pereira, com sua constância e habilidade extrema, é perseverante e tenaz nas suas funções, das menores — manter contato com as células dos diversos Estados — até maiores — dirigir o partido internamente e relacioná-lo com a IC. Este trabalho diuturno é a sua característica e os frutos de seu labor aparecem com o crescimento contínuo do PCB durante a década de 20. Com sua ausência, no entanto, é preciso encontrar substituto que ocupe o cargo até a sua volta. Os membros da direção do partido lembram-se de Cristiano Cordeiro, pernambucano, e um dos fundadores do PCB. Este não quer aceitar o cargo [...]

Outro elemento que impactou profundamente a crise do Partido Comunista Brasileiro (PCB) foi a política conhecida como "obreirismo" ou "proletarização". Esta diretriz foi estabelecida durante o Sexto Congresso da Internacional Comunista (IC), em 1928, e serviu para solidificar o regime stalinista na Rússia e em diversos partidos comunistas pelo mundo. No Brasil, essa ideia chegou por dois caminhos: diretamente da IC e por meio de Astrojildo Pereira, durante seu período em Moscou. Embora os princípios do obreirismo tenham chegado ao país logo após sua criação, foram mal compreendidos, sem que se percebesse seu verdadeiro significado e consequências.

¹²⁸Joaquim Barbosa, então membro do Comitê Central Estadual (CCE), desligou-se do órgão máximo do PCB e lançou uma carta aberta ao próprio comitê. Joaquim exigia respostas a crítica feita por Astrojildo Pereira e afirma que João da Costa Pimenta: "o mais visado pela crítica acrimoniosa feita pelo camarada Astrojildo na última Conferência de Organização e por certo aprovada, com referência aos comunistas da F. Sindical, soubesse rebatê-la, reduzi-la às suas verdadeiras proporções." (Astrojildo Pereira, 1928, *El camino de la unidade sindical, en Brasil*, La correspondencia Sudamericana, 2º. época, Buenos Aires, p.12 apud Carone, 1989, p.220)

Sua aplicação prática só começou de fato em 1930, o que fez do obreirismo um fenômeno central na crise vivida pelo PCB entre 1929 e 1930, cujos efeitos se estenderam até 1934. É nesse contexto também que Astrojildo é afastado do partido devido a um desentendimento com Otávio Brandão.

Nas eleições de agosto de 1934, o partido posicionou-se contra o que chamava de “grupos federal burgueses¹²⁹” e manifestou-se agitando o proletariado para que lutasse por seus interesses. Em 1935, foi promulgada a chamada "Lei de Segurança Nacional", popularmente conhecida como "lei monstro". Essa lei tem seu primeiro texto em 4 de abril de 1935 e segundo Gonzaga (2016, p.113):

A Lei de Segurança Nacional, entre os anos de 1935 e 1945, possuiu três textos distintos: a Lei nº 38 de 4 de abril de 1935; a Lei nº 136 de 14 de dezembro de 1935 e o Decreto-Lei nº 431 de 18 de maio de 1938⁵³. Os textos legais comportam as características perniciosas apontadas, no primeiro capítulo, pelas críticas promovidas pelo Deputado Antonio Covello aos projetos da LSN que tramitaram na Câmara dos Deputados no ano de 1935. O excessivo uso de: (a) conceitos vagos e indeterminados; (b) tipificação de condutas como o incitamento e a instigação; (c) criminalização da “propaganda subversiva” pelo emprego de quaisquer recursos, desde a mera manifestação do pensamento até sua difusão social por meio de panfletos, revistas, da liberdade de cátedra e das liberdades de imprensa e de rádio-difusão; (d) criminalização da liberdade de associação por meio de grêmios, sindicatos, partidos e grupos de qualquer natureza; o que fez com que a LSN se tornasse a “Lei Monstro”, por solapar definitivamente os direitos e garantias individuais.

Já em 1935 Entre os dias 23 e 27 de novembro de 1935, o Brasil foi sacudido por uma série de levantes armados que ficariam conhecidos na história como a Intentona Comunista. Este movimento rebelde foi articulado e protagonizado por membros da Aliança Nacional Libertadora (ANL), uma frente política de esquerda, sob a liderança de Luís Carlos Prestes. O objetivo central da insurreição era derrubar o governo de Getúlio Vargas e instaurar um regime revolucionário no país, inspirado pelos

¹²⁹ “Verifica-se atualmente em todo o país uma grande mobilização eleitoral. Os partidos e grupos feudal-burgueses, tanto os que estão no poder como os de “oposição”, fazem por toda parte intensa propaganda de seus programas e candidatos tapeadores. Ao lado deles, a burocracia sindical reformista, os trotskistas, todos agentes das camarilhas dominantes nas fileiras do proletariado desenvolvem também grande atividade no sentido de semear entre as massas novas ilusões na “democracia” burguesa e, desse modo, desviá-las de suas lutas independentes por melhores condições de vida e de trabalho.” (Carone, E. 1982, p.143)

ideais socialistas. Os focos da rebelião eclodiram de forma coordenada em quartéis militares de três cidades estratégicas: Natal, no Rio Grande do Norte, que chegou a ser controlada pelos revoltosos por alguns dias; Recife, em Pernambuco; e no então Distrito Federal, o Rio de Janeiro. No entanto, a reação do governo foi rápida e contundente. As forças legalistas, mobilizando o poder de fogo e a hierarquia das Forças Armadas, com o Exército Brasileiro à frente, conseguiram sufocar as revoltas em um curto espaço de tempo. A repressão que se seguiu foi severa, marcando um período de intensa perseguição política e fortalecendo o poder do governo Vargas, que utilizou o episódio como justificativa para o fechamento do regime e a instauração do Estado Novo em 1937.

A narrativa oficial construída pelo governo Vargas, que pintou o levante de 1935 como uma conspiração estritamente comunista, foi imediatamente posta em cheque por alguns dos próprios envolvidos. Mesmo sob o clima de intensa perseguição política que se instalou no país pós-revolta, houve militantes que, nos meses seguintes, ousaram desafiar essa definição, lutando no campo das ideias para ressignificar o movimento. Uma dessas tentativas mais significativas de contrapor a versão do regime ocorreu em 1936, quando Fernando de Lacerda redigiu uma carta para o jornal internacional *La Correspondance Internationale*, na qual explicitamente contestava o rótulo de "Intentona Comunista" e procurava apresentar uma visão distinta dos acontecimentos:

 Não há quem negue que a última insurreição brasileira foi organizada e dirigida pela Aliança de Libertação Nacional (ANL). A própria camarilha de Vargas o confessa; e o documento do governo uruguaio ao embaixador soviético o confirma.

 Não nos resta mais do que destruir a mentira cometida por Vargas e seu bando, quando pretendem que a ANL seja uma organização comunista com o único fim de fazer da insurreição de novembro uma insurreição comunista.

 A ANL, desde sua formação em abril/maio de 1935, apresentou-se como uma organização de frente única, aberta a todos aqueles que desejavam lutar pela verdadeira independência do Brasil, pela liberdade e o progresso da pátria oprimida pelo imperialismo e pelo feudalismo. O programa da ANL, assim como o manifesto de Luís Carlos Prestes de 5 de julho, demonstram nitidamente esses objetivos: libertar o país do jugo dos imperialistas que não respeitam a soberania e as liberdades do povo brasileiro, assim como dos métodos bárbaros dos senhores feudais e dos governos, inimigos das liberdades e do progresso do povo.

Pelo contexto da segunda guerra, os anos que se seguiram após a intentona foram marcados por uma ditadura truculenta e repressiva. Este período culminou no Golpe de 1937, arquitetado pelo próprio presidente Getúlio Vargas. Aproveitando-se do clima de tensão internacional e, sobretudo, utilizando a Intentona Comunista como sua principal justificativa, Vargas declarou que o país estava à beira de uma guerra civil e sob a ameaça de uma "onda vermelha". Para conter essa suposta ameaça, ele deu um autogolpe, fechou o Congresso Nacional, outorgou uma nova Constituição de caráter autoritária e deu início ao Estado Novo. Sob o pretexto de salvar a nação do comunismo, instaurou-se uma ditadura que, de fato, foi extremamente truculenta e repressiva, caracterizada pela censura prévia à imprensa, pela perseguição política, pela criação de um aparato policial dedicado à repressão (como a polícia política de Filinto Müller) e pela centralização absoluta do poder nas mãos de Vargas, que governou por decretos-lei até 1945. É nesse contexto que novamente Fernando de Lacerda novamente faz duras críticas ao governo já em 1937, principalmente no que tange a relação do Brasil com os governos fascistas europeus:

Enfim, nosso povo, tradicionalmente amigo da democracia e da paz, não poderia compreender "democratas" brasileiros que se ligam ou tecem elogios aos fascistas alemães, italianos e japoneses, invasores da Abissínia, da Espanha e da China, covardes assassinos de crianças e mulheres de Guernica e de Almeria e outras cidades espanholas, os piores inimigos da democracia e da paz, os autores sangrentos e selvagens da "guerra total"! (apud Carone 1982 p.198)

Até 1945, o que se seguiu foram anos de truculência e ilegalidade do partido. Entretanto, antes de conseguir o seu breve período de legalidade, o partido organizou em 1943 a chamada "Conferência da Mantiqueira." Foi um evento de crucial importância para a reorganização do Partido Comunista Brasileiro (PCB) e realizou-se do dia 27 até o dia 30 de agosto de 1943. O encontro clandestino reuniu delegados representando uma significativa base territorial do país, incluindo as principais bases operárias e intelectuais do Rio de Janeiro e São Paulo, além de representantes de estados como Minas Gerais, Paraná, Rio Grande do Sul, Bahia, Sergipe e Paraíba. Em sua pauta, a Conferência examinou a complexa situação política nacional e internacional, definindo as tarefas urgentes do Partido diante do contexto global de combate ao nazifascismo. Foi também analisada e aprovada uma nova política de construção partidária, da qual

decorriam diretrizes organizacionais específicas para reforçar a estrutura interna. Um de seus atos mais decisivos foi a eleição de um novo Comitê Central, uma medida necessária uma vez que a direção anterior, assim como a ampla organização partidária, encontrava-se praticamente desmantelada em decorrência dos sucessivos e violentos golpes desferidos pela polícia política do Estado Novo.

A Conferência da Mantiqueira é reconhecida por sua enorme importância na revitalização da vida partidária. Ela foi fundamental para derrotar as tendências liquidacionistas que pregavam a dissolução do PCB em meio à feroz repressão e, ao mesmo tempo, firmou com clareza a necessidade de reconstruir e reorganizar o Partido. Paralelamente, o evento traçou as linhas de atuação dos comunistas na luta contra a ameaça nazifascista, posicionando-se firmemente a favor da declaração de guerra do Brasil às Potências do Eixo e defendendo o envio de uma Força Expedicionária Brasileira (FEB) para o front europeu. Foi também nessa conferência que Prestes foi eleito líder do partido. Sobre esse evento, vejamos parte do depoimento do próprio Prestes ao periódico *A Voz Operária*, em 1953 (apud Carone, 1982, p.238-239):

A Conferência traçou a linha política do Partido, que estabelecia a necessidade da união nacional contra o fascismo e exigia a participação direta do Brasil na guerra, através do envio de uma Força Expedicionária. A Conferência lançou uma vigorosa campanha de solidariedade e apoio à U.R.S.S., que sozinha suportava todo o peso da guerra. O objetivo dessa campanha era mobilizar a opinião pública para exigir a imediata abertura da Segunda Frente na Europa, a qual os imperialistas americanos e ingleses opunham crescentes obstáculos, no propósito ignóbil de fazer com que a União Soviética continuasse a lutar sozinha contra o nazismo, e assim enfraquecê-la.

A Conferência resolveu ainda exigir as liberdades democráticas para o nosso povo, e em primeiro lugar a anistia para os presos políticos, à frente dos quais se encontrava Luís Carlos Prestes.

Para que tais objetivos pudessem ser alcançados, a Conferência chegou à conclusão de que era indispensável um amplo movimento de massas, patriótico e antifascista, a cuja frente estivesse a classe operária. Comícios, passeatas, conferências, exposições antifascistas, criação de comissões patrióticas etc. — tais as formas de luta e de organização de massas indicadas pela Conferência.

A orientação política traçada pela Conferência da Mantiqueira estava impregnada de profundo internacionalismo proletário e expressava a incondicional fidelidade dos comunistas brasileiros à União Soviética. Baseada nos ensinamentos do Partido Comunista da União Soviética e do camarada Stalin, a Conferência compreendeu que a solução de todos os problemas de nosso país dependia, em primeiro lugar, da vitória das Nações Unidas, da vitória da U.R.S.S. sobre o nazismo. Graças à fidelidade do Partido à União Soviética pôde a Conferência determinar uma orientação política justa no fundamental, que assegurou a conquista de todos os objetivos traçados.

A legalidade do partido veio em 1945 após a queda de Getúlio Vargas. O ano de 1945 marcou o início da perda de sustentação do Estado Novo. No cenário externo, o alinhamento do Brasil aos Aliados na luta contra as potências do Eixo tornou a natureza do regime varguista alvo de críticas crescentes. Tornava-se flagrante a contradição entre o caráter autoritário do governo, que guardava semelhanças com os regimes nazifascistas combatidos, e o seu apoio a nações que defendiam a democracia.

Internamente, a sociedade civil começava a se mobilizar de forma mais aberta, exigindo a transição para um sistema político liberal. Em janeiro, um coletivo de intelectuais promoveu o I Congresso Brasileiro de Escritores — nos capítulos anteriores o trabalho discorre sobre esse congresso —, evento no qual foram defendidas a "plena liberdade de expressão" e a instauração de um governo escolhido por meio de "voto universal, direto e secreto". Ainda nesse período, o jornal *Correio da Manhã*, assumindo uma postura de oposição, burlou mais uma vez a censura ao divulgar uma entrevista contundente com o escritor e político José Américo de Almeida, que advogava pela realização de eleições presidenciais.

Essas rachaduras, que surgiam em várias frentes, foram progressivamente corroendo os alicerces do regime autoritário. Cercado por essas pressões internas e externas, o presidente Getúlio Vargas viu-se forçado a assumir publicamente o compromisso com um processo de redemocratização para o país. Seguindo no mesmo esquema, vejamos o que diz os representantes do partido sobre a redemocratização no final de 1945, a partir da coletânea de Edgar Carone:

O partido Comunista prosseguirá em sua luta pela convocação de uma Assembléia Constituinte, mesmo que não seja modificado o Ato Adicional e que se realizem as eleições no dia 2 de dezembro e, neste caso, fará questão de participar também da eleição para Presidente da República, devendo dentro de breves dias indicar ao povo candidato que merece o seu apoio, o homem capaz de inspirar confiança à Nação, democrata provado e na altura de executar no governo um programa mínimo de união nacional (Tribuna Popular, 1945 apud Carone 1982, p.63).

Enfim, é nesse contexto da redemocratização de 1945 que Lia Corrêa Dutra surge como candidata a vereadora pelo Rio de Janeiro e mostra uma defesa ferrenha da figura de Prestes. A histórica anistia que marcou o fim do Estado Novo permitiu que Luís Carlos Prestes, o "Cavaleiro da Esperança", saísse da prisão e retomasse sua atuação política. Neste momento crucial de reorganização partidária, a candidatura de Lia, vinculada ao

Partido Comunista Brasileiro (PCB), não era apenas uma disputa por um cargo legislativo, mas um ato de afirmação ideológica. Sua vigorosa defesa pública de Prestes simbolizava a reivindicação pelo legado da Aliança Nacional Libertadora (ANL) e pela memória da Intentona Comunista de 1935, agora reinterpretada como um ato heroico de resistência contra a ditadura varguista. Dessa forma, sua campanha tornou-se uma trincheira para reacender a chama do prestismo e consolidar o espaço do comunismo no novo cenário democrático que se tentava construir no país.

3.2.2 Lia Corrêa Dutra no PCB: Entre a defesa da FEB e o prestismo.

Lia Corrêa Dutra foi muito atuante contra os governos nazista e fascista. Sua militância começa a ficar clara nos arquivos da Hemeroteca Digital a partir de 1943, após ela conquistar o prêmio Humberto de Campos pelo livro *Navio sem Porto*. Em março de 1943, seu nome aparece na revista *Leitura* à ocasião de um jantar contra o fascismo organizado pelo jornalista pernambucano Osório Borba. A nota na revista *Leitura* destaca que a participação dos escritores foi considerável, apesar de não ter havido divulgação para o evento:

Não houve propaganda, mas compareceram ao jantar mais de uma centena de escritores, tendo ficado gente em pé, por falta de lugar. Isso bem prova que a classe dos que escrevem defendendo a dignidade humana está unida na luta contra os matadores da cultura e destruidores da “política de bem conviver com o próximo.”¹³⁰

¹³⁰ “Contistas do “Prêmio Humberto de Campos”. *Leitura*, Rio de Janeiro, 1943 Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=115509&pesq=%22Lia%20Corr%C3%AAa%20Dutra%22&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=1992> acesso em: 05 de abr. de 2025



Figura 6: Retrato da autora na reportagem ¹³¹

Antes de ingressar oficialmente na vida política, ao longo dos primeiros anos da década de 1940, a autora já demonstrava um apoio irrestrito ao envolvimento do Brasil no conflito mundial, posicionando-se claramente a favor do envio da Força Expedicionária Brasileira (FEB). Este alinhamento ocorria em um momento crucial, quando o Brasil, após ter portos brasileiros atacados por submarinos do Eixo, rompeu relações com a Alemanha e a Itália e decidiu participar diretamente dos combates. A FEB, mobilizada em 1944 e atuando principalmente na Campanha da Itália em 1945, tornou-se um símbolo significativo do compromisso do país com os Aliados e a luta contra o fascismo, uma causa que a autora, desde cedo, abraçou com convicção. Em uma pequena nota na Revista Leitura, Lia Corrêa Dutra afirma o seguinte:

Acompanhei os nossos “pracinhas” com o pensamento e o coração, solidária com êles, atenta a tudo quanto faziam e impaciente de ler as notícias transmitidas pelos nossos correspondentes de guerra. Em minhas aulas, na

¹³¹ Ibid.

escola, sempre exaltei os seus feitos heróicos e fiz com que aumentasse no espírito dos meus alunos a confiança que tinham em nossos soldados. Escrevi a respeito deles, mandei-lhes cigarros, comparecia a todos os comícios realizados em prol da anistia a nossos presos políticos, corolários indispensáveis a sua luta pela liberdade, pela democracia. Visitei no Hospital Central do Exército os que voltavam feridos; delirei de alegria com o povo, na rua, a notícia da vitória. Agi, em suma, como toda mulher brasileira. Nem mais nem menos que as outras; a melhor parte do coração de todas nós estava com eles, nossos “pracinhas”, aos quais devemos a vida nova e mais digna que o Brasil começa a viver.¹³²

Todavia, a colaboração mais importante da autora nessa defesa foi o livro infanto-juvenil *A História de um Pracinha*¹³³, publicado em 1946, ilustrado por Paulo Werneck, pelo Editorial Vitória¹³⁴. O único exemplar localizado dessa obra encontra-se em um dos fundos do APERJ (Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro). Sua materialidade sugere uma circulação extremamente limitada: trata-se possivelmente de um folheto ou publicação de baixo custo, uma vez que o exemplar sequer apresenta capa, como é possível verificar abaixo:

¹³² “Como Acompanhou a Luta da FEB na Frente Italiana?”. **Leitura**, Rio de Janeiro, ago. 1943 Disponível em:

<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=115509&pesq=%22Lia%20Corr%C3%AAa%20Dutra%22&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=3958> acesso em: 20 de mar. de 2025

¹³³ Dutra, Lia Corrêa. “A História de um pracinha”. **Editorial Vitória**, Rio de Janeiro, 1946 Disponível em: http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/mr/br_peapeje_dpe/prt/ind/0/00375/br_peapeje_dpe_prt_ind_0_00375_d0001de0001.pdf acesso em: 20 de mar. de 2025

¹³⁴O Editorial Vitória foi uma importante editora sediada no Rio de Janeiro, com atuação destacada nas décadas de 1940 até 1954. Mais do que uma editora comercial, ela funcionou como um braço editorial do Partido Comunista Brasileiro (PCB), sendo um canal vital para a divulgação de obras alinhadas aos ideais da esquerda e do movimento trabalhista em um período de restrições políticas. Para informações mais detalhadas sobre esse selo, verificar a tese de : JUBARTE, Vinícius de Oliveira. **A Editorial Vitória e as Edições Comunistas no Brasil: da legalidade ao golpe (1944-1964)**. 2023 . Tese (Doutorado em História Econômica) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023 . Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8137/tde-22082023-121502/en.php> . Acesso em: 08. ago. 2025

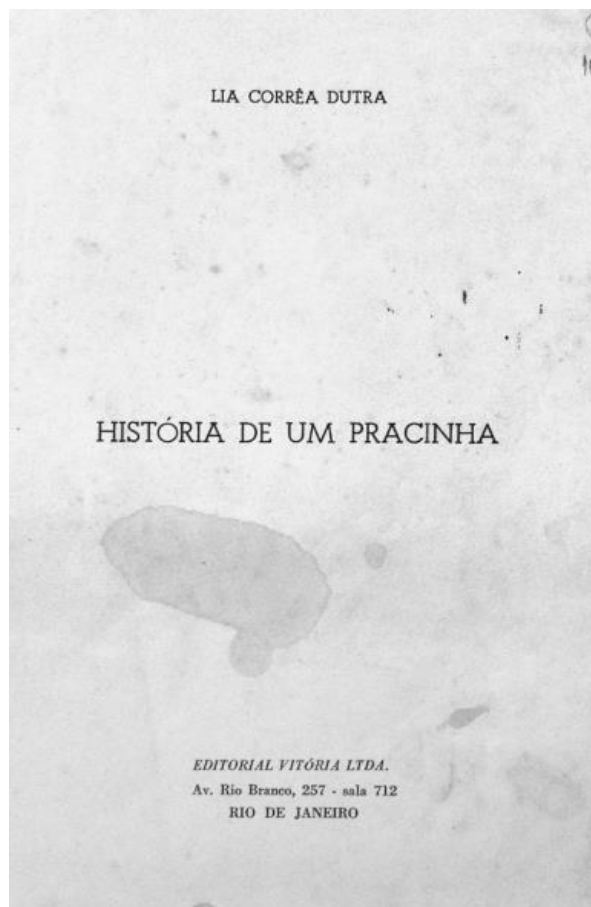


Figura 7: Capa do livro *A história de um pracinha* (nunca publicado oficialmente)

Trata-se de uma trama de um livro infanto juvenil de narrativa muito simples. Conta a vida de Carlitos, um menino pobre, esperto e de bom coração que mora num barraco em um morro, enfrentando a pobreza e as goteiras no telhado, mas sempre cheio de energia e sonhos. Sua infância é marcada pela amizade com Tião, um menino negro que sofre com o preconceito, e Pedrinho, filho de um oficial do Exército. A figura mais importante para eles é um velho e sábio Professor, quase cego, que, com paciência e clareza, responde às incessantes perguntas de Carlitos sobre o mundo.

Inspirados pelas aulas da escola e, sobretudo, pelas explicações do Professor sobre justiça, liberdade e a exploração das riquezas do Brasil por estrangeiros, os meninos começam a brincar de "História do Brasil". Eles recriam, com grande entusiasmo e criatividade, os principais episódios da nação: o Descobrimento, as Invasões Estrangeiras, a luta de Zumbi dos Palmares, a Inconfidência Mineira de Tiradentes, a Guerra dos Farrapos e a Abolição. Através destas brincadeiras, que

envolvem todas as crianças do morro, eles não apenas aprendem fatos históricos, mas também assimilam profundos valores de patriotismo, luta contra a opressão e amor à democracia. A menina Iracema consegue quebrar a resistência inicial e participar, representando heroínas como Anita Garibaldi, mostrando que as mulheres também tiveram um papel fundamental.

Conforme os anos passam, os amigos se separam. Pedrinho segue a carreira militar, Tião muda-se para o interior para trabalhar no campo e Carlitos se torna operário. Mesmo adulto, Carlitos mantém contato com o Professor, que agora o instrui sobre os perigos do fascismo e do nazismo que assolam o mundo, explicando conceitos como racismo e apontando figuras heróicas brasileiras mais recentes, como Luiz Carlos Prestes, o "Cavaleiro da Esperança".

O contexto internacional explode na vida do Brasil quando navios mercantes brasileiros são torpedeados por submarinos alemães. A população, indignada com a morte de civis, incluindo uma criança de dois anos cuja foto choca o país, vai às ruas exigir que o Brasil entre na guerra. Carlitos, Pedrinho e Tião alistam-se na Força Expedicionária Brasileira (FEB). Em um emocionante reencontro, os três amigos se encontram a bordo do navio que os leva para a Itália: Carlitos e Tião como soldados e Pedrinho como tenente.

Na Europa, eles lutam com bravura em batalhas como Monte Castello e Montese. Todos são feridos, mas sobrevivem. A FEB, ajudada pela FAB, vence sucessivas batalhas e é recebida com alegria pelo povo italiano, libertado do fascismo. A guerra termina com a vitória das Nações Unidas. De volta ao Brasil, a FEB é recebida com uma enorme festa e um desfile triunfal na Avenida Rio Branco, no Rio de Janeiro. A gente do morro, a família de Carlitos e o velho Professor, agora com um novo cachorro chamado "Democrata", estão lá para celebrá-los. É um reencontro carregado de emoção, onde os três amigos desfilam juntos, não mais como crianças brincando de heróis, mas como heróis de verdade.

A história conclui com um Brasil em transformação, retomando o caminho da democracia com eleições e uma Assembleia Constituinte. Os três amigos, agora cidadãos conscientes, prometem continuar sua luta: Pedrinho, no quartel, ensinando a amar a democracia; Tião, no campo, conscientizando os camponeses; e Carlitos, na

fábrica e no morro, atuando como um "Pracinha da Democracia". Eles percebem que sua jornada fechou um ciclo: não precisam mais brincar de fazer história, pois, com seu sangue e sua coragem, eles próprios escreveram um novo e glorioso capítulo na História do Brasil. A narrativa se encerra com Carlitos subindo o morro, que, apesar de ainda carecer de conforto e infraestrutura, agora é o lar de uma nova e poderosa esperança.

É interessante perceber a exaltação que a autora faz a Prestes, mesmo que a temática do livro não seja necessariamente ele, Lia Corrêa Dutra forja ocasiões na narrativa para citá-lo e exaltá-lo. Como quando é citado o episódio da "Coluna Prestes" e uma das crianças pergunta a personagem do professor sobre como Luis Carlos Prestes havia chegado tão jovem ao posto de general, e ele afirma:

Foram seus soldados que o fizeram General. E não encontrou ninguém que o vencesse. Durante dois anos, desafiando as forças legalistas, muito superiores às suas em armas, munições e número, desafiando os cangaceiros que os fazendeiros ricos empregavam para combatê-lo, percorreu o Brasil em todos os sentidos, e atravessou com sua Coluna para o estrangeiro. Por onde ia passando, ia fazendo justiça, protegendo os camponeses, pondo-se sempre ao lado do fraco contra o forte, do oprimido contra o opressor, do desprotegido contra o poderoso. E ia entrando para sempre no coração do povo. Sabe qual foi o nome que os patriotas lhe deram ? "Cavaleiro da Esperança" ¹³⁵

Ao longo da obra, a autora não dissimula seu profundo alinhamento com a figura e o projeto político de Luís Carlos Prestes. Esse posicionamento, longe de ser uma mera simpatia ocasional, manifesta-se de forma orgânica e consistente, permeando suas análises e juízos de valor. Trata-se, portanto, de uma adesão ideológica genuína, que reflete as convicções que ela mesma defendia publicamente em sua vida e trajetória intelectual. Na seção seguinte, pretendo desenvolver a uma análise pormenorizada dessa relação, investigando como o ideário prestista estrutura o alinhamento ideológico de Lia Corrêa Dutra nesse período.

É nesse contexto de maior militância que ela se lança como candidata a vereadora do Rio de Janeiro pelo PCB durante a Constituinte de 1946, aproveitando o breve período de legalidade do partido, ainda que a data exata de sua filiação permaneça incerta. A Constituinte de 1946, eleita em dezembro de 1945, representou o principal marco da redemocratização brasileira após o período do Estado Novo. Seus trabalhos refletem as

¹³⁵ Dutra, Lia Corrêa. "A História de um pracinha". **Editorial Vitoria**, Rio de Janeiro, 1946 Disponível em: http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/mr/br_peapeje_dpe/prt/ind/0/00375/br_peapeje_dpe_prt_ind_0_00375_d0001de0001.pdf acesso em: 20 de mar. de 2025

tensões e pactos do período pós-guerra, materializando-se numa Carta Magna que restabeleceu as liberdades democráticas e os direitos individuais, ao mesmo tempo que incorporou a consolidada legislação trabalhista da era Vargas. Embora progressista em suas garantias sociais, a Constituição de 1946 já nascia sob a sombra da Guerra Fria, incluindo dispositivos que permitiriam a posterior ilegalidade do Partido Comunista¹³⁶. A autora participou de inúmeras campanhas pela convocação da constituinte antes de se lançar candidata, como podemos ver abaixo sua campanha no bairro do catete:

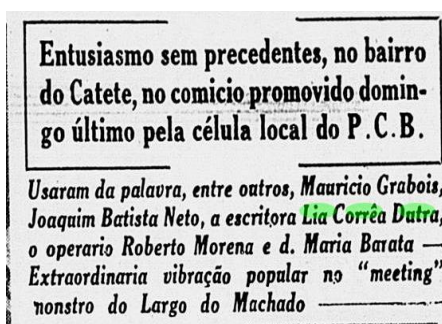


Figura 8: Manchete de 11 de julho de 1945 do jornal *Tribuna Popular*

Há também notícias de comícios na Vila Izabel¹³⁷, em Rio Comprido¹³⁸ e um piquenique do comitê popular em Niterói¹³⁹. Além de junto de Prestes Lia Corrêa Dutra participar de uma homenagem à espanhola Isidora Dolores Ibárruri Gómez conhecida como *La Pasionaria* que foi uma histórica líder comunista espanhola e símbolo da resistência republicana durante a Guerra Civil (1936-1939)¹⁴⁰. A notícia sobre a homenagem afirmou: “Nesta capital haverá em local a ser oportunamente anunciado um

¹³⁶ FERREIRA, Jorge. O Brasil Republicano: o tempo da experiência democrática – Vol. 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

¹³⁷ “Grande Massa popular compareceu, domingo, ao comício pró-Constituinte em Vila Izabel”. **Tribuna da Imprensa**, Rio de Janeiro, 15 de set. de 1945. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=154547&pesq=%22Lia%20Corr%C3%AAa%20Dutra%22&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.br&pagfis=932> acesso em : 20 de mar. de 2025

¹³⁸ “Comite Metropolitano: comícios eleitorais”. **Tribuna da Imprensa**, Rio de Janeiro, 26 de nov. de 1945. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=154547&pesq=%22Lia%20Corr%C3%AAa%20Dutra%22&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.br&pagfis=1306> 2 de mar. de 2025

¹³⁹ “Vida dos Comites Populares”. **Tribuna da Imprensa**, Rio de Janeiro, 15 de nov. de 1945. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=154547&pesq=%22Lia%20Corr%C3%AAa%20Dutra%22&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.br&pagfis=1320>

¹⁴⁰ Ibárruri, Dolores. *El único camino*. Madrid: Editorial Castalia, 1992.

grande ato público, no qual falarão Luis Carlos Prestes em nome do Partido Comunista do Brasil, a escritora Lia Correa Dutra [...]”¹⁴¹

No mesmo ano ela aparece em campanha pela autonomia administrativa do Distrito Federal. O PCB, através de seu "Programa Mínimo de União Nacional", incluía a concessão de autonomia para o Distrito Federal como uma de suas reivindicações democráticas. A notícia da Tribuna Popular¹⁴² afirma o seguinte:

Pertencente a uma família profundamente ligada as tradições cariocas, hoje renovadas e vitalizadas ao sopro dos seus grandes ideais democráticos Lia Corrêa Dutra fala com imenso carinho dos problemas da cidade e de sua população: — Todas as campanhas, iniciativas e reivindicações, populares do PCB são realmente, populares. A da autonomia empolgou por completo todos os verdadeiros cariocas e democratas, através principalmente dos Comitês Populares. Políticos de todos os partidos vem se manifestando abertamente, e com entusiasmo pela completa autonomia do Distrito Federal, o que quer dizer que eles sentem não só que a causa é justa, mas sobretudo, que o proletariado e o novo não se voltariam, como não se voltarão para aqueles que tentaram marcar passo com a Carta de 10 de novembro. Sendo esta um instrumento para-fascista é natural que liquidasse, como liquidou, com o direito de o povo carioca eleger seus governantes inclusive o Prefeito. Mas agora, que marchamos para um regime democrático, não seria lógico um democrata sincero concordar com os dispositivos coercitivos do monstrengo de 10 de novembro.

¹⁴¹ “Carinhosa Homenagem...”. **Tribuna da Imprensa**, Rio de Janeiro, 07 de dez. de 1945. Disponível em : <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=154547&pesq=%22Lia%20Corr%C3%AAa%20Dutra%22&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.br&pagfis=1437> acesso em: 09 ago. 2025.

¹⁴² Ibid.

coube a Luís Carlos Prestes, que, naquela altura, não era apenas o candidato a senador, mas também seu principal líder e voz intelectual. Prestes apresentou o conjunto de cinquenta candidatos que representam o PCB nas urnas, simbolizando a ampla frente de lutas que o partido pretendia abraçar. Consolidava-se um projeto político coletivo que buscava ecoar no recém-reaberto espaço democrático brasileiro. O relato na Tribuna Popular demonstra o clima de otimismo que existia: “Ficará nos anais da marcha vitoriosa do Brasil para a democracia mais essa concentração de massa na noite de hoje.”¹⁴³

Em janeiro de 1947, Lia Corrêa Dutra, junto com as candidatas Odila Schmidt, Heloisa Prestes e Ester dos Santos Roque, lança o 'Manifesto às Mulheres Cariocas'. No documento, as candidatas reivindicam soluções para os problemas relacionados às causas das empregadas domésticas, das donas de casa, das operárias, das professoras, entre outras¹⁴⁴.

Em fevereiro, são divulgados os resultados das eleições, Lia Corrêa Dutra fica em vigésimo segundo lugar com mil setecentos e trinta e três votos, não é eleita como vereadora, mas fica como suplente do vereador eleito B. Couto. No entanto, ela acaba sendo empossada em setembro, quando ele se licencia por questões de saúde. É interessante perceber, que quando isso ocorre o partido já estava na ilegalidade, como expressa a nota abaixo, que declara que o partido está extinto:

¹⁴³ “Prestes pronunciará importante discurso hoje no comício da Praia do Russell”. **Tribuna da Imprensa**, Rio de Janeiro, 10 de dez. de 1946. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=154547&pesq=%22Lia%20Corr%C3%AAa%20Dutra%22&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.br&pagfis=3776> acesso em: 14 ago. 2025.

¹⁴⁴ “Manifesto às mulheres cariocas”. **Tribuna da Imprensa**, Rio de Janeiro, 15 de jan. de 1947 disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=154547&pesq=%22Lia%20Corr%C3%AAa%20Dutra%22&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=4013> acesso em: 14 ago. 2025.

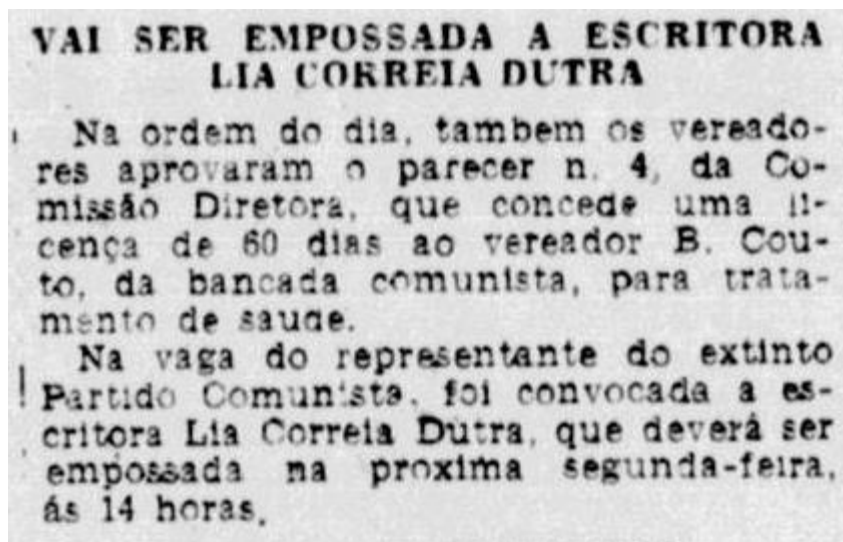


Figura 11: Trecho de manchete do jornal *O jornal* em 1947

Um dado significativo das disputas internas no PCB foi a campanha contra o 'prestismo' liderada por Otávio Brandão em fevereiro daquele ano. Ele criticava a exigência feita por Prestes de que os cinco primeiros candidatos eleitos renunciassem para dar posse aos suplentes. O manifesto publicado no jornal "A noite" declarava que:

Esbulho no nosso Partido! Prestes quer desprezar a vontade de milhares de camaradas, vontade essa manifestada pelas urnas, em 19 de janeiro último! Conchavo de amigos e conselho de família dentro do nosso Partido. Elegemos para vereadores do Distrito Federal, no último pleito, os nossos dignos camaradas, filhos do povo, humildes, mas comunistas convictos: Arlindo Antonio de Pinho (3.189 votos); João Massena Melo (3.187 votos); Ary Rodrigues da Costa (2.907 votos); Odília Schmidt (2.129 votos); e Joaquim José de Rego (2.121 votos), todos considerados vereadores. Mais ainda Joaquim Barroso (2.079 votos); Carlos Fernandes (1.800 votos); Sebastião Luiz dos Santos (1.768 votos); José Laurindo (1.756 votos); José Luiz Calazans (1.563 votos); Sirio Ribeiro (1.338 votos) e Astrogildo Pereira (1.293 votos). Pois bem, Prestes impõe que os cinco primeiros renunciem ao cargo de vereador, e que os demais renunciem o direito de suplentes, para que Eloísa Prestes, Lia Corrêa Dutra, Pedro Paulo Sampaio Laceda, Sinval Palmeira e Pedro Mota Lima ocupem aqueles cargos, embora com votação inferior. Mas Otávio Brandão, fiel aos princípios doutrinários do nosso Partido, vem de se opor firmemente a tal esbulho!¹⁴⁵

Já em janeiro de 1948, em um movimento que consolidou a ruptura do Estado com a esquerda radical, foi sancionada a Lei nº 211, proposta pelo deputado catarinense

¹⁴⁵ "Abaixo ao Prestismo". **A Noite**, Rio de Janeiro, 31 de mar. de 1947 disponível em: Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=348970_04&pesq=%22Lia%20Corr%C3%Aa%20Dutra%22&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=45494 acesso em: 14 ago. 2025

Ivo d'Aquino, que extinguiu os mandatos dos parlamentares eleitos pelo Partido Comunista do Brasil (PCB), que havia conquistado uma significativa bancada com 15 deputados federais, 1 senador e 18 vereadores pelo Distrito Federal nas eleições de 1947, teve seu registro cassado pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE) em maio daquele mesmo ano, com base na nova Constituição de 1946 que proibia partidos contrários ao regime democrático. Encerrando então a breve carreira política de Lia Corrêa Dutra, que como veremos agora, rompe totalmente com o partido.

O desaparecimento de Lia Corrêa Dutra dos arquivos da Hemeroteca após 1948 coincide com o auge da repressão anticomunista no Brasil, sugerindo um possível recuo forçado. Seu retorno só ocorreu em 1957, na Revista Leitura, mas sem o tom político anterior. A trajetória de apagamento e reinvenção culminou em 1969, já sob o AI-5, com seu livro "Memórias de um Saudosista".

Todavia, esse “desaparecimento” é muito mais que um recuo político, tratando-se na verdade de uma virada de chave, visto que em 1950 a Abadia Nullius de Na. Sra. do Monserrate do Rio de Janeiro arquivava o documento que abjura a autora. Pois ela mesma solicita a igreja e professa novamente a fé católica, negando totalmente o seus princípios comunistas em oito de dezembro de 1957, como pode-se verificar em uma certidão encontrada nas bases da APERJ:

Certifico que nesta Abadia Nullius de Na. Sra. do Monserrate do Rio de Janeiro está arquivado o documento da petição e abjuração de Lia Corrêa Dutra, tendo o seguinte teor: Exmo e Revmo Snr. D. Abade Nullius. Lia Corrêa Dutra, moradora na cidade do Rio de Janeiro, Distrito Federal, filha legítima de Ataliba Corrêa Dutra e de Zilda Corte Real Corrêa Dutra, solteira, com quarenta e nove anos de idade, vem a presença de Va.Ex. dizer que, tendo pertencido por vários anos ao Partido Comunista, deseja agora retornar ao seio da Santa Igreja Católica, onde foi batizada, e onde viveu os primeiros anos de sua vida. Visto, porém, não o poder fazer sem a devida licença de V.Ex., vem por isso pedir a V.Ex. se digne de cometer os seus poderes ao D.R.Basilio Penido O.S.B., para que este possa receber-lhe a profissão de Fé Católica na Igreja Abacial do Mosteiro de São Bento desta cidade, e também para a absolver de quaisquer censuras em que tenha incorrido. E.R.Mcê. Rio de Janeiro, oito de dezembro de mil novecentos e cinqüenta e sete. //(ass.) Lia Corrêa Dutra.- Como pede. Martinho Michler O.S.B.abade Nullius. Rio, oito de dezembro de mil novecentos e cinquenta e sete. (Abjuração) **Eu, Lia Corrêa Dutra, natural do Distrito Federal, com quarenta e nove anos de idade, diante de vós, Rev.Snr. Delegado especial do Revmo. Dom Abade Nullius, e tocando com minha mão os Santos Evangelhos, professo aceitar firmemente e crer que ninguém poderá alcançar a salvação eterna sem que com toda a sinceridade creia e aceite tudo o que crê e ensina a Santa Madre Igreja Católica Apostólica Romana, da qual Igreja de Jesus Cristo pesa-me do íntimo da alma haver-me afastado porque aderi aos erros do comunismo**

materialista e ateu. Agora, porém, pela graça de Deus, de todo o coração renuncio aos erros contrários e opostos à Santa Igreja Católica Apostólica Romana. Em suma, creio e professo todas e cada uma das verdades e dogmas revelados que sustenta e ensina a Santa Madre Igreja. Assim me ajudem Deus e estes Santos Evangelhos que toco com minhas próprias mãos. Com o meu próprio punho subscrevo esta profissão de fé Católica, que ora faço. (ass.) Lia Corrêa Dutra. Testemunhas: (ass.) Ir.Tiago Quinhões Carneiro. Ir. Tadeu Albuquerque Lopes. Aos oito dias do mês de dezembro de mil novecentos e cinquenta e sete por delegação especial de S.Ex. o Sr.D. Abade Nullius, recebi a profissão de fé constante no presente documento, na forma costumeira da Igreja. Ita est. D.Basílio Penido O.S.B., Sacerdote delegado.¹⁴⁶



Figura 12: Fotografia de Lia Corrêa Dutra no prontuário da APERJ.

¹⁴⁶ APERJ - Prontuário Lia Corrêa Dutra, 1949, p.26 disponível em: <https://www.familysearch.org/pt/tree/person/memories/G65S-KB4>

CONCLUSÕES

Esta dissertação percorreu a trajetória complexa de Lia Corrêa Dutra, uma intelectual cuja vida e obra condensam tensões fundamentais da experiência brasileira na primeira metade do século XX. Ao reconstituir seu percurso – da jovem burguesa e católica, autora de versos elogiados pela Academia, à militante comunista e diretora de um jornal feminino engajado, e, posteriormente, à figura que parece retirar-se silenciosamente do cenário público –, este trabalho não apenas cumpriu o objetivo de resgatar uma voz soterrada pelo esquecimento, mas também clareou os complexos mecanismos de inclusão e exclusão que regem a memória cultural e histórica do país. A pergunta que orientou esta investigação — qual o contexto histórico e literário que levou ao esquecimento de sua biografia e obra, e como podemos recuperar e valorizar sua contribuição? — revela-se, no fim do percurso, como uma chave para compreender não apenas um destino individual, mas também as dinâmicas mais amplas de um período marcado por profundas convulsões políticas, transformações sociais e redefinições do papel do intelectual.

A análise da trajetória de Lia Corrêa Dutra demonstra, em primeiro lugar, a fluidez e a complexidade das identidades ideológicas em um contexto de intensa polarização. Sua transição de uma formação católica e burguesa, bem estabelecida nos círculos sociais cariocas, para uma atuação de destaque no Partido Comunista Brasileiro, não foi um movimento simples ou linear. Foi, antes, um processo marcado por inflexões, contradições e um profundo engajamento com seu tempo. A Revolução de 1930, como ela mesma relatou, foi um evento catalisador que arrancou sua família da estabilidade e a lançou em um novo mundo de necessidades e percepções. Esse evento pessoal coincidiu com a efervescência intelectual e política do país, permitindo-lhe canalizar sua escrita para uma crítica social aguda, como atestam suas crônicas no *Correio da Manhã*, onde já discutia, com notável perspicácia, temas como a ascensão do nazismo, a hipocrisia burguesa, a condição operária e os papéis de gênero.

O Prêmio Humberto de Campos, conquistado com *Navio sem Porto* em 1941, consagrou-a literariamente, mas também a inseriu em um campo de forças onde a

literatura era cada vez mais convocada a se posicionar. Contos como o que dá título ao livro, uma comovente e feroz denúncia da política de portas fechadas aos refugiados judeus, e "Banho de Rio", uma perturbadora incursão nas sombras da psicologia infantil e nas hierarquias sociais, mostram que sua literatura era um instrumento de intervenção no real, sem abdicar da complexidade formal e da profundidade humana. Esta fase de maturidade literária caminhou concomitantemente com seu aprofundamento político. Sua atuação no Primeiro Congresso Brasileiro de Escritores, em 1945, onde apresentou a tese "O escritor na guerra e no mundo de após guerra", é emblemática de sua crença em um intelectual orgânico, cuja palavra deveria ser uma arma na luta contra o fascismo e pela democracia. Sua defesa de que o silêncio era, em si, uma forma de posicionamento, e sua convocação para que os escritores se unissem e se aproximassem do povo, a colocam no cerne do debate intelectual da época.

O apogeu de seu engajamento público materializou-se com sua filiação ao PCB, sua candidatura a vereadora em 1946 – sendo eleita suplente, antes de ser cassada pela ilegalidade do partido – e, sobretudo, com a direção do semanário *O Momento Feminino*, a partir de 1947. Este periódico, vinculado ao PCB e dirigido inteiramente por mulheres, representou a convergência de suas lutas: a causa antifascista, a militância partidária e a emancipação feminina. Nele, Lia Corrêa Dutra e suas companheiras articularam um feminismo popular e classista, discutindo desde o custo de vida e os direitos trabalhistas até a paz mundial, sempre enquadrando a liberação da mulher dentro de um projeto mais amplo de transformação social. Esta fase representa o ponto mais visível e politicamente definido de sua trajetória, mas também o que a tornou mais vulnerável às mudanças do cenário político nacional.

É aqui que chegamos ao núcleo do problema do esquecimento. O apagamento de Lia Corrêa Dutra do cânone literário e da memória política não foi um evento singular, mas um processo resultante de múltiplos fatores, resultado da intersecção de fatores políticos, de gênero e literários. Em primeiro lugar, o fator político foi decisivo. A cassação do PCB em 1947 e a escalada do anticomunismo durante a Guerra Fria criaram um ambiente hostil para os militantes do partido. Muitos intelectuais foram perseguidos, calados ou forçados ao exílio. O fato de ela ter sido uma figura pública e identificada com o partido durante seu período de maior legalidade (1945-1947) marcou-a profundamente.

Embora as fontes primárias analisadas não detalhem as circunstâncias exatas de seu afastamento da militância ativa – se por expulsão, desfiliação voluntária, desilusão ou coerção –, é inegável que o fechamento do campo democrático e a repressão crescente tornaram a vida pública perigosa para ex-militantes.

Em segundo lugar, operou um potente fator de gênero. A historiografia tradicional, por décadas, negligenciou a contribuição das mulheres para a vida intelectual e política do país. Figuras como Lia, que atuavam na interseção entre a literatura e a militância, muitas vezes eram relegadas a notas de rodapé ou lembradas apenas em suas relações com homens mais famosos. Sua atuação no *Momento Feminino*, por exemplo, um veículo de imprensa considerado "menor" por ser feminino e partidário, foi historicamente subvalorizada em comparação com a produção de autores homens em grandes jornais ou revistas de ampla circulação. O apagamento de Lia é, assim, parte de um fenômeno mais amplo: o silenciamento sistemático das vozes femininas que arriscaram desafiar os limites do espaço público.

Por fim, os fatores literário e estético contribuíram para sua marginalização. A obra de Lia Corrêa Dutra não se encaixa confortavelmente em nenhuma das "etiquetas" canônicas mais consagradas do período. Ela não era uma modernista radical como Clarice Lispector ou uma regionalista social no molde de Jorge Amado. Sua prosa, embora moderna em sua sensibilidade e temática, mantinha uma ligação com formas narrativas mais tradicionais, de feição realista e psicológica. Essa posição intermediária, essa recusa em aderir a um programa estético definido, pode tê-la deixado em um limbo crítico. Enquanto os autores alinhados ao Partido, como Jorge Amado em sua fase mais ortodoxa, ou os grandes inovadores formais, como Guimarães Rosa, consolidaram seus lugares no panteão literário, a produção de Lia, de grande qualidade, mas de difícil categorização, foi paulatinamente saindo de circulação – agravada pelo fato de *Navio sem Porto* ter tido uma única edição, hoje raríssima.

Recuperar a trajetória de Lia Corrêa Dutra, portanto, é mais do que um simples preenchimento de uma lacuna biográfica. É um ato de justiça histórica que nos obriga a reavaliar o mapa intelectual do Brasil nas décadas de 1930 a 1950. Sua vida nos mostra que as fronteiras entre o literário e o político eram porosas, que o engajamento assumia formas complexas e que as mulheres desempenharam papéis fundamentais, ainda que

depois apagados, na construção da esfera pública. Sua obra, particularmente *Navio sem Porto*, merece ser relida e inserida no cânone, não apenas por seu valor testemunhal, mas por suas qualidades artísticas.

Este trabalho, evidentemente, não esgota as possibilidades de investigação sobre Lia Corrêa Dutra. A principal limitação reside na escassez de fontes sobre os últimos quarenta anos de sua vida (1949-1989), um longo período de silêncio que permanece, em grande parte, incompreendido. Pesquisas futuras poderiam se dedicar a: Investigar arquivos do PCB, do DOPS e de outras instituições policiais para mapear com precisão sua atuação e eventual vigilância no partido, bem como as circunstâncias de seu afastamento; Buscar entrevistas com familiares, amigos ou conhecidos que possam lançar luz sobre sua vida privada e suas motivações para o retraimento público; Realizar um levantamento minucioso em hemerotecas e arquivos em busca de textos publicados sob pseudônimos, uma prática comum em períodos de repressão; Aprofundar a análise de sua atuação no Momento Feminino, relacionando-a com o movimento de mulheres comunistas no Brasil e no exterior.

Em última análise, a história de Lia Corrêa Dutra é a história de uma voz que ecoou com força em seu tempo e que, por uma confluência de forças políticas, sociais e culturais, foi progressivamente silenciada. Seu esquecimento nos fala, de forma eloquente, sobre os mecanismos seletivos da memória e sobre os custos pessoais de se viver intensamente as contradições de uma época. Trazê-la de volta à luz é um compromisso com uma história mais complexa, uma história na qual figuras como Lia Corrêa Dutra ocupam, por direito próprio, um lugar de destaque.

REFERÊNCIAS

BERGAMO, Edvaldo. Ficção e convicção: Jorge Amado e o neo-realismo literário português. São Paulo: UNESP, 2008

BOSI, Alfredo. História Concisa da Literatura Brasileira. São Paulo: Cultrix, 2021.

CANDIDO, Antonio. A revolução de 1930 e a Cultura. In: Novos Estudos Cebrap, São Paulo, v. 2, 4, 1984. p. 27-36

CARONE, Edgard. A república liberal II evolução política (1945 – 1964). São Paulo

_____ PCB, V.1 (1922/1943). Editora Bertrand Brasil: São Paulo, 1ª Edição, 1982.

_____ PCB, V.2 (1943/1964) - VOL. 2 Editora Bertrand Brasil: São Paulo, 1ª Edição, 1982.

_____ PCB, V.3 (1964/1982) - VOL 3. Editora Bertrand Brasil: São Paulo, 1ª Edição, 1982.

CHIAPPINI, L. (2000). Literatura e História. Notas sobre as relações entre os estudos literários e os estudos historiográficos. Literatura E Sociedade, 5(5), 18-28.
<https://doi.org/10.11606/issn.2237-1184.v0i5p18-28>

CORRÊA DUTRA, L. Navio Sem Porto . Rio de Janeiro : [s.n.].

CORREA, Larissa ; VISCO, Nina Teruz. Falam as eleitas do povo: vereadoras e comunistas, a atuação política das mulheres do PCB no Rio de Janeiro (1946-1948). Revista Mundos do Trabalho(online) , v. 14, p. 1-22, 2022. Disponível em:
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/mundosdotrabalho/article/view/87219>

DIAS, Luís Augusto Costa - O «Vértice» de uma renovação cultural. Imprensa periódica na formação do neo-realismo (1930-1945). 2012. 393 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de Coimbra, Coimbra, 2012

Difel, 1985.

_____ O Marxismo no Brasil: das origens a 1964. Dois Pontos Editora, 1986

FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (Org). O tempo da experiência democrática: da democracia de 1945 ao golpe civil-militar de 1964. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

HALLEWELL, L. O livro no Brasil (sua história). [s.l.] São Paulo Queiroz, 1985.

INFANGER, I. B. . A atuação da sufragista Anna Amélia de Queiroz: os caminhos do feminino no Brasil República. In: XXII Semana de História, 2019, Franca. O Poder na História. São Paulo: Unesp, 2019. v. 22. p. 39-57.

LIMA, Felipe Victor. Literatura e engajamento na trajetória da Associação Brasileira de Escritores (1942-1958). 2015. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. doi:10.11606/T.8.2016.tde-11042016-112626.

_____. O Primeiro Congresso Brasileiro de Escritores: movimento intelectual contra o Estado Novo (1945). 2010. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. doi:10.11606/D.8.2010.tde-02082010-194935.

MARQUES, TERESA CRISTINA NOVAES . A regulação do trabalho feminino em um sistema político masculino, Brasil: 1932-1943. Estudos Historicos (Rio de Janeiro) , v. 29, p. 667-686, 2016.

MICELI, Sérgio. *Intelectuais à Brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto; MELO, Clóvis; ANDRADE, Aristélio Travassos. *O Ano Vermelho Rio de Janeiro: Civilização Brasileira*, 1967.

NETO, L. M. *A Nossa Segunda Guerra: Os Brasileiros em Combate, 1942-1945*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1991.

PEREIRA, Astrojildo. *Contruindo o PCB*. São Paulo: Ciências Humanas, 1980.

PEREIRA, Lúcia Miguel. 1988; Machado de Assis, estudo crítico e biográfico. S.I.: *Círculo Literário Brasileiro*.

POTECHI, B. . *As mulheres dos estatutos no Congresso Nacional Brasileiro*. ESTUDOS FEMINISTAS , v. 27, p. 1-13, 2019.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão. Tensões Sociais e Criação Cultural na Primeira República*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SKIDMORE, Thomas. *Brasil: de Getúlio a Castelo (1930-1964)*. 9ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988

TRAVASSOS, Nelson Palma. *Nos Bastidores da Literatura*. São Paulo: Brasiliense, 1945.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o “perigo vermelho”:o anticomunismo no Brasil (1917 – 1964)*. São Paulo: Perspectiva: FAPESP, 2002.